



MATURIDADE ESPIRITUAL DO LÍDER

Orientações Bíblicas para
um Ministério Eficaz



SILAS QUEIROZ





MATURIDADE ESPIRITUAL DO LÍDER

Orientações Bíblicas para
um Ministério Eficaz



SILAS QUEIROZ

MATURIDADE ESPIRITUAL DO LÍDER

**Orientações Bíblicas para
um Ministério Eficaz**

SILAS QUEIROZ

SILAS QUEIROZ

MATURIDADE ESPIRITUAL DO LÍDER

**Orientações Bíblicas para
um Ministério Eficaz**

1ª Edição



Rio de Janeiro
2021

Todos os direitos reservados. Copyright © 2020 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento

Revisão: Daniele Pereira

Capa: Elisangela Machado

Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

CDD: 250 - Congregações cristãs, prática e teologia pastoral

e-ISBN: 978-65-5968-171-6 .

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <https://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

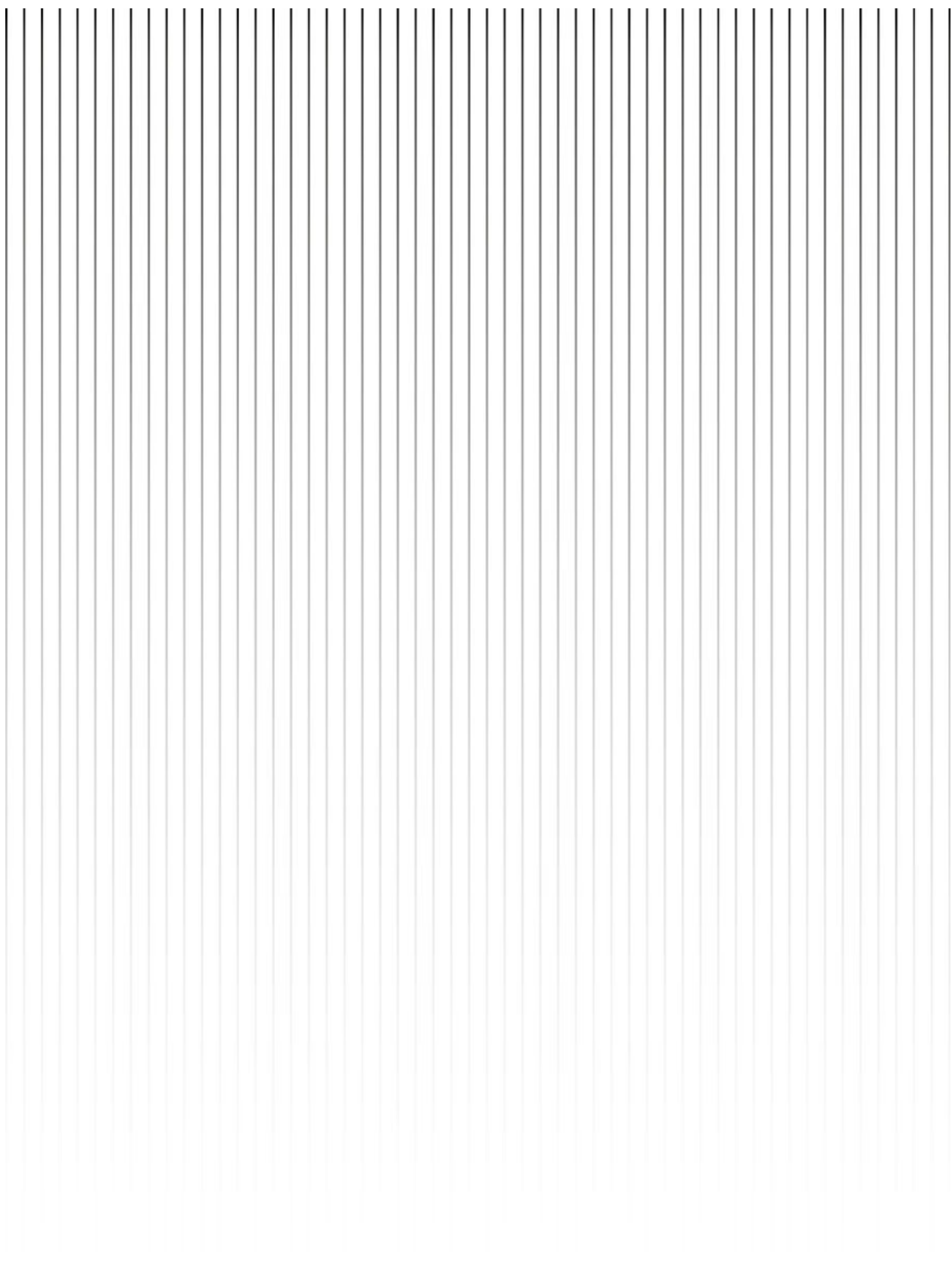
CEP 21.852-002

1ª edição: 2021

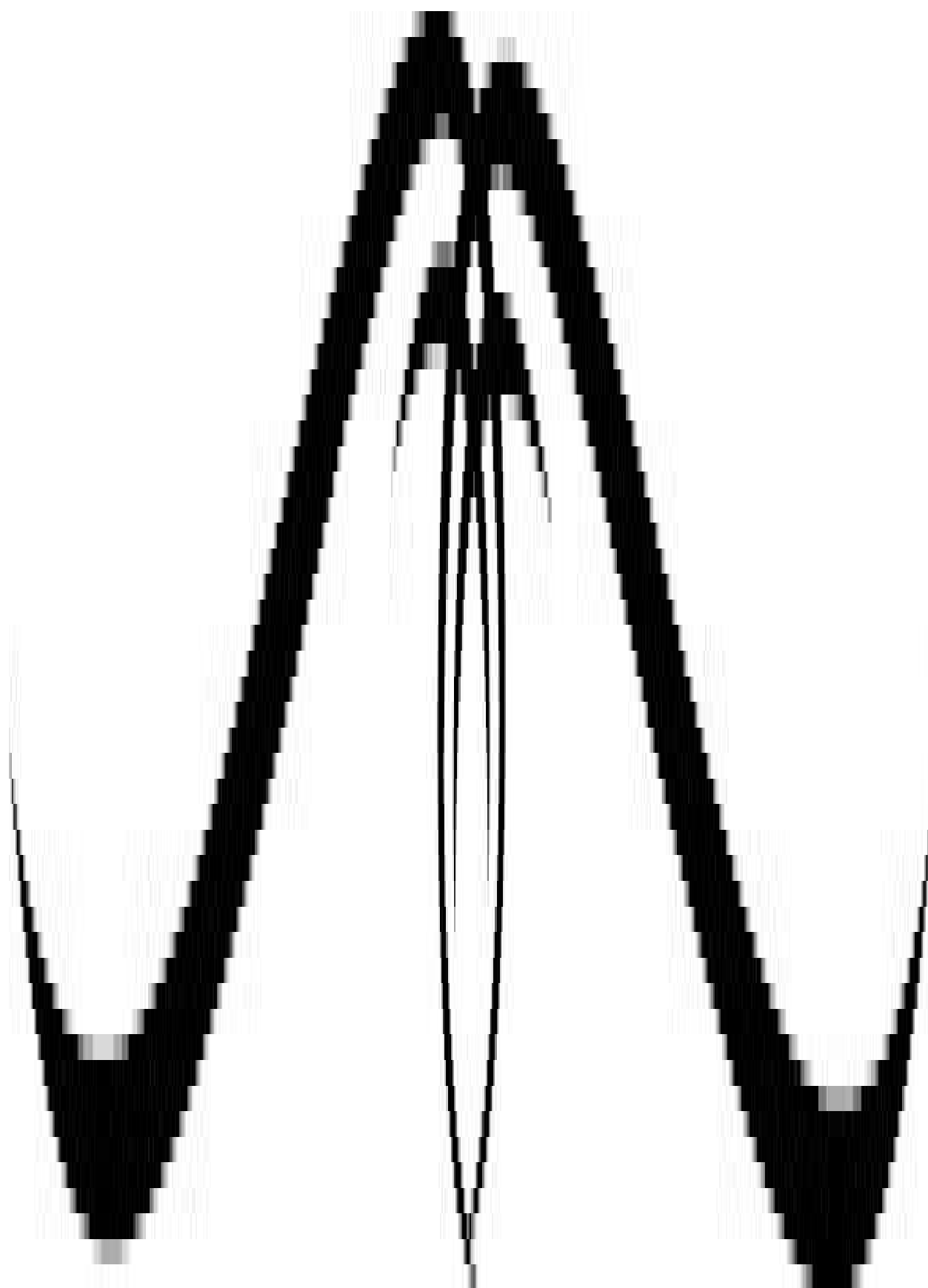
Dedicatória

À minha mãe, Amélia, heroína e intercessora; viúva, de quase 84 anos, que não se aparta do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia.

Soli Deo Gloria!



Agradecimentos



Ao Deus Eterno, pela sua graça salvadora e capacitadora, e pelas suas misericórdias, que me alcançam a cada dia. Sem Ele, nada do que foi feito se fez.

Ao meu pai, João Amaral (in memorian), pelo seu sólido legado. À minha mãe, Amélia, por nunca ter desistido de levar-me ao templo para ouvir as sagradas letras.

À minha esposa, Jocineide, e a meus filhos Júnior, Ana Carolina e Gabriel, amigos e companheiros especiais. Vocês têm expressiva parte neste trabalho. Amo vocês.

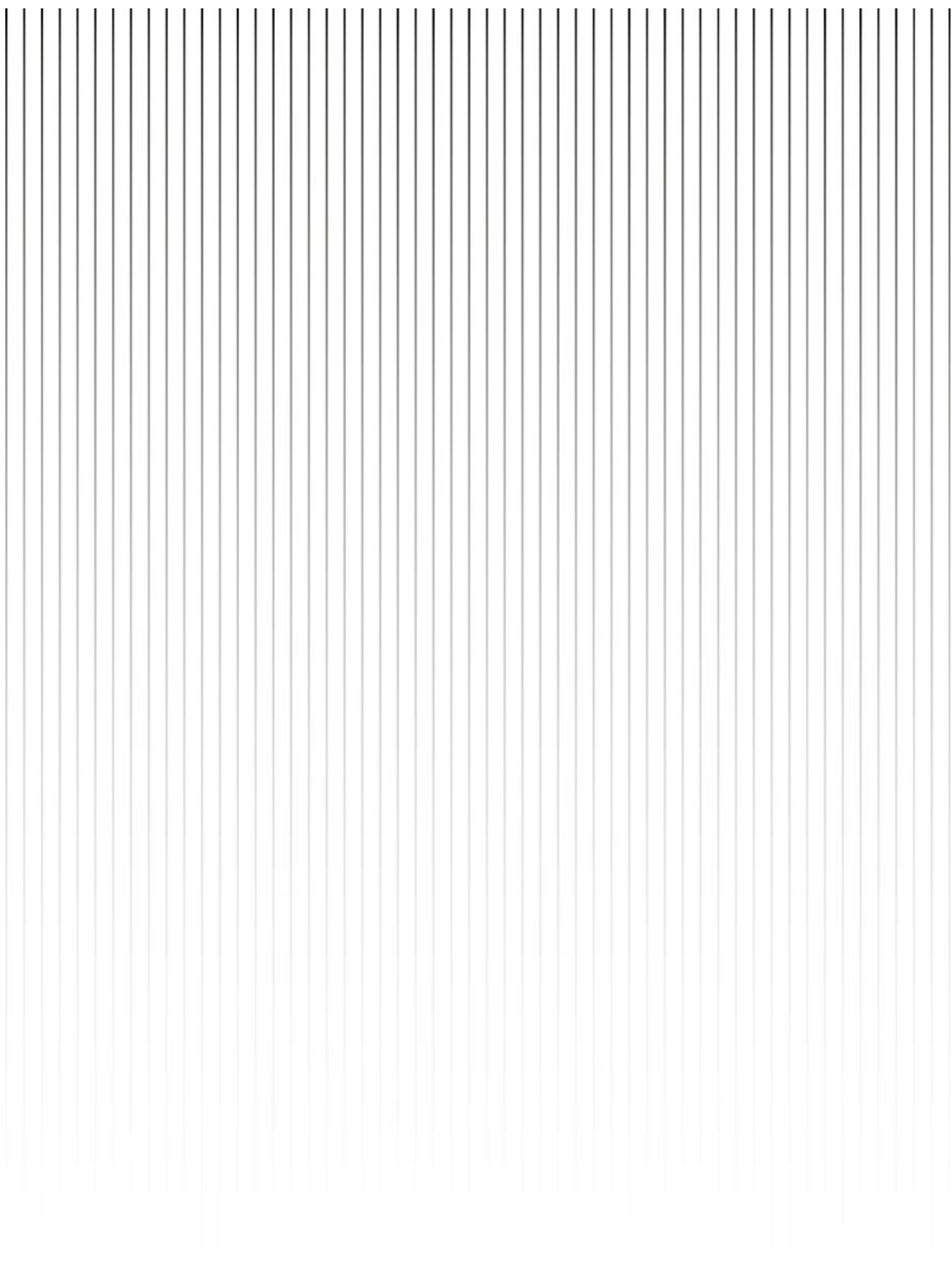
A todos os líderes espirituais que me deram (e/ou me dão) valiosas oportunidades de servir juntamente com eles no Reino de Deus, dos quais cito: Severo Antônio de Araújo (in memorian), Nelson Luchtenberg, Sadraque Muniz e Joáz Ovídio de Oliveira.

Aos pastores Abraão de Almeida, reconhecido escritor evangélico, e César Moisés Carvalho, já um expoente da literatura pentecostal, pela honra que me deram ao escrever, respectivamente, o prefácio e a apresentação desta obra.

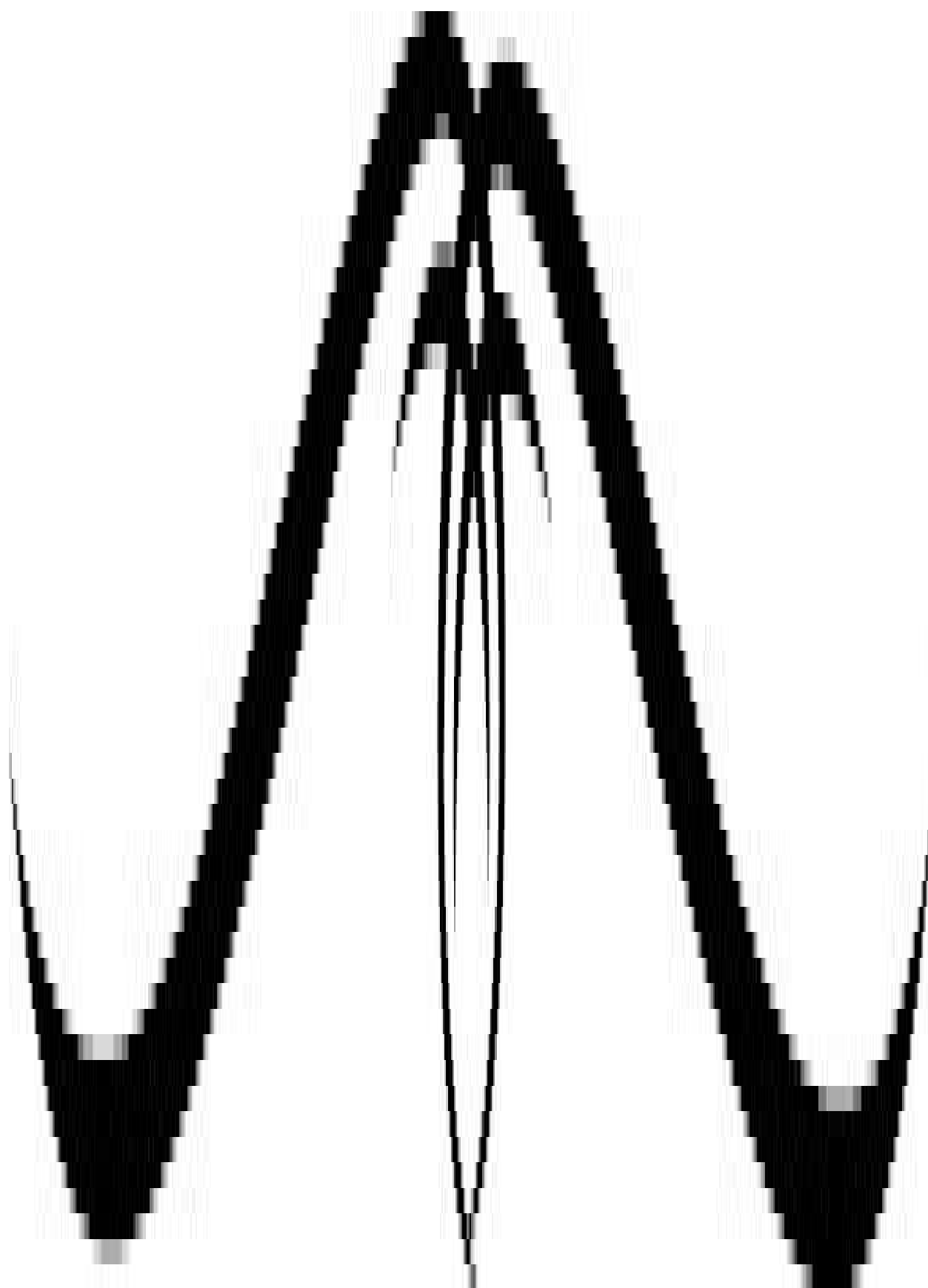
À direção e toda a equipe CPAD, pelo prestimoso trabalho.

A todos aqueles, conhecidos e anônimos, a quem Deus deu-me a honra de ter como intercessores e apoiadores nas mais diversas empreitadas de minha vida.

A você, leitor, e a todos quantos esta obra alcançar



Apresentação



Enviado pela CPAD para uma visita técnica na Assembleia de Deus em Cacoal, interior de Rondônia, na época em que não havia ainda aeroporto na cidade, mas apenas em Ji-Paraná, participei de uma reunião com um grupo de pastores que auxiliariam localmente nos preparativos da 12ª Conferência de Escola Dominical, ocorrida de 1º a 4 de novembro de 2008. A referida reunião fora realizada em uma noite de agosto, daquele mesmo ano, a fim de que explicássemos o conteúdo do evento e o quanto era importante que a liderança apoiasse a sua realização. E foi após essa reunião que conheci o autor da obra que o leitor tem em mãos. Portanto, nossa amizade já tem 12 anos e, vez por outra, encontramos-nos em eventos em que ministramos e dividimos o púlpito.

Nascido em 24 de novembro de 1971 em Ouro Preto do Oeste, também no interior do Estado de Rondônia, Silas Rosalino de Queiroz graduou-se em Direito pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e em Teologia pela Faetel. Ocupou a vereância na legislatura de 1997–2000 na cidade de Ji-Paraná, onde atualmente é Procurador. Além das suas atividades profissionais e públicas, há quase duas décadas pastoreia congregações das Assembleias de Deus do campo de Ji-Paraná e também exerce funções eclesiais na Convenção Estadual de Ministros das Assembleias de Deus no Estado de Rondônia (Cemaderom) e também na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

Por conta da sua erudição e do seu exercício jornalístico, os periódicos da Casa sempre contam com a pena do autor assinando importantes artigos. Silas Queiroz também possui obras independentes lançadas no seu Estado natal que contam com várias impressões e relativo sucesso. Mas não são esses valiosos exemplos, que inequivocamente comprovam a sua capacidade literária, que o levaram a publicar, e sim a sua atuação ministerial. O autor brinda-nos com a presente obra e estreia na CPAD com o seu primeiro livro falando da maturidade espiritual do líder, isto é, destacando a necessidade de experiência espiritual para exercer-se o labor requerido pela lide ministerial.

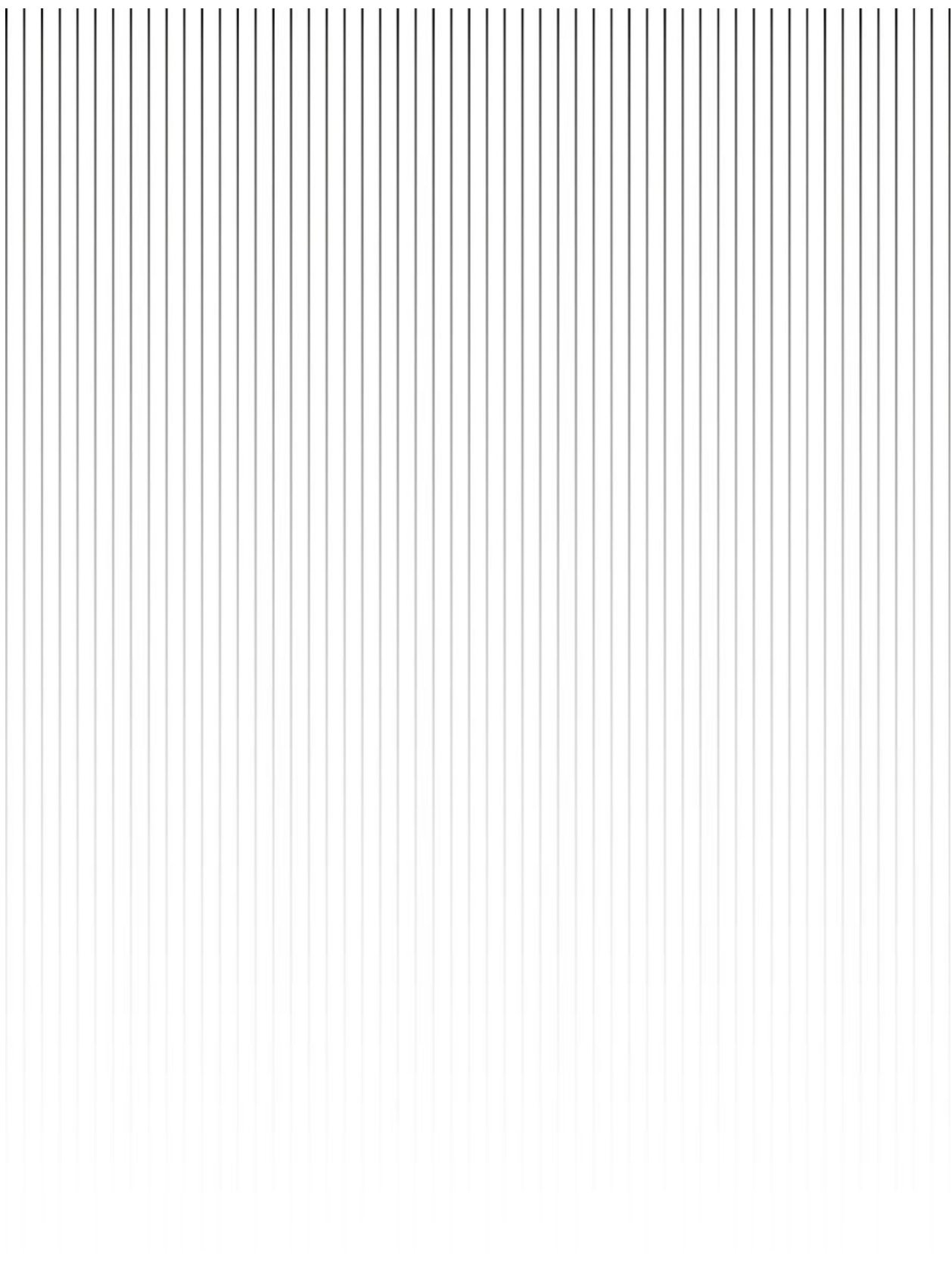
Silas Queiroz conseguiu, sem falar da óbvia chamada ministerial, conjugar dois aspectos imprescindíveis ao obreiro verdadeiramente pentecostal: conhecimento e poder. A sua idade, que ainda não chegou a meio século, não deve levar os leitores experientes a pensar que ele seja muito jovem, nem, de igual forma, os mais novos, a achar que ele já está muito velho e sem muito contato com a atualidade para compartilhar das problemáticas que se apresentam a eles nos dias

de hoje. As experiências no desempenho da causa do Mestre trouxeram-lhe maturidade ministerial e espiritual suficiente para conduzir-nos à percepção de que é necessário ao obreiro ainda se desenvolver espiritualmente.

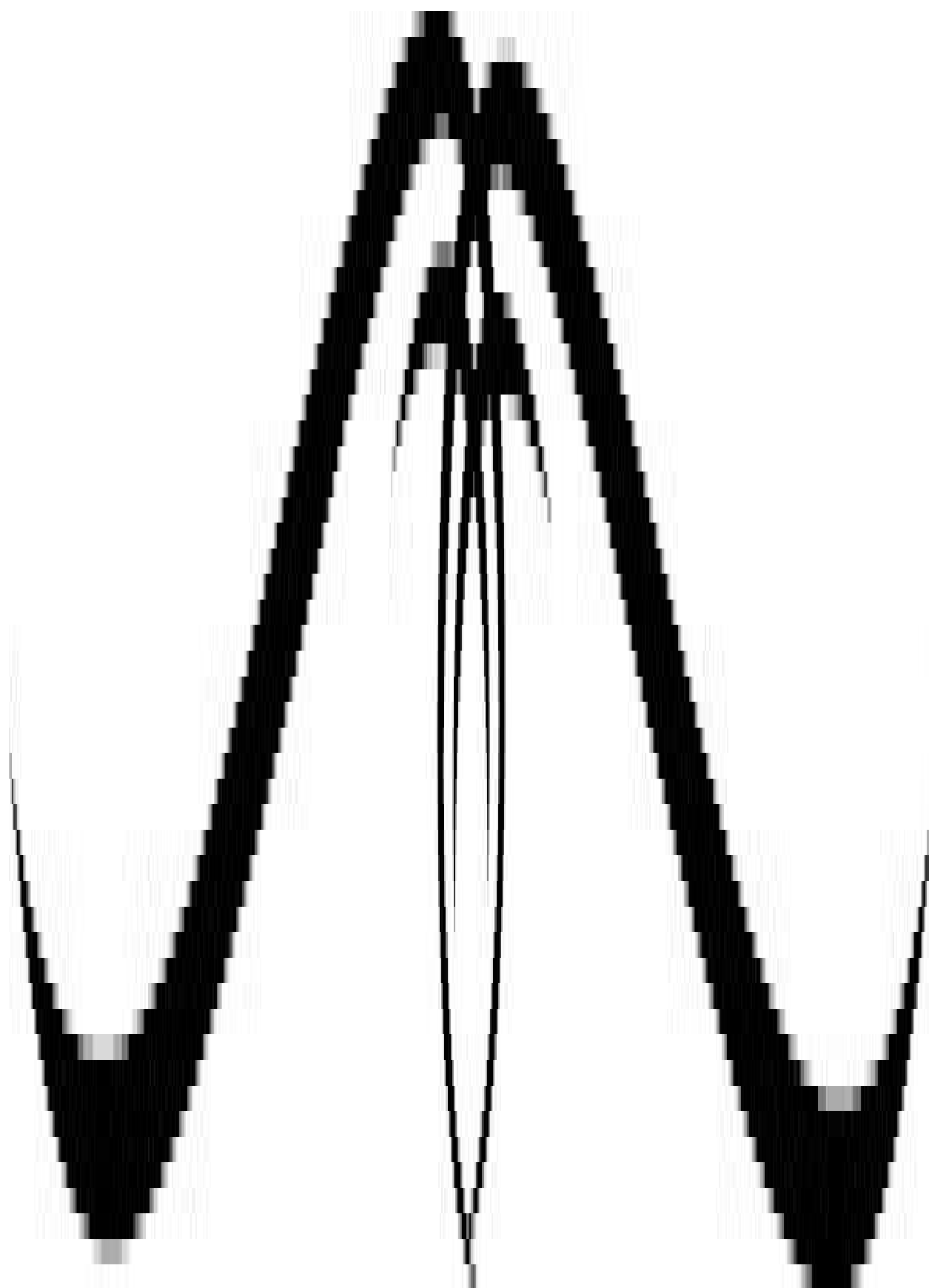
Tive a feliz oportunidade de desfrutar de alguns momentos com o pastor Silas Queiroz e a sua família, a sua esposa Jocineide juntamente com os filhos, Silas Queiroz Jr., Ana Carolina Queiroz e Silas Gabriel de Almeida Queiroz, e constatei estar próximo de um esposo e pai que, não obstante as suas muitas atribuições, mantém em dia as suas funções de sacerdote do lar, esposo e pai. Por tudo isso, recomendo a leitura atenta e instrutiva deste livro, ciente de que os frutos que a sua leitura e estudo produzirão, sobretudo na conscientização da importância do processo de maturação espiritual, serão abundantes e proveitosos para bem conduzir o Pentecostalismo naquilo em que o movimento sempre se destacou: a espiritualidade.

Rio de Janeiro, outono de 2020

César Moisés Carvalho



Prefácio



Foi durante uma de minhas viagens às terras bíblicas — que incluiu a Alemanha da Reforma Protestante — que conheci melhor o pastor Silas Queiroz. Pela maneira como tratava a sua família, como liderava o grupo de irmãos da sua igreja e como ministrava a Palavra de Deus, o irmão Silas revelou-se um autêntico líder.

Brindado por ele com uma cópia de *A Maturidade Espiritual do Líder*, percebi, pelos poucos textos lidos nos rápidos intervalos entre as visitas, que não se tratava de apenas mais um livro sobre o batido tema da liderança, mas, sim, de uma exposição rigorosamente bíblica do assunto em excelente português e sem ignorar o contexto em que vive a igreja brasileira.

Já pelo seu título, percebemos que o trabalho do pastor Queiroz tem o propósito de levar a liderança evangélica a buscar a maturidade espiritual acima de tudo. Mas o que vem a ser essa “maturidade espiritual”?

Em 14 capítulos, o autor mostra que apenas líderes espiritualmente maduros são capazes de conviver com hostilidades e rejeições, de suportar as provas de Deus, de valorizar o companheirismo, de discernir o princípio de autoridade e de adquirir uma vida disciplinada.

Bastariam esses temas para produzir em todos nós um ardente interesse pela obra. Todavia, o pastor Queiroz vai além. Ele insiste que somente o líder espiritualmente maduro vence o radicalismo, adquire uma vida disciplinada, não se ilude com o intelectualismo e é capaz de amar sem ser amado. Nesse modelo de vida — ensinado por Jesus no Sermão do Monte —, não cabe nem racionalismo nem direitos humanos.

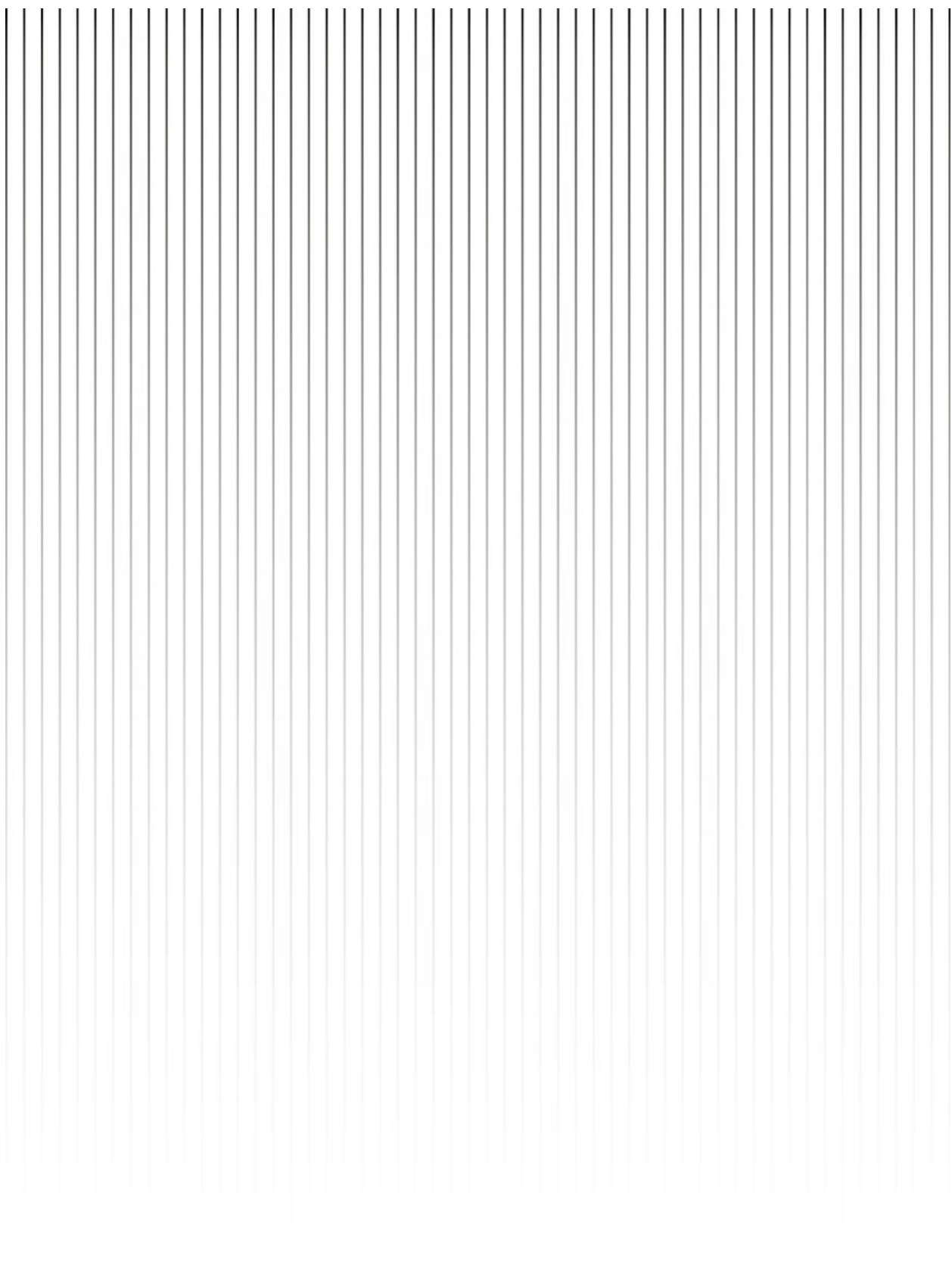
A propósito, cito um fato ocorrido na China, ao tempo da Revolução Nacionalista. Um missionário cristão, numa cidade daquele país, construía um hospital com grandes sacrifícios, já prestes a ser inaugurado, quando o exército nacionalista chegou e destruiu tudo. E o que fez o missionário? Abandonou o campo e voltou ao seu país? Não. Ele acompanhou o exército inimigo como enfermeiro, socorrendo os feridos. Esse gesto levou o imperador a converter-se a Cristo.

Oh, que bem fará este livro se levar milhares de obreiros, das mais diferentes denominações, a apenas considerarem dois dos diversos assuntos abordados

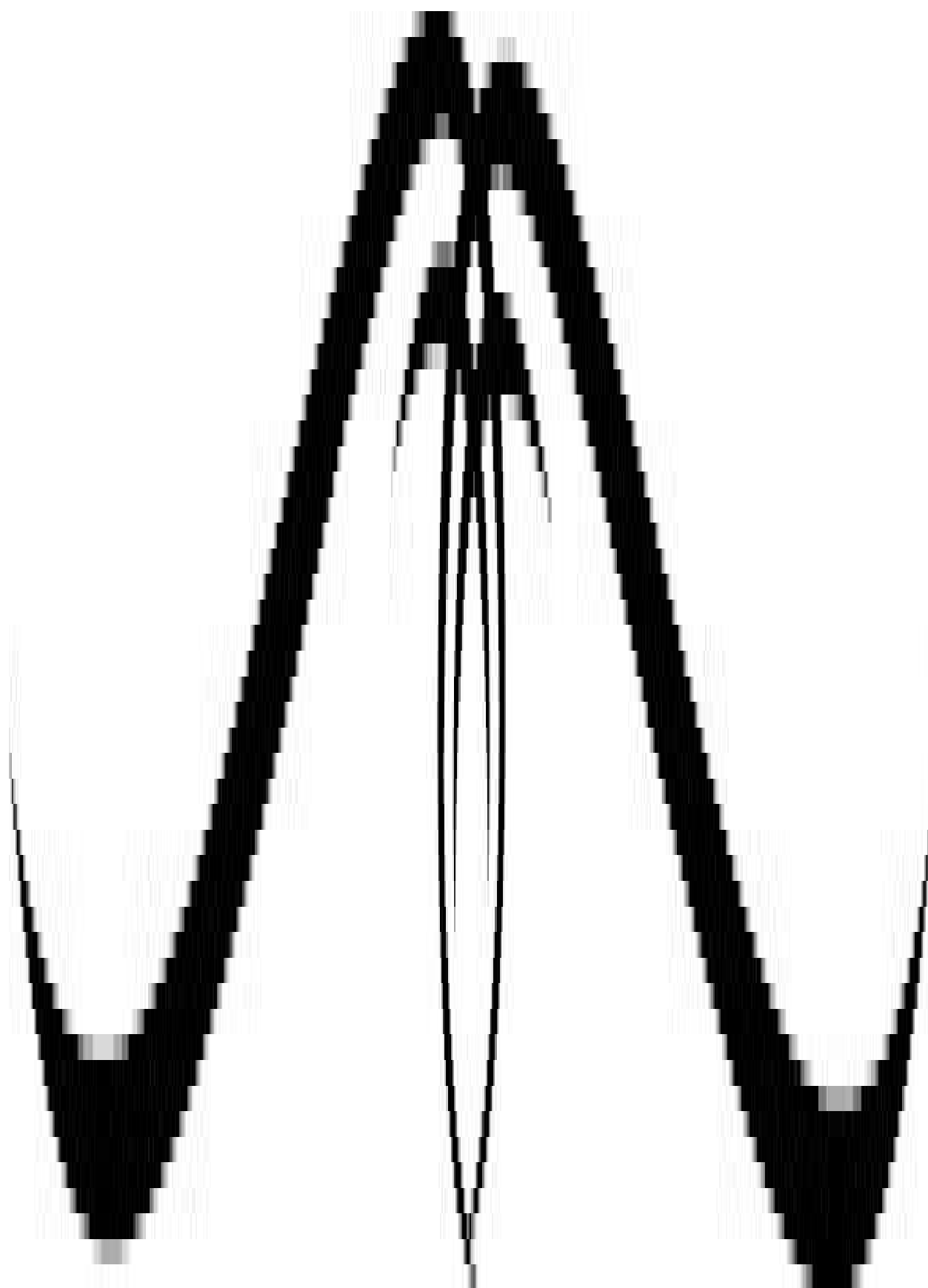
aqui. O primeiro deles é o de posicionarem-se contra o falso radicalismo cristão, que inibe o crescimento qualitativo e quantitativo da igreja; o segundo é assumirem o seu papel de amarem sem serem correspondidos, tal como o fez Jesus — renunciando aos seus próprios interesses e direitos em prol da causa maior do Reino de Deus.

É um grande prazer para mim não apenas prefaciар este livro, como também o recomendar ardorosamente a todos os filhos de Deus, quer estes sejam crentes em geral, quer ministros do evangelho.

Abraão de Almeida



Sumário



Dedicatória

Agradecimentos

Apresentação

Prefácio

Introdução

CAPÍTULO 1

A Necessidade de Líderes Maduros

CAPÍTULO 2

Convivendo com a Chamada

CAPÍTULO 3

Convivendo com Hostilidades e Rejeições

CAPÍTULO 4

Aprendendo o Contentamento

CAPÍTULO 5

Suportando as Provas de Deus

CAPÍTULO 6

Valorizando o Companheirismo

CAPÍTULO 7

Discernindo o Princípio de Autoridade

CAPÍTULO 8

Vencendo o Radicalismo

CAPÍTULO 9

Liderando com Equilíbrio

CAPÍTULO 10

Adquirindo uma Vida Disciplinada

CAPÍTULO 11

Amar sem Ser Amado

CAPÍTULO 12

Não se Iludindo com o Intelectualismo

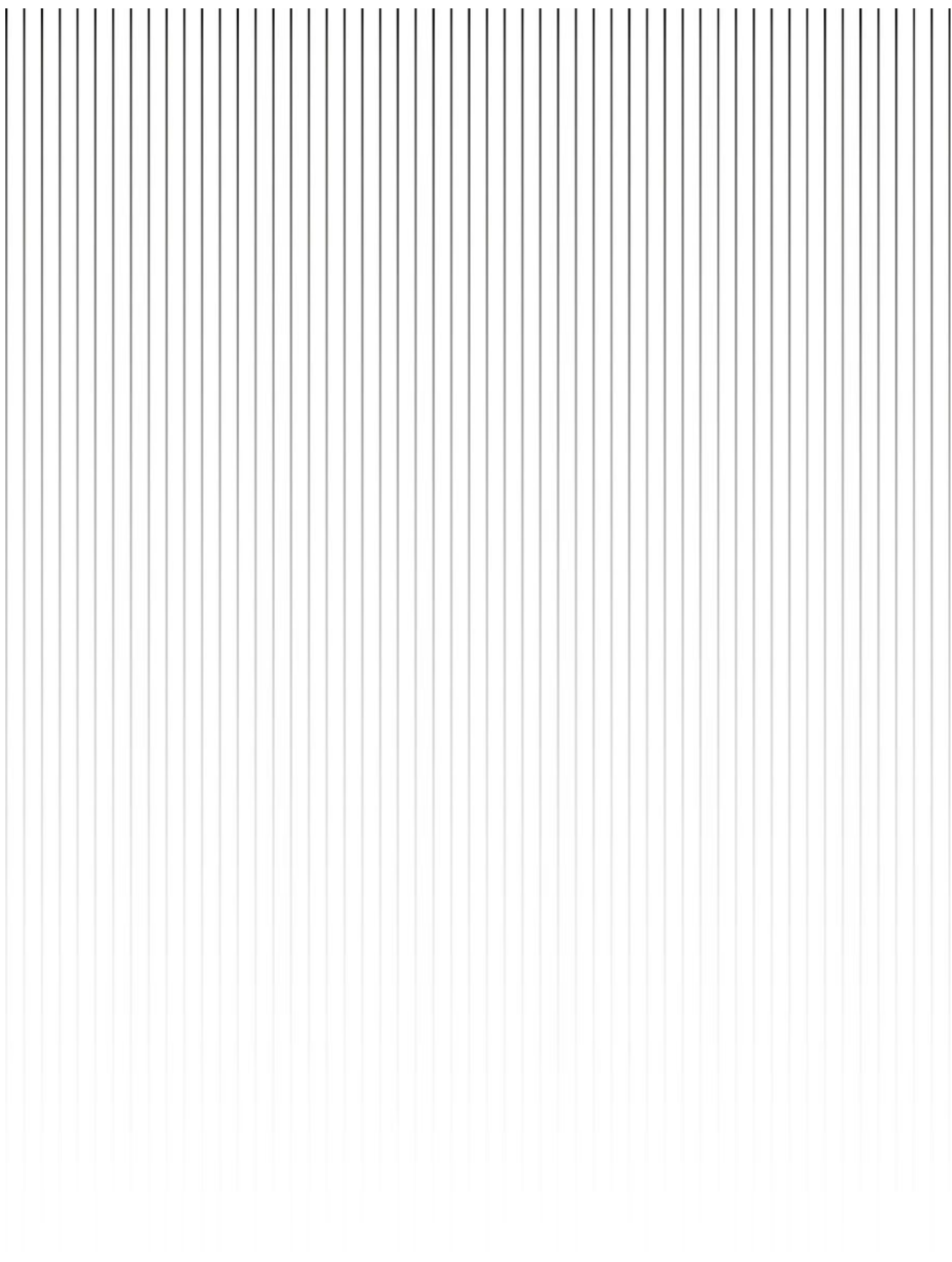
CAPÍTULO 13

Entendendo o Tratamento de Deus

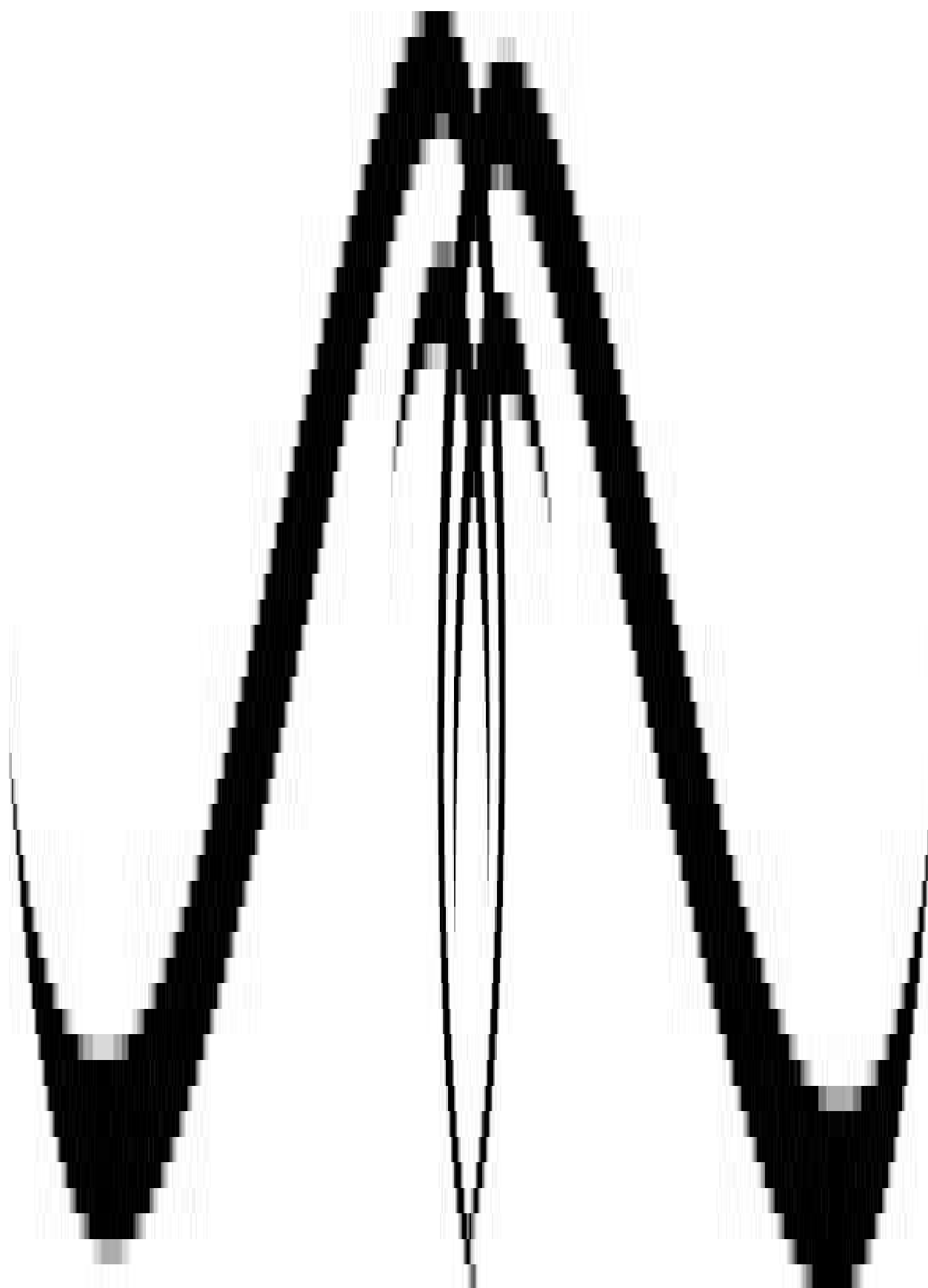
CAPÍTULO 14

Aprendendo Sempre

Referências



Introdução



Enquanto eu escrevia este livro, pensei no paradoxo de, sendo ainda um iniciante no ministério, escrever justamente sobre maturidade, especialmente por existirem tantos líderes tão mais experientes e com prática ministerial comprovada ao longo de tantos anos!

Também temos célebres obras das penas de líderes que fizeram ou fazem história no cenário evangélico no Brasil e fora dele.

Ponderei que maturidade faz parte de um processo no qual todos nós estamos, mesmo que em degraus ou níveis diferentes. Estou dando os primeiros passos nesta jornada e resolvi compartilhar um pouco do que tenho como importante para a vida do líder cristão.

Não tenho dúvida de que temos muitos líderes que são verdadeiros mestres nessa escola da maturidade. As suas experiências falam bem alto.

Sei também que muito do que posso considerar como “maturidade” pode ser apenas os primeiros passos de um longo caminho que tantos homens de Deus já percorreram, com a formação de convicções mais profundas e firmes. Mas espero sinceramente que possa contribuir ao menos com aqueles que talvez estejam, como eu mesmo, na iniciação da vida ministerial, ainda sem conhecer tantos aspectos dessa gloriosa carreira. Quanto aos mais experientes, talvez encontrem aqui alguma informação ou reflexão que julguem ser útil para o seu continuado progresso de crescimento espiritual.

Sinto-me encorajado por entender que existe um verdadeiro grito de socorro da parte de muitos líderes, homens e mulheres que ingressaram no serviço cristão com grande empolgação e que, logo que passaram a enfrentar crises, não encontraram respostas para os seus conflitos.

O ambiente de triunfalismo não ajuda; só atrapalha. Cria-se um cenário em que todo mundo é forte, é super-herói. Ninguém pode admitir as suas fraquezas, as suas dúvidas, as suas frustrações. Manter uma aparência de triunfar sempre parece ser uma questão de sobrevivência, enquanto pode ser um caminho de morte.

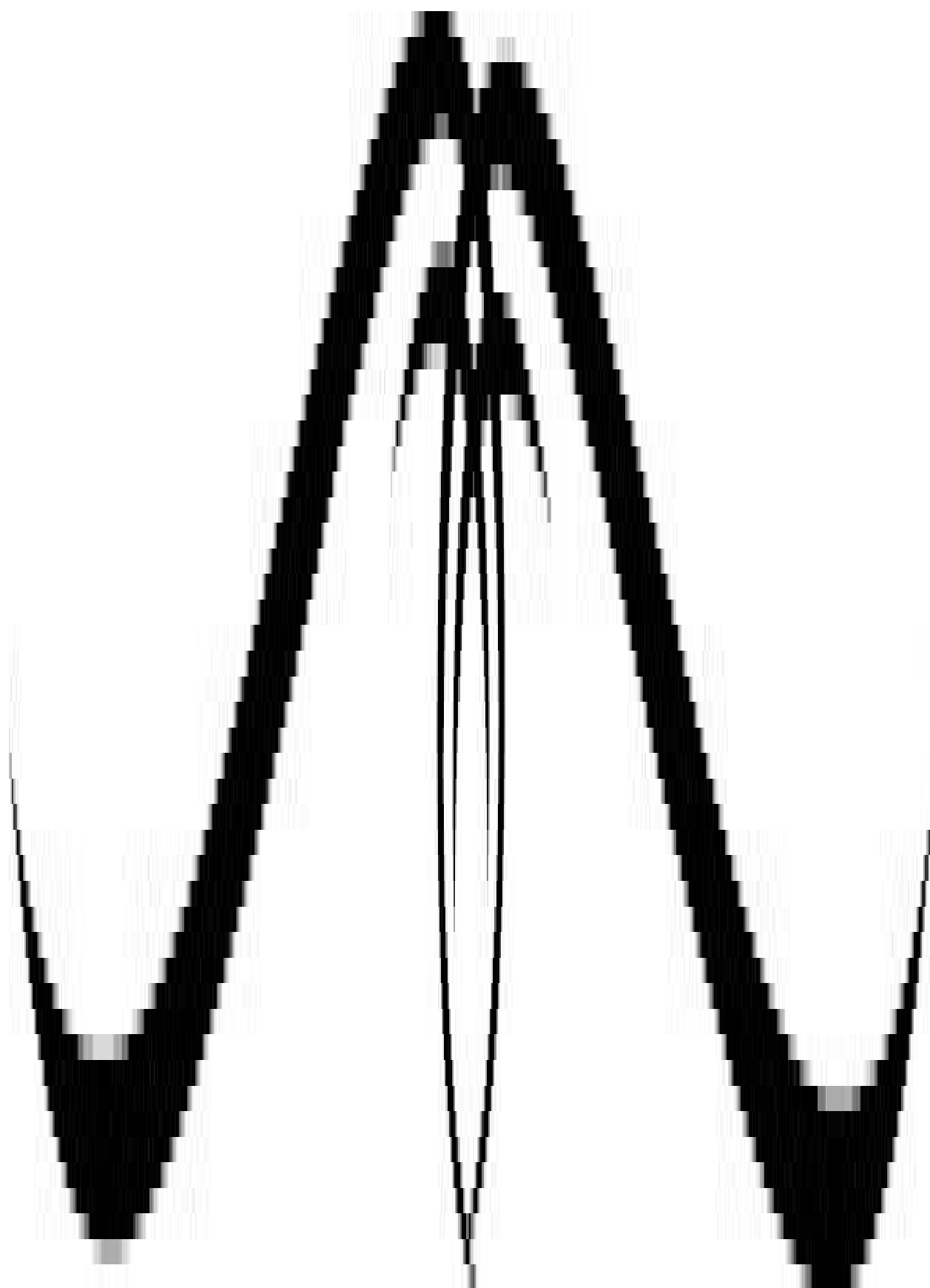
O líder maduro não é triunfalista. Aprendeu, como Paulo, que o poder de Deus não é manifestado nos arroubos do homem, mas nas suas fraquezas.

A maturidade traz serenidade ao líder, liberta-o da obrigação de viver uma vida teatral, faz dele um ser mais humano, comum, interdependente em relação aos homens e totalmente dependente de Deus, um líder que não tem medo de dizer que é sujeito a paixões. Sabe que não é mais que Elias.

Embasado nas experiências dos principais líderes da História Sagrada, procuro apresentar neste livro alguns níveis de maturidade que o líder precisa alcançar na sua difícil, porém gloriosa jornada de serviço a Deus.

I

A Necessidade de Líderes Maduros



Crise de liderança não é somente a falta de líderes, mas também a existência de muitos líderes, porém imaturos e despreparados para o exercício da sua missão. Na verdade, líderes e mais líderes surgem todos os dias. Uma multiplicidade de funções de apoio foi transformada em postos de chefia para conferir status a novos líderes. Isso está presente nas empresas e nas organizações públicas e privadas em geral. Nas lides eclesiais, também já se vão longe os tempos de poucos líderes, e os números mostram isso.

Vivemos a era da departamentalização. Funções iniciantes que antes eram de elevada nobreza passaram a ser consideradas como meras etapas do caminho em busca das posições mais elevadas. A multiplicação dos títulos conferidos aos cargos mais altos também indica que houve um expressivo crescimento do pináculo da pirâmide do poder. Tudo isso aumenta a necessidade de formarem-se líderes maduros.

Sempre foi urgente a necessidade de líderes espirituais, mas Deus jamais se precipitou em formá-los. Foram formados no tempo certo. Liderança não combina com imaturidade. Em tempos tão críticos como os que vivemos, também é urgente e necessária a formação de líderes que estejam prontos para os desafios do presente século.

Líderes são guias, são condutores. Na igreja, são pessoas vocacionadas e chamadas por Deus para o exercício de funções que sirvam para influenciar, dirigir, governar, proteger, apoiar. O líder precisa ser alguém que tenha um potencial diferenciado para corresponder ao propósito da sua vocação.

Deus provê-se de líderes para o bem do seu povo. É uma obra pessoal de Deus a escolha e a designação daqueles que vão servir no seu Reino: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.11,12).

O ministério da Casa de Deus é amplo, merecendo diferentes listas nas Escrituras (Rm 12.6-8; 1 Co 12.28-28). Geralmente nos referimos a ministro considerando somente os que recebem ordenação para um cargo eclesial específico. São várias as palavras originais que aparecem na Bíblia para tal designação, mas, em um sentido geral, ministério é serviço.

Há serviços que importam na existência de um cargo, e há serviços que dispensam qualquer separação ou ordenação. Todos os que servem no Corpo de Cristo são ministros, são líderes. É com esse sentido amplo que a palavra líder será usada nesta obra.

À luz de Efésios 4.12, todos os líderes cristãos são chamados com vistas a um propósito de aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo. Se a tarefa de todo aquele que ingressa no ministério é servir de instrumento de Deus para aperfeiçoamento dos santos, é evidente que, em primeiro lugar, esses líderes estejam matriculados na escola de aperfeiçoamento e já tenham alcançado algum grau de maturidade que os habilite a ajudar outros.

Na verdade, somos muitas vezes lançados em um processo duplo: trabalhamos pela maturidade de outros enquanto nós mesmos estamos sendo amadurecidos.

Não é necessário que o líder alcance o topo do seu crescimento espiritual, mas é necessário que haja pelo menos certo avanço no processo de amadurecimento para que se possa exercer influência positiva na vida de outros. Isso é muito claro, pois o alvo de Deus é que “todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.14).

Há um chamado para que deixemos a meninice espiritual, a fase em que somos marcados por inconstâncias, vivendo vulneráveis a mudanças doutrinárias conforme o vento e a enganos e fraudes espirituais. A maturidade espiritual traz-nos firmeza para uma caminhada ascendente, de ânimo permanente, ou seja, sem inconstâncias. Também nos habilita a ter uma convicção de fé e um conhecimento suficiente para discernir o engano.

Maturidade para Liderar a Integralidade do Corpo

É uma verdadeira tragédia quando o líder, de grande ou pequeno grupo, não possui a mínima maturidade para ser um guia espiritual. Isso não é somente trágico quanto as mais altas lideranças, como também quando é observado nos

postos de serviço menos vistos na igreja, os quais também são muito importantes.

O crescimento do corpo não pode ocorrer se “todo o corpo” não estiver “bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte” (Ef 4.16). É imperativo, portanto, que cada líder funcione bem, sintonizado com o todo do corpo.

Os líderes de pequenos grupos exercem um papel vital para o corpo. Um líder de um departamento que não esteja bem ajustado compromete a estrutura da igreja e o seu crescimento. Daí surge a grande importância de preocupar-se na formação de líderes que alcancem maturidade.

O Senhor, nosso Deus, tem um grande interesse que cresçamos cada dia mais a fim de que estejamos aptos a contribuir com “o aumento do corpo, para sua edificação em amor” (Ef 4.16b). O corpo precisa crescer com saúde. A edificação em amor é o ápice do propósito de Cristo para a sua Igreja. Mas até que isso ocorra, um longo caminho deve ser percorrido. Para tanto, os líderes precisam entender que é necessário haver um processo de amadurecimento deles mesmos e de toda a liderança que os auxilia. Aliás, essa compreensão já faz parte do seu próprio processo de amadurecimento.

Os líderes maduros não descartam os seus liderados por estes não se adaptarem ao seu estilo. Para eles, isso não é motivo para serem descartados. Ao contrário, desenvolve aceitação e trabalha com eles para que sejam realmente ganhos para Cristo e o seu serviço. Jesus mandou que fizéssemos discípulos não ao nosso modelo, mas ao modelo dEle.

Paulo disse: “Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo” (1 Co 11.1), ou seja, imitem a Cristo como também o faço.

Quando o líder maduro chega, por exemplo, ao pastoreio de uma igreja, já sabe que vai lidar com pessoas das mais diversas naturezas, gente de todo tipo. Cada um tem uma formação pessoal, uma história de vida, com as suas próprias ideias, opiniões, reações, posturas, valores e até mesmo crenças. Ter esse corpo ajustado, ligado e funcionando bem não é uma tarefa fácil e jamais será executada sem a cabeça, que é Cristo.

O líder maduro não confia em si mesmo, pois sabe que, por mais que faça, não poderá assegurar um crescimento saudável para o corpo. Terá que ter paciência,

prudência e sabedoria para, “seguindo a verdade em amor”, alcançar um corpo crescido “em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.15).

O líder imaturo esquece-se disso e procura estabelecer os seus próprios meios. A autoconfiança faz com que ele busque alternativas de crescimento que sacrifique tanto a verdade quanto o amor. Chega-se ao ponto de não importar se está realmente ligado a Cristo, que é a cabeça. Esses casos são os mais graves, em que o corpo descaracteriza-se e deixa de ser Igreja. Mas também é falta de maturidade quando aqueles que professam a Cristo e mostram-se ferrenhos defensores da verdade agem fora do caminho do amor. A dureza do próprio coração do líder faz com que ele apegue-se às suas tradições, à sua própria e exclusiva visão, deixando de seguir a verdade em amor. A falta de amor termina cegando-o, de forma que a verdade que professa não é mais a mesma verdade de Deus. A verdade de Deus não existe senão arraigada no amor. São atributos de uma mesma essência. Há um risco muito grande de sustentar-se a rigidez em nome do que considera ser a verdade, porém estar trabalhando debaixo do engano sutil.

Outra manifestação de imaturidade é a ênfase em um crescimento parcial, deixando de alcançar a bênção do crescimento total de que falou Paulo: “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”. A vontade de Deus é que o Corpo cresça sem deformação, que uns membros não se agigantem em detrimento de outros e nem que fiquem mirrados por falta de nutrição.

Há, ainda, o problema do falso crescimento, que é o inchaço pela adição de insumos estranhos, que não produzem saúde ao corpo. A Igreja de Corinto padecia desse mal. Paulo diz que eles já se consideravam fartos, ricos. Estavam, na verdade, inchados (1 Co 4.18) e precisavam de uma série de medidas curativas, como o apóstolo bem tratou na sua carta.

O “crescimento em tudo” é um processo que requer da liderança paciente sabedoria e serena dedicação, num serviço que não comprometa a verdade, não despreze o amor e jamais se distancie da Cabeça. Pelo contrário! Tenha o cuidado de liderar a todos, esperando que cada parte seja somada ao todo e funcione adequadamente para que, ao final, haja o “aumento do corpo para sua edificação em amor”.

A falta de uma compreensão exata desse processo pode levar-nos a impor graves prejuízos ao Reino de Deus, com severas consequências para nossas próprias

vidas. Jesus escolheu para si 12 discípulos e trabalhou com eles por volta de três anos e meio, preparando-os para a obra que lhes tinha designado. Depois, deu a eles o Espírito Santo para que os ajudasse diariamente nesse serviço.

A experiência a que os discípulos foram submetidos teve como finalidade amadurecê-los para liderar outros. A grande ênfase dada por Cristo para que houvesse êxito nesse serviço foi que os seus discípulos tivessem alcançado um amor indubitável e verdadeiro; daí a insistência com Pedro: “[...] amas-me mais do que estes? [...] Apascenta os meus cordeiros [...] amas-me? [...] Apascenta as minhas ovelhas [...] amas-me? [...] Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.15-17).

O resultado foi que esses homens, assim como Pedro, exerceram liderança com tanto afinho e destemor que aceitaram o martírio por amor a Cristo. Os discípulos receberam de Jesus a tolerância da sua própria imaturidade para que estivessem prontos a compreender outros e ajudá-los a alcançar maturidade espiritual.

Maturidade Liberta do Farisaísmo

A maturidade do líder faz com que ele compreenda que os seus liderados, mesmo que já sejam santos no sentido posicional (em Cristo), ainda estão sujeitos a muitas imperfeições e precisam ser pacientemente ajudados a superá-las diariamente. Aquele alvo citado em Efésios 4.16, o “aumento do corpo, para sua edificação em amor”, demanda tempo.

Vemos isso na carta de Paulo aos colossenses, quando, no capítulo 3, ele fala de pelo menos quatro níveis de crescimento espiritual. No primeiro, os crentes já deixaram o que podemos chamar de pecados flagrantes: “[...] a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria” (Cl 3.5). Para esses, Paulo diz que é preciso mortificar os membros, ou seja, subjugar a natureza pecaminosa de forma a não mais voltar a praticar tais pecados.

Ocorre que esse é apenas o primeiro passo; um passo extraordinário, mas que não é tudo na vida do novo crente, e o líder precisa saber muito bem disso. Em

seguida, depois de falar da condição daqueles crentes no passado, Paulo refere-se ao presente e diz: “Mas, agora, despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintas uns aos outros [...]” (3.8,9a).

O líder maduro sabe que a verdadeira santidade não começa de fora para dentro, mas de dentro para fora. Ele não vive primeiramente se importando com o exterior do copo ou do prato em atitudes farisaicas (Mt 23.25-28), mas sabe reconhecer que uma faxina interior é muito mais importante, urgente e necessária. É, como diz Paulo, “agora”!

A falta de maturidade leva o líder a exigir mudanças exteriores e a ser enganado por elas, permitindo que os seus liderados emperrem no crescimento espiritual. Aqui se encontram muitas vezes os líderes que estão crentes de estarem seguindo a verdade, mas a falta de amor lamentavelmente os levou a um caminho de engano. Jesus chama de “fariseu cego” e explica que, se primeiro for limpo o interior do copo e do prato, o seu exterior também ficará limpo (Mt 23.26).

Acerca desse tipo de comportamento, o pastor Elienai Cabral diz no seu livro *A Síndrome do Canto do Galo*:

Essas pessoas valorizam banalidades exteriores e acabam criando problemas na comunidade. Falta-lhes conhecimento da Palavra de Deus. Facilmente ofendem-se e magoam-se. São pessoas instáveis emocional e espiritualmente. Costumam criticar tudo que não seja conforme seus padrões. São dominadas por uma predisposição crítica contra pessoas que não estejam dentro dos caprichos pessoais. Esse tipo de gente é legalista e extremista, e um de seus aspectos negativos é a falta de prioridades claras na vida cristã.

Isso é ainda mais trágico quando se manifesta na liderança. Paulo vai logo ao ponto central do problema e diz aos colossenses que eles deveriam libertar-se dos sentimentos pecaminosos que ainda reinavam nos seus corações e levavam-nos a práticas igualmente pecaminosas. A ira, a cólera, a malícia, a maledicência, as palavras torpes e as mentiras estão seguras em raízes malignas que insistem em permanecer dentro do coração do crente — inclusive de líderes — e somente uma visão espiritual correta, livre da cegueira do farisaísmo, é que nos permitirá

ver esse quadro tão trágico e desejar que seja revertido com urgência.

A maturidade de Paulo não o permitia ignorar essas realidades espirituais, como faz o líder imaturo, que se apegue a questões externas e não enfrenta com a Palavra os grandes males que poderão comprometer diretamente o crescimento do Corpo; daí igrejas com tantos problemas crônicos, embora aparentemente tão santas.

Paulo, entretanto, sabia que esse segundo patamar da verdadeira santidade ainda não era tudo. O terceiro nível espiritual consistiria em um revestimento de “entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade”, fazendo com que os colossenses estivessem capacitados para suportar uns aos outros e perdoar uns aos outros (Cl 3.12,13). Ou seja: somente após remover os sustentáculos da ira, da cólera, da malícia e de tantos outros males é que seria possível aos crentes ter um coração disposto à misericórdia, à benignidade, à humildade, à mansidão, à longanimidade e ao perdão.

O líder maduro sabe que os seus liderados somente alcançarão a produção do fruto do Espírito quando identificarem os seus pecados internalizados, inclusive os pecados do espírito, e buscarem ser libertos de todos eles. Isso os fará dispostos a um revestimento interior, ao recebimento de um poder sobrenatural que os torne pessoas realmente santas.

Não é possível que líderes que ainda não tenham aprendido a crescer na escola da santidade saibam identificar os verdadeiros problemas dos seus liderados, vendo neles aquilo que, pela graça de Deus, conseguiram ver em si mesmos e, também, por esta graça, conseguiram vencer.

Paulo escreveu ensinando tanto a Timóteo quanto a Tito que o líder não deve ser, por exemplo, alguém dominado pela ira: “E ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos [...]” (2 Tm 2.24), “[...] não soberbo, nem iracundo [...] nem espancador [...] mas [...] moderado [...] temperante” (Tt 1.7,8). A ira produz contenda e impede que haja mansidão.

Da Imaturidade ao Vínculo da Perfeição

O nível de perfeição que o cristão pode alcançar é fruto de debate ao longo dos séculos. Talvez John Wesley tenha sido quem mais se dedicou a tratar desse assunto, a ponto de desenvolver a sua Doutrina da Perfeição Cristã. Qualquer que seja o nível espiritual objetivo que seja possível a essa perfeição, é fato que a Palavra de Deus fala expressamente acerca dela. O que mais importa é que o cristão não pode conformar-se em estagnar o seu crescimento, e isso é ainda mais verdadeiro para o líder.

A maturidade espiritual do líder pressupõe que, além de não estar mais preso sob o domínio dos pecados flagrantes, já venceu as forças da maldade que prendiam o seu espírito e a sua alma, e abriu o seu coração para que o Espírito Santo produza o seu fruto com abundância. Isso o líder maduro desejará ardentemente que os seus liderados também alcancem, tirando-os do nível de imaturidade e de infantilidade espiritual.

Depois desse terceiro nível de crescimento, escancaram-se as portas para um quarto nível, que, no dizer de Paulo, é um “sobre tudo”: “E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3.14). O tão sonhado processo de perfeição desenvolver-se-á quando o corpo estiver ligado sob o vínculo da perfeição, que é o amor.

Não adianta esperar que os liderados amem uns aos outros se eles ainda não foram ensinados sequer a despir-se das estruturas internas da maldade que os hostilizam e dominam os seus sentimentos e pensamentos. O líder compreenderá bem isso se ele próprio já tiver percorrido esse glorioso caminho de maturidade espiritual.

Esse líder terá paciência e tranquilidade para conviver com pessoas difíceis, que se iram facilmente, que sejam maliciosas, maledicentes e que ainda não conheçam a misericórdia, a humildade, a mansidão, etc. O líder maduro não ficará irritado diante desses quadros, pois saberá que é o seu desafio ensinar aos seus liderados a não ficar estagnados no primeiro degrau, mas, sim, a terem a disposição de caminhar firmemente rumo ao progresso espiritual.

É por isso que — insistimos — é vital que os líderes sejam espiritualmente maduros. Maturidade não equivale necessariamente à idade; decorre da experiência espiritual de ter permitido ao Espírito Santo guiar-nos no caminho da verdadeira santidade. Líderes já de avançada idade ainda podem estar emperrados no primeiro degrau; e, pior ainda, não será um processo fácil ajudá-

los a aceitar que precisam melhorar.

Nesse ponto, o tempo de serviço do líder pode pesar de forma negativa, pois a presunção pode impedi-lo de conceber a possibilidade de que está errado e precisa mudar. É por isso que, em muitas situações, Deus usa os mais diversos expedientes para tratar com os líderes a fim de que não percam a sua própria salvação depois de terem servido tanto.

Há um julgamento de Deus sobre os crentes aqui na terra, especialmente dos líderes, numa clara demonstração do amor de Deus — diz-se especialmente dos líderes porque a responsabilidade é proporcional ao que se recebe como servo (Lc 12.48).

O apóstolo Pedro lembra-nos de que “já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus” (1 Pe 4.17). Esse julgamento é uma dura correção de Deus para que sejamos participantes da sua santidade (Hb 12.6-10). Paulo bem explica isso ao dizer: “quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo” (1 Co 11.32). É, portanto, um juízo para salvação.

Voltando ao exame do capítulo 3 de Colossenses, vemos que, quando o crente alcança o quarto nível espiritual — o revestimento de amor, que é o vínculo da perfeição —, obtém-se uma conquista gloriosa: a paz de Deus, que passa a dominar em nossos corações (v. 15). Este é o ponto que todos precisamos alcançar: viver uma vida dominada pela paz de Deus.

O líder maduro não descansa enquanto não percebe que ele próprio e aqueles que o cercam estão desfrutando dessa paz. O mínimo que se precisa ver é todos os membros do Corpo funcionando em busca desse processo. Não pode haver satisfação para o líder em desistir de qualquer dos membros, pois a bênção é para todo o Corpo.

Abundante Alegria Espiritual

Várias são as áreas de nossa vida que precisam ser trabalhadas por Deus dentro

desse foco da Palavra. Todas precisam ser alcançadas e resgatadas para esse propósito sobrenatural. O resultado descrito por Paulo é o fluir abundante da Palavra de Cristo e um ambiente de sabedoria, mútua admoestação e muita alegria espiritual e graça no coração (Cl 3.16).

Ora, de um grupo de pessoas antes presas nos pecados flagrantes, agora é possível ter uma congregação realmente santa, livre das amarras internas da maldade, cheia de sentimentos divinos, abundante em amor, plena de paz, alegria e graça. Não será urgente que sejamos líderes prontos para sermos usados por Deus nesse importantíssimo processo?

Que privilégio é poder ser um instrumento de Deus para ajudar outros a crescer espiritualmente, enquanto nós mesmos também estamos sendo trabalhados pela sua graça! Não importa a área em que estejamos sendo usados, pois nem todos são apóstolos, profetas, evangelistas, pastores ou mestres. Todos devemos ser simplesmente aquilo que o Senhor quer que sejamos, desempenhando nosso serviço com humildade e sujeição, esperando a recompensa do Sumo Pastor.

O clamor feito por Jesus continua válido e urgente ainda hoje: “[...] A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros” (Mt 9.37). Poucos são os que realmente entenderam que o importante é trabalhar na seara; trabalhar na mais correta acepção do termo, sem apego a cargos ou posições, mesmo que seja necessário exercê-los.

Deus precisava de um líder maduro para guiar o seu povo pelo deserto, suportando os seus pecados, murmurações e rebeldias a fim de que, enquanto isso, Ele pudesse forjá-los, preparando-os para a posse da Terra Prometida. De igual sorte, Deus precisa de líderes hoje que estejam preparados para serem guias espirituais em tempos tão críticos.

A falta de uma liderança sadia abre um fosso de desesperança, fazendo crescer as chamadas igrejas emergentes, que flexibilizam o evangelho e comprometem a verdadeira missão da Igreja. Líderes maduros são os instrumentos de Deus para frear esse processo.

É fundamental que os líderes alcancem maturidade espiritual para que haja maior êxito no seu trabalho, inclusive para que outros líderes igualmente maduros saiam dos lombos desses homens de Deus experimentados.

O líder maduro sabe que ninguém pode fazer nada com eficácia na igreja de

Jesus senão pela graça de Deus. Tudo é conforme a graça recebida. No demais, é cansaço e perda de tempo sem frutos. Isso faz com que o líder viva tranquilo, trabalhando em equipe. Tem ele a consciência de não querer usurpar a função de outrem e perder tempo procurando fazer o que não recebeu graça para fazê-lo. Se realmente deseja realizar mais no Reino de Deus, dedica-se a buscar mais graça para que, dessa forma, possa ser mais útil ao seu Senhor.

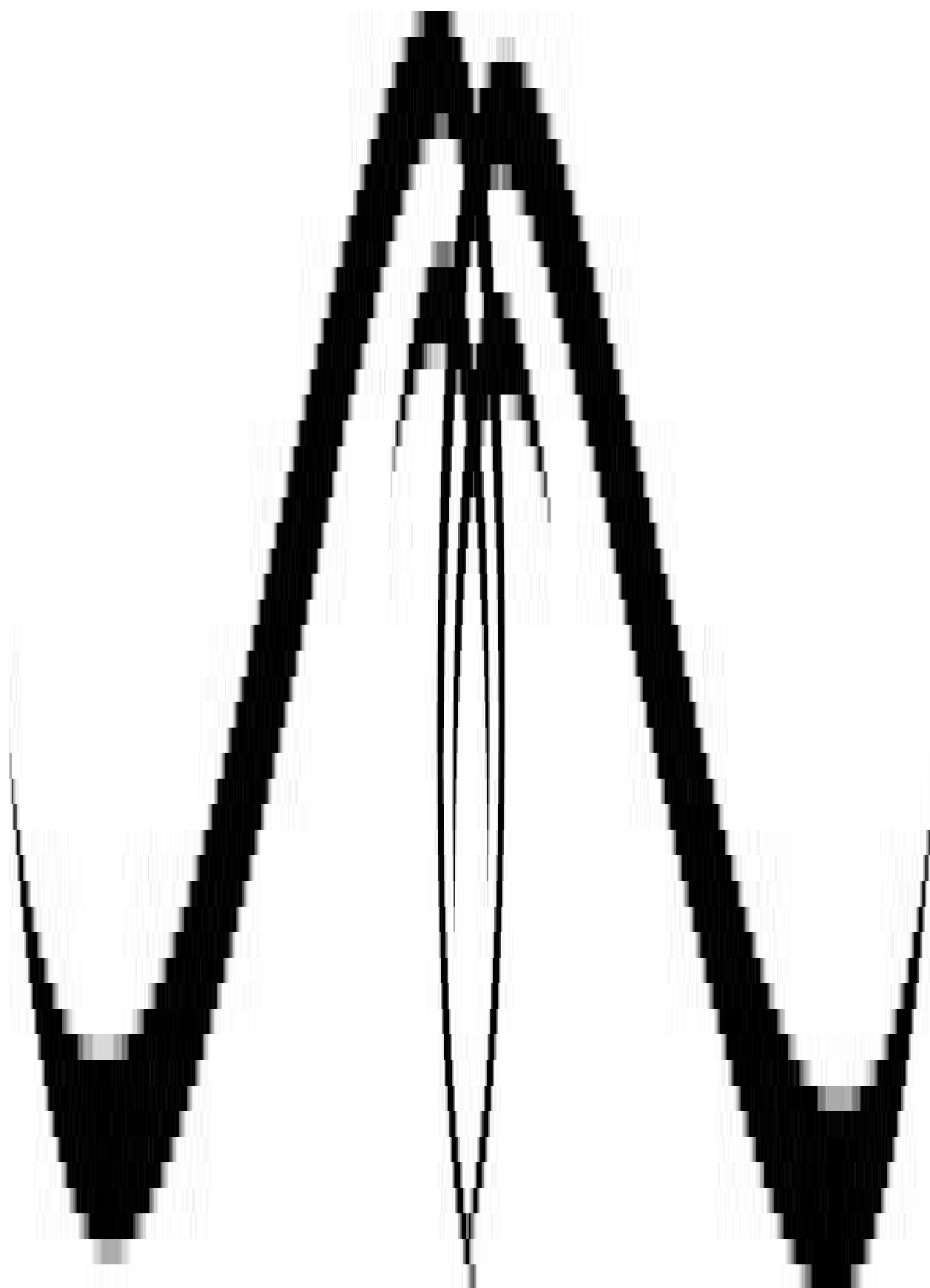
Nem sempre o líder realiza tanto diretamente por ele mesmo, mas também, e principalmente, por meio dos seus liderados. Preparar outros líderes é uma das principais tarefas do líder maduro. Entender isso faz com que ele tenha plena consciência da sua finitude e não perca o foco na sua liderança. Enquanto realiza, tem a visão de capacitar outros para a continuidade da missão, pois entende que o futuro da obra de Deus depende de que haja renovação na liderança.

A obra de Deus é dinâmica, e não estática. É preciso que haja líderes preparados para cada tempo e para todo tipo de tarefa. A constituição de cada líder atende a propósitos específicos de Deus de acordo com as necessidades da sua obra, que são distintas conforme cada circunstância.

Deus sempre precisou de líderes para realizar os seus planos. Hoje a voz divina ainda ecoa: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” (Is 6.8). Apesar das crises vividas pela escassez de líderes, o Todo-Poderoso jamais deixou de contar com um remanescente fiel ao seu chamado. Os métodos de Deus para formar esses líderes estão contidos na sua Palavra e jamais serão superados por qualquer técnica ou estratégia humana.

II

Convivendo com a Chamada



Moisés sentiu no seu interior que havia sido chamado para ser o libertador de Israel, mas, como é muito comum acontecer, teve dificuldade para conviver com essa chamada. Na verdade, ele não a compreendeu corretamente, pois não tinha maturidade espiritual suficiente para tanto.

O episódio que marca essa fase da vida de Moisés é o período em que ele sentiu-se libertador a ponto de vingar o seu compatriota hebreu matando um egípcio: “ele cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão” (At 7.25). O resultado — sabemos — foi que a sua precipitação fê-lo fugir do Egito para não ser morto por Faraó (Êx 2.15).

Imaginemos a crise que Moisés passou a viver depois que, certo de que seria o libertador, tornou-se um fugitivo, inclusive porque os seus próprios irmãos não o tiveram como aquele que realmente viria liderá-los para a vitória sobre os egípcios.

Ao tentar interferir na contenda dos seus irmãos hebreus, foi logo censurado, numa clara demonstração de que não haveria acolhida para ele para os fins que pretendia.

Havia dentro de Moisés uma centelha que indicava que Deus havia-o chamado para liderar o seu povo, mas agora o jovem hebreu precisaria aprender a conviver com essa chamada.

Aquele segredo de Deus no seu coração teria de ser cautelosamente guardado, exigindo dele paciência, numa conduta moderada que permitisse ao Todo-Poderoso trabalhar na sua personalidade a fim de forjá-lo como o líder que estaria pronto para tão grande tarefa.

Moisés não tinha todas as informações de que precisava. Os sentimentos que Deus precisaria introjetar nele demandariam tempo e circunstâncias específicas; daí os 40 anos de vida retirada pelos montes, pelo deserto, cuidando de ovelhas.

Não há como alguém simplesmente dormir e acordar pronto para assumir uma obra que Deus tenha para a sua vida. Sempre haverá a necessidade de conviver com cada fase da chamada, aprendendo diariamente com Deus. Assim, conviver com a chamada faz parte do processo de maturidade espiritual do líder que Deus comissiona.

Um dos grandes perigos que o líder chamado corre, além de tentar apressar o exercício da sua missão, é orgulhar-se e buscar sobrepujar-se sobre os seus irmãos por não interpretar bem que a centelha que tem dentro de si é um sinal de Deus para que se entregue ao processo de preparação indispensável para o seu êxito na obra futura. Esse sinal de Deus deve ser guardado em silêncio, como um segredo. Não pode interferir em nossa conduta perante os outros, mas somente em nossa vida com Deus e, naturalmente, também em nossos demais relacionamentos conforme o Senhor vai exigindo separação e mudanças de nós.

O processo de santificação do líder é gradativo, porém começa logo cedo, expresso em hábitos diferentes, em uma disciplina própria, conforme os propósitos daquele que chama. Mas não se pode deixar que isso transpareça como um ar de superioridade espiritual, de supersantidade ou coisa do gênero. O líder que está nesta fase (na incubadora de Deus) precisa aprender essas preciosas lições, amadurecendo devagar, no tempo certo.

É o tempo de ficar na sombra, de não aparecer, de aprender a servir de coração, de exercitar-se na piedade, de honrar os seus líderes, de sujeitar-se a contrariedades, de aprender a perder, a ser esquecido — e até mesmo traído se for o caso. Enfim, o líder precisa passar pelas fases da vida que o expõe a desafios e sofrimentos que forjarão o seu caráter, controlarão o seu temperamento, produzindo temor, submissão, humildade, mansidão e, acima de tudo, muito amor no coração.

É o tempo em que as verdades de Deus serão reveladas a ele mais profundamente, amalgamadas com a sua prática de vida. Será um aprendizado não de banco de faculdade, mas, sim, na dura realidade da sua penosa existência: Sol causticante, frio intenso, longas caminhadas em sequeidão, horas de trevas, angústias, conflitos internos, dúvidas, desespero.

Muitos personagens da Bíblia passaram por isso. Ao longo da história, os homens que fizeram obras extraordinárias para Deus também tiveram o seu tempo de dura convivência com a chamada.

Paulo teve um encontro com Jesus a caminho de Damasco e, poucos dias depois, já batizado com o Espírito Santo, começou a pregar (At 9.1-20). Logo percebeu que a intensa hostilidade dos judeus iria impedi-lo de iniciar, desde então, o exercício do seu ministério (At 9.22,23).

As lembranças do passado de Paulo ainda eram muito vívidas naqueles dias. Além disso, ele não estava preparado como certamente imaginava. Foi preciso recolher-se ao deserto, passar longos anos na região da Síria e da Cilícia e retornar para Tarso, a sua cidade natal (Gl 1.15-21).

Somente longos anos depois — 14 anos, pelo menos —, Barnabé foi à sua procura e trouxe-o para a Igreja de Antioquia, onde ficou servindo como um obreiro auxiliar (At 11.25-30). Na lista dos profetas e mestres daquela igreja, Saulo aparecia como o último: “Barnabé, e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, Cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo” (At 13.1). Ali ele desempenhava serviços comuns, como quando levou auxílio material para os crentes da Judeia, acompanhando Barnabé (At 11.27-30). Ele estava engajado na obra sem qualquer distinção de liderança.

O exemplo de Paulo indica-nos que é preciso ter muito cuidado e não se precipitar para o início de qualquer serviço na obra de Deus, especialmente em posição de liderança. A recomendação de não impor precipitadamente as mãos sobre alguém (1 Tm 5.22) deve ser levada muito a sério, assim como o lembrete de que o obreiro não pode ser neófito “para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo” (1 Tm 3.6).

Não é fácil para um jovem líder, cheio de empolgação, entender que precisará esperar o tempo certo, na hora de Deus, para começar a exercer o ministério que lhe confiar o Dono da obra. Também é tentador para muitos líderes ter que aguardar pacientemente para engrossar a fileira daqueles que servem ao seu lado, quando aparentemente existem muitos que poderiam galgar posições ministeriais rapidamente.

É bastante comum vermos rápidas ascensões por razões nem sempre bem fundamentadas e não suficientemente submetidas aos crivos previstos na Palavra de Deus, inclusive o testemunho dos que estão de fora.

Parece haver certa tendência de alçar-se logo a posições de destaque aqueles que vêm do mundo artístico, por exemplo, e que passam a atrair multidões pelo fato de terem sido famosos nas suas carreiras seculares. É uma grande bênção que também haja conversões de artistas, cantores, atores, atletas e todo o tipo de celebridade, mas a igreja não pode permitir que se transfira para o seu meio o encanto que cerca tais pessoas no mundo da fama.

Tem-se a impressão de que o segmento evangélico vibra diante da oportunidade de dizer que agora esse ou aquele artista é “nosso”, não bendizendo a Deus pela obra de libertação, mas ainda cultuando o homem pelos seus talentos. Corre-se o risco de estar apenas transferindo a arte, dando-lhe uma roupagem gospel.

Não se duvida que muitos venham com sinceridade depois de uma experiência extraordinária com Jesus. Isso, porém, não significa que já possam sair ocupando os púlpitos!

A. W. Tozer chamava isso de “cristianismo instantâneo”. Fazendo uma crítica ao modelo adotado pelo seu próprio país, os Estados Unidos, Tozer, no seu livro O Melhor de A. W. Tozer, diz:

Não é de admirar que o país que inventou o chá e o café instantâneos também desse ao mundo o cristianismo instantâneo. Caso essas duas bebidas não tenham sido realmente inventadas nos Estados Unidos, foi certamente aqui que receberam o ímpeto publicitário que as tornou conhecidas na maior parte do mundo civilizado. E não pode ser também negado que foi o fundamentalismo americano que introduziu o cristianismo instantâneo nas igrejas evangélicas.

Esse profeta do século XX explica melhor o que queria dizer:

O cristianismo instantâneo (...) ignora o passado, garante o futuro e libera o cristão para seguir as inclinações da carne com toda boa consciência e um mínimo de restrição. (...) O cristianismo instantâneo tende a considerar o ato de fé como um fim em si mesmo e sufoca o desejo de crescimento espiritual. (...) Eles ignoram os efeitos santificadores do sofrimento, do carregar da cruz e da obediência prática. Olvidam também a necessidade de treinamento espiritual, de formar hábitos corretos e de lutar contra o mundo, o diabo e a carne. (...) Para alguns o resultado foi uma decepção com a fé cristã.

O que Tozer ensinava era justamente isto: que é preciso não somente

testemunhar uma decisão, um ato de fé, mas também aguardar resultados práticos dessa nova vida. O que realmente vale é o testemunho de mudança, de conversão, de libertação da velha vida, e não somente o uso dos talentos, dos dons naturais para fins evangélicos. Muitas vezes, será necessário esperar um tempo para que haja realmente esse testemunho de transformação para, somente depois, serem abertas as portas para o emprego dos dons a serviço do Reino de Deus.

É preciso suportar o anonimato, inclusive no deserto. Tarso espera-nos para que sejamos confrontados com nossas origens, resolvendo questões de nosso passado que não podem simplesmente ser ignoradas. Voltar a Tarso pode ser doloroso, mas, se for necessário, não adianta fugir.

De nada vale começar a viajar, a desejar aparecer para as multidões se, em primeiro lugar, for necessário morrer totalmente para a velha vida. O sucesso de Paulo não consistiria de um aproveitamento da fama de perseguidor. Ele teria que aprender o que era padecer (At 9.16).

O tempo de isolamento, que, como já dito, deve ter durado 14 anos — ou até mais segundo o entendimento de alguns —, serviu para Paulo ser profundamente transformado e receber revelações do evangelho da graça de Deus. Ele também precisou aprender a servir, a ser liderado, a não ter qualquer proeminência, a ter alegria em ofícios simples, que não lhe conferiam status e nem serviam de oportunidade para mostrar a sua intelectualidade e nem mesmo o conhecimento espiritual que havia obtido.

Às vezes se ouve pedidos de cantores e pregadores que querem ter uma oportunidade para mostrar o seu trabalho. O melhor lugar de mostrar nosso trabalho é em Antioquia, em nossa igreja local, servindo em meio aos demais irmãos, sem qualquer ascensão.

Paulo estava despretensiosamente servindo na Igreja de Antioquia, até que um dia bradou o Espírito Santo: “Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (At 13.2). A chamada era antiga, mas somente naquele dia saiu a ordem para o envio sob a bênção da igreja local.

Hoje sabemos que Paulo tinha consigo o que nenhum daqueles outros obreiros tinha (Ef 3.1-9), mas isso não o fez autopromover-se em momento algum. Paulo tinha a revelação da dispensação do mistério de Cristo (Ef 3.1-9), porém soube

esperar o tempo certo, o tempo de Deus.

Abrão foi chamado com 75 anos (Gn 12.1-4), mas somente com 100 anos Isaque nasceu (Gn 21.1-4). Isaque precisou orar 20 anos para que a sua mulher, Rebeca, tivesse filhos, embora fosse ele o filho da promessa (Gn 25.19-22, 26). Jacó precisou aguardar 20 anos nas terras de Labão para depois voltar a Canaã (Gn 31.38-42). José teve sonhos aos 17 anos, mas somente aos 30 tornou-se governador do Egito (Gn 37.1-11; 41.46). Josué serviu a Moisés nos 40 anos de peregrinação no deserto para, somente depois, ser escolhido como o seu sucessor (Dt 31.1-8; Js 1.1-5).

Jovens versus Velhos

Lembro-me do dia em que visitei certo irmão na sua propriedade rural, e saímos caminhando um pouco pela floresta que ainda resta nos fundos do seu sítio. Em certa parte, pude ver muitas árvores que haviam caído sem que tivessem sido cortadas. Uma verdadeira clareira havia sido aberta. Perguntei a razão, e ele disse-me que foi a ação de fortes ventos que vieram com as chuvas. Por serem árvores novas, de caule fino, não haviam resistido.

Na área, havia sido feita uma derrubada recentemente com o corte das árvores mais velhas, as quais, naturalmente, eram mais grossas. Então, as chuvas vieram. E, como as árvores novas ainda não estavam com a espessura necessária, não suportaram o ímpeto do vento.

Aquele irmão explicou-me que as árvores mais jovens só resistem às tempestades quando estão próximas das árvores mais velhas, as quais retêm a força do vento com o seu tronco e a sua copa. Ocorre que a pressa em derrubar as árvores mais velhas deixa as mais novas totalmente vulneráveis, comprometendo o futuro da floresta. Comecei a entender que esse processo poderia trazer lições espirituais e continuei perguntando sobre a vida das árvores.

Descobri que acontece uma espécie de disputa entre as árvores mais novas e as mais velhas no processo de formação das florestas. É porque, quando as mais velhas param de crescer, as mais jovens, que nasceram ao lado, sobem

rapidamente e, embora tenham caule fino, logo se encostam à copa das árvores velhas. Aí ficam como que forçando para subir mais, só que a árvore velha não cresce mais e não as deixa crescer. Aparentemente, parece que a saída é cortar logo as árvores velhas a fim de que as novas cresçam cada vez mais. Ocorre que essas árvores novas só têm altura, mas ainda são fracas nas suas raízes e têm um tronco de pouca espessura. Precisam mesmo ficar encostadas no topo das árvores velhas a fim de que, enquanto isso, cresçam para baixo — nas raízes — e também para os lados a fim de que ganhem um caule mais forte.

Não é hora de serem protagonistas na floresta, de terem a copa maior. É tempo de estar à sombra dos grandes carvalhos, dos cedros, dos ipês, dos velhos pinheiros, enquanto alcançam estrutura para, no seu tempo, resistir aos vendavais. Cortar as árvores velhas antes do tempo faz com que as novas venham logo abaixo e que o futuro da floresta fique comprometido.

O mesmo acontece no ministério. Líderes novos acham que já está na hora de “derrubar” os velhos para que se tornem os maiores. Criticam os mais velhos, que não crescem mais, ignorando que o papel deles agora é justamente servir de sombra e proteção para que os mais novos possam ficar mais fortes.

Não é hora de os mais jovens aparecerem, mas, sim, de os mais velhos serem honrados, aguardando o tempo certo de assumirem as posições de liderança.

É um grande engano pensar que os mais velhos estão atrapalhando o crescimento da obra. Eles também já tiveram o seu tempo de jovens e precisaram esperar. A Palavra de Deus diz que quem entra apressadamente de posse de uma herança no princípio, o seu fim não será bendito (Pv 20.21).

Lembro-me de ter lido na biografia do pastor José Wellington Bezerra da Costa acerca da forma como ele soube esperar, servindo ao lado do pastor Cícero Canuto de Lima, até que chegasse o seu tempo. Assim aconteceu com tantos outros.

Parece ser um tempo em que não há crescimento, pois a copa da árvore velha cobre a árvore nova, mas ela está crescendo no anonimato. As suas raízes estão cada vez mais profundas. Ela está sendo preparada para, no tempo das tempestades, poder resistir de pé e servir de proteção para outras novas árvores.

Assim como se forma uma grande floresta, que produz muito fruto e alimenta muita gente ao longo dos séculos, assim também é um ministério onde todos

reconhecem o seu tempo e a sua vez.

Sábio é o jovem líder que honra os veteranos, que oferece os seus talentos para o ministério de quem auxilia, em vez de orgulhosamente buscar a sua própria distinção, louvando-se a si mesmo.

Não é sem razão que a admoestação de Pedro para os jovens serem sujeitos aos anciãos vem logo antes da sua admoestação à humildade:

[...] vós, jovens, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte. (1 Pe. 5.5,6)

O tempo de convivência com a chamada é extremamente necessário para que chegue a compreensão do que realmente o Senhor quer com cada um de nós. Nossa pretensão pode estar fora dos propósitos de Deus. O plano dEle é perfeito, mas nossa defeituosa visão pode comprometer tudo.

Obedecer sem Entender

Não somos nós que projetamos o que queremos que o Senhor realize em nossa vida. É Ele que planeja o que quer realizar em nós e através de nós. De todo o exame da Bíblia, vemos que Deus jamais revelou detalhes da chamada a quaisquer dos homens que chamou. Primeiramente, é preciso obedecer.

Esse tempo preparatório para a plena manifestação da vontade de Deus é geralmente recheado de situações que fogem ao entendimento humano. Noé não teria construído a arca se buscasse compreender como poderia ocorrer o Dilúvio. Ele dedicou grande parte da sua vida (100 anos) na estrita obediência à ordem de Deus (Gn 6.22).

Abrão foi chamado a deixar a sua terra e a sua parentela para uma terra que ele sequer conhecia (Gn 12.1). Obedeceu seguindo cada passo indicado por Deus. Quando pensava que já havia cumprido tudo, ainda precisou oferecer o seu filho Isaque em holocausto. Ali recebeu a confirmação de que as promessas que recebera na sua chamada seriam realmente cumpridas (Gn 22.15-18).

A obediência a Deus é fundamental para que se vença o tempo em que o líder tem a consciência de que recebeu uma chamada, mas que ainda não a viu ser concretizada. Não adianta atribuir a culpa a ninguém. Aliás, é muito comum Deus usar pessoas e circunstâncias para segurar nosso ímpeto de crescimento, assim como as árvores velhas que seguram as novas!

Se o líder em crescimento tiver o entendimento correto, saberá que aqueles que o “impedem” de crescer na verdade não o estão impedindo. Somente estão sendo usados para dar-lhe uma visão correta de crescimento. Se nos deixarem crescer “para cima” sem limitação, jamais cresceremos “para baixo”, firmando raízes sólidas e, também, fortalecendo os troncos tão necessários para o enfrentamento das tempestades futuras.

É por isso que Pedro falou sobre a necessidade de sujeição. Os jovens, ou seja, os líderes impetuosos, devem sujeitar-se aos anciãos. Precisam parar para ouvir os líderes que já não se importam tanto com a eloquência, que falam com simplicidade e sem rebuscamento. Precisam conter os seus próprios arroubos, revestindo-se de humildade.

Esse tempo de espera é fundamental para que vençam a soberba e passem a desfrutar a graça de Deus. “[...] Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte” (1 Pe 5.5,6).

As transformações interiores nesse tempo de convivência com a chamada é o que nos habilita para a espera do tempo do Senhor. A morte do ego ocorre nessa fase. Quando chega o tempo em que Deus decide realizar em nós o que planejou, já não estamos mais cheios de nós mesmos. É aí que Ele realmente será glorificado.

Vivemos tempos em que é moda falar em romper os limites, só que é muito mais saudável obedecer aos limites que nos são impostos. São tempos em que existem múltiplos recursos para a imagem ser projetada. Todos esses recursos modernos

podem ser usados, porém no tempo certo. Quando chega o tempo de Deus, Ele próprio é quem nos indica as estratégias que devemos usar para a expansão do seu Reino.

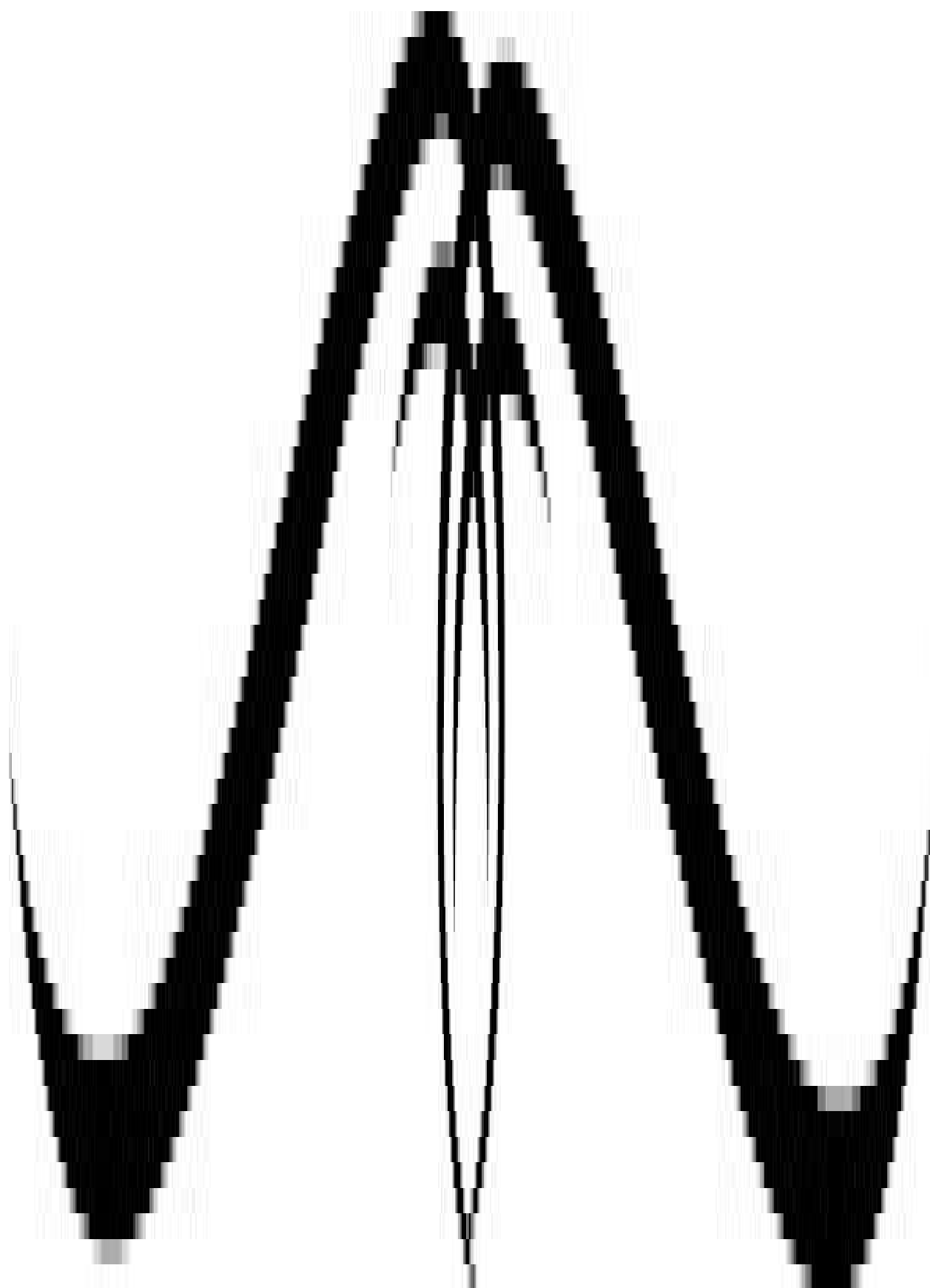
O problema não está nos meios que são usados, mas na motivação. Quando chegou o tempo de Paulo iniciar o seu ministério, todas as suas condições e habilidades pessoais foram empregadas no exercício da sua chamada. As circunstâncias do mundo da época, com os seus livres meios de navegação marítima e as muitas estradas construídas pelos romanos, além da fluente língua grega, foram fundamentais para a expansão do evangelho. Na primeira fase da sua missão, Paulo também se utilizou da gama de comunidades judaicas espalhadas pelo mundo de então, tendo as sinagogas como ponto de partida para a sua pregação em diversas cidades.

Hoje, a modernidade reserva-nos uma diversidade de meios para a divulgação do evangelho, mas os tais não podem ser utilizados em substituição ao sopro do Espírito Santo. Ter uma chamada não significa que devemos utilizar nossos próprios recursos para iniciar a carreira. Somente quando o poder do Espírito Santo cair com ímpeto e direcionar-nos ao trabalho é que devemos içar velas, levantar a âncora e partir. Foi o que Paulo fez! Ele estava servindo com toda a humildade quando o Espírito Santo anunciou que era chegada a hora de partir. O apóstolo iniciou a sua carreira na hora certa, com a motivação certa, terminando-a bem (2 Tm 4.7,8).

Só quem aprende a conviver humildemente com a sua chamada e sabe esperar o tempo de Deus pode ter um bom começo e um vitorioso fim. Aliás, mais do que a empolgação do começo, é importante terminar — e terminar bem.

III

Convivendo com Hostilidades e Rejeições



Atualmente, está muito em voga o assédio moral, principalmente nos ambientes de trabalho. São condutas hostis, humilhantes ou constrangedoras a que um trabalhador é exposto, praticadas pelo seu chefe ou patrão. Isso tem levado muitos empregados a recorrer ao Poder Judiciário em busca de indenização por dano moral. Apesar de existirem situações que realmente representam abuso de poder, muitas ações não passam de tentativa de enriquecimento sem causa, dentro do arco de processos que compõem o que se costuma chamar de indústria do dano moral.

É como a história do bullying. Se, por um lado, sabe-se que existe a prática de violência física e psicológica causadoras de dor e angústia, inclusive no ambiente escolar, por outro lado percebe-se que há uma crescente fragilidade emocional, que tira a capacidade de resiliência diante de situações banais da vida. Há um adoecimento psicológico crônico.

O líder precisa ser resiliente, alguém que tem capacidade de resistir hostilidades e rejeições, superar obstáculos, tirar força da fraqueza, como fizeram os heróis da fé listados em Hebreus 11. A lista apresenta homens e mulheres que “apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos” (Hb 11.34).

Para líderes desse naipe, não há assédio moral ou bullying que os faça retraírem-se, pois eles sabem recobrar forças e continuar firmes sem perder o foco; renovam-se como a águia, mesmo que o processo seja doloroso.

Na lista do escritor aos Hebreus, está Davi (Hb 11.32). Poucos líderes certamente sofreram tanta hostilidade e rejeição de um superior como aconteceu com o jovem Davi.

É muito bom quando temos líderes que são como pais para nós. Eles ensinam, estimulam, acreditam e investem em nós e têm prazer em ver-nos tendo êxito naquilo que fazemos em nossos ofícios. Nem todos, porém, têm a mesma experiência.

Davi foi um líder forjado em um ambiente de hostilidade e rejeição. Ele tocava harpa para o rei aliviar-se das suas perturbações espirituais (1 Sm 16.23), venceu o gigante Golias em favor de Saul e seu exército (1 Sm 17.48-51), fazia as suas

guerras, mas não havia lugar para ele no palácio. Ainda que desejasse estar com Saul em momentos de conagração, Davi precisava viver fugindo de um lado para outro sob intensa perseguição do rei e do seu exército.

Aquele era o líder de Israel naquele tempo. Samuel estava recolhido em Ramá, e recebeu a Davi em certa ocasião, e ouviu as suas queixas, mas tudo indica que ele já não podia fazer mais nada em favor do futuro rei de Israel (1 Sm 19.18). Aliás, Samuel não demoraria morrer, deixando Davi sem aquele que lhe servia de referência (1 Sm 25.1). O jovem pastor rumou para o deserto. Ele precisava aprender a conviver com a solidão, com a angústia, com as muitas perseguições, que, inclusive, são narradas nos seus salmos. Nem mesmo a amizade de Jônatas, o filho de Saul, fez com que a rejeição ao filho de Jessé deixasse de existir. Parece que tudo estava errado na vida de Davi.

O interessante é que, antes de ser ungido por Samuel, Davi tinha uma vida comum, como um pastor de ovelhas de gentil presença e que sabia tocar (1 Sm 16.12-19). Ele era um jovem de coração terno, singelo, desprovido de maiores pretensões. A sua chamada traria a ele tantas mudanças que jamais poderia imaginar. Sem um histórico de líderes na família, sem um conselheiro pessoal e sem nenhum parâmetro na história de Israel (a nação estava inaugurando a sua monarquia), podemos imaginar quantos conflitos Davi passou a viver.

Era isso que representava a sua unção de rei? Se fora ungido para ser rei, então por que começou a sofrer tanto e não era aceito nem mesmo como um plebeu nos arredores do palácio? Por que não poderia viver uma vida comum pelos campos de Belém, longe da aristocracia e de toda a vida política da nação?

Não é pouco comum que Deus submeta os que chama a uma vida de hostilidades e rejeições, ensinando-os a suportar as mais profundas feridas, até que saem e haja cicatrização, ficando somente as marcas como lembrança dos tempos de angústia e aflição. Além de gerar líderes fortes, um dos propósitos de Deus com esse processo é ensinar ao líder que ele não é chamado para hostilizar ninguém. É levá-lo a aprender pela sua própria experiência que o sucesso dos outros não pode incomodá-lo.

O líder precisa aprender a reconhecer o êxito dos outros e até mesmo o seu próprio insucesso, reconhecer que não sabe tudo; que, em muitas áreas, há quem o supere e que nem por isso se deve tentar atingir alguém com a sua lança. A lança que o líder tem é para fazer as guerras de Deus, e não para tentar matar os

seus próprios liderados, ainda que se trate de alguém que esteja sendo preparado para assumir o seu lugar. Isso não se aprende chegando-se facilmente aos píncaros da liderança, mas, sim, escalando montanhas contra os ventos da resistência.

Hostilizado por Causa da Sucessão

No caso de Davi, ficou desde cedo evidente que o problema era a sucessão. Saul viu o sucesso de Davi e ficou movido de ciúmes: “Então, Saul se indignou muito, e aquela palavra pareceu mal aos seus olhos; e disse: Dez milhares deram a Davi, e a mim somente milhares; na verdade, que lhe falta, senão só o reino?” (1 Sm 18.8).

Saul já havia sido rejeitado, pelo que Deus já estava preparando o seu sucessor (1 Sm 16.1). Agora Davi sofreria fortes hostilizações e rejeições, justamente por causa do processo de sucessão.

O líder pode preparar a sua sucessão, mas não pode escolher o seu sucessor, pois quem o escolhe é Deus, e Saul não entendia isso. Essa falta de compreensão costuma produzir muitos atritos entre líderes e liderados.

O líder que se preocupa com a sua sucessão faz bem, pois se preocupa com a continuidade da obra de Deus. O líder que se preocupa com o seu sucessor geralmente o faz preocupado consigo mesmo, com a continuidade do staff que o cerca.

Preocupar-se com a sucessão é buscar a Deus para que lhe proveja de liderados nos quais possa investir com vistas a capacitá-los para dar continuidade ao ofício ministerial. Preocupar-se com o sucessor é escolher um nome, alguém especificamente, e depositar nele as esperanças da sua própria garantia.

A preocupação com a sucessão promove e faz crescer o ministério. A preocupação com o sucessor geralmente enfraquece o ministério, pois traz divisão diante da flagrante preferência por um e preterição pelos demais.

É certo que Deus pode dar ao líder alguém específico para a sua sucessão,

dando-lhe a oportunidade de transmitir diretamente o seu legado, mas isso somente ocorre quando o líder, antes de tudo, preocupou-se com a sucessão e com as pessoas que lidera. No caso de um pastor, essa preocupação sadia será com o atendimento pastoral do rebanho. A esse líder, a quem Deus sonda o coração, é dado um sucessor que atenda a necessidade da igreja.

Feliz é o líder a quem Deus honra com um sucessor que não tenha o espírito de Absalão, que roubou o coração do povo e teve prazer na desonra do rei, mas que lhe dê um Salomão, que dê prosseguimento à obra e reconheça e valorize o legado que recebeu.

São sucessores maduros, que aprenderam na escola do sofrimento e são cheios de temor. Davi, apesar de tudo o que sofrera com Saul, pesava no seu coração estender a sua mão contra o rei (2 Sm 24.1-12). E, mesmo depois que assumiu o reino, agiu de forma respeitosa (2 Sm 9.1).

No seu livro Maravilhosa Graça, o pastor José Gonçalves fala sobre os “novatos que querem desprezar o legado dos mais velhos”. Ele acentua: “Não adianta querer passar por cima da história quando se deu apenas os primeiros passos. É preciso aprender com a história”.

Muitos se intrigam quando a liderança passa de pai para filho, como se esse não fosse o modelo que Deus estabeleceu tanto para os sacerdotes como para os reis na Antiga Aliança. No Novo Pacto, não há diferença se é ou não de pai para filho, conquanto que seja na direção de Deus. Mas que honra é para o pai ter o privilégio de passar o cajado para um filho a quem Deus realmente chamou!

Aliás, os filhos de pastores também são, muitas vezes, matriculados por Deus na escola da rejeição. Enfrentam em silêncio as mais agudas crises, de diversas naturezas. Alguns não as suportam. Mesmo quem tem a simpatia do “rei” pode ser alvo do ódio de Hamã. Seja como for, Deus continua no controle da história.

Jesus, o mais Rejeitado entre os Homens

O maior exemplo que temos de rejeição é o do Senhor Jesus, o Sumo Pastor, o

Líder por excelência. Isaías diz que Ele era “o mais indigno [rejeitado] entre os homens”, “desprezado” (Is 53.3,4). A vida de Jesus foi marcada por muitas rejeições.

Logo após o seu nascimento, foi procurado para ser morto, tendo que ser levado ao Egito; não pôde revelar-se ao mundo até os 30 anos, senão logo teria sido perseguido e morto pelos judeus; o seu ministério foi todo marcado pelas perseguições dos escribas, fariseus e a classe sacerdotal; terminou morto numa cruz, trocado por um salteador.

Jesus, porém, soube enfrentar todas essas rejeições sem maldizer e sem pagar o mal com o mal. “Como a ovelha muda perante seus tosquiadores, ele não abriu a boca” (Is 53.7). O seu exemplo leva-nos a entender que somente estaremos preparados para os propósitos de Deus quando as hostilidades e rejeições não arruinarem nosso coração.

Muitas vezes, reagimos tão mal diante de um mero esquecimento de nosso nome ou por que fomos preteridos em favor de alguém. Qualquer coisa é bullying, é assédio moral, etc.

Cartas que estão arquivadas na Igreja Filadélfia, em Estocolmo, na Suécia, revelam facetas da obra missionária sueca no Brasil. Em algumas delas, enviadas ao missionário Samuel Nystrom após o seu retorno da missão em terras brasileiras, líderes de grande envergadura apresentavam a discussão de assuntos que não se cogita que pudessem fazer parte da preocupação de homens tão célebres.

Não que isso tire o valor do trabalho desses valorosos pioneiros, mas serve para que lembremos que eram homens sujeitos às mesmas paixões que nós. Por isso, não deixaram de lidar com questões de menor valor, com enfoque individual e até certos melindres.

Já antes haviam sido registradas no diário do pioneiro Gunnar Vingren os seus desentendimentos com Nystrom, conforme bem registra o historiador Isael de Araujo na biografia de Frida Vingren.

Não Há Cadeiras para todos

Um grande perigo que corremos é interpretar mal as coisas, julgar que merecemos mais do que somos ou temos e sentir-nos ofendidos e até feridos por não recebermos a distinção que esperávamos receber.

Os cargos nas diretorias, ministérios e igrejas não comportam a todos. Não é possível criar órgãos para acomodar todo mundo. Não temos cadeira cativa em lugar algum nas organizações eclesiais. Se não estamos preparados para suportar uma simples substituição, como ficaremos se realmente formos vítimas de bruscas rejeições?

Há situações simples, como o rodízio entre professores da Escola Dominical, que levam mestres (?) a desistir do seu ofício e da própria escola por não suportarem ficar um trimestre sem lecionar. Não estão preparados para serem alunos, mas querem ser professores. É a síndrome do ensinador que só quer ensinar, jamais aprender.

Como já dito, para poder assumir o trono de Israel, Davi precisou aprender a suportar fortes rejeições. É preciso entender os propósitos de Deus em nossa vida e aprender a suportar as situações mais adversas. Ninguém pode realmente ser usado por Deus se primeiramente não se submeter ao processo de preparação a que o Senhor dirige. As histórias não são iguais, como está claro em toda a Bíblia Sagrada, mas é certo que muitas delas incluem o enfrentamento de agudas resistências.

O líder maduro está habilitado para ser esquecido, substituído, preterido, escondido e, ainda assim, mantém a sua posição de servo. Ele não reage, não agride, não se rebela.

É por isso que muitos de nossos pais na fé costumavam submeter os seus cooperadores a testes difíceis. É verdade que alguns desses testes são tidos hoje como exagero, porém visavam justamente conhecer o caráter e o temperamento do candidato ao santo ministério. Os métodos certamente mudam, mas a necessidade de “primeiro ser provado” para depois servir ainda permanece (1 Tm 3.10).

Davi não vivia choramingando pelos cantos buscando, pela autopiedade, atrair simpatizantes para si, desfalcando a equipe real. Ele formou um exército com homens que não faziam parte do staff palaciano. Pelo contrário! Eles mesmos

eram outros rejeitados, homens desgostosos a quem ninguém dava nada (1 Sm 22.1,2).

Esses homens desprezados encontraram em Davi um rejeitado que tinha consigo coragem, determinação, força para resistir, e foram estimulados, eles também, a superar as suas próprias calamidades. Mais tarde, seriam transformados nos valentes de Davi, somando-se ao exército de Israel. Uma tropa de elite.

O segredo de Davi era que ele tinha a bênção de Deus e alcançou maturidade com ela. O líder maduro não divide, não furta os liderados de outro. Ele forma novos líderes e, no tempo certo, emancipa-os para que possam gerar outros líderes.

A Hostilidade do Sistema

Não há como viver neste mundo sem sofrer injustiças, pois o sistema é hostil. A queda trouxe ao mundo a operação do mal através da natureza humana pecaminosa. Em certo sentido, o filósofo inglês Thomas Hobbes (1588–1679) tinha razão quando disse que “O homem é o lobo do homem”.

Hobbes dizia isso para falar da hostilidade do homem com os seus semelhantes. A Palavra de Deus aponta o pecado do próprio homem como a causa matriz desse problema: “De que se queixa, pois, o homem? Queixe-se cada um dos seus pecados” (Lm 3.39). Tiago também trata desse assunto ao dizer: “Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura, não vêm disto, a saber, dos vossos deleites que nos vossos membros guerreiam?” (Tg 4.1).

Somos nós, com essa natureza delituosa, que construímos um sistema injusto para nós mesmos. E nenhum de nós é juiz nesse sistema injusto, porque todos participamos das mesmas imperfeições. A justiça vem de Deus, que a exerce também através das autoridades que constitui (Rm 13.1), sabendo que mesmo esse sistema mostra-se imperfeito por causa do instrumento que o opera, o homem. Assim, aguardamos a manifestação da perfeita justiça, o justo Juiz (Sl 7.11; 94.2).

Maturidade, portanto, é não viver exigindo um trato perfeito, mas compreendendo e suportando as injustiças em amor, com uma visão espiritual que contemple além desse sistema perverso. O líder precisa ser paciente para com todos, especialmente porque a sua missão é trabalhar com pessoas imperfeitas num processo de busca da perfeição, “até que todos cheguemos [...] a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.13).

Abusos de Autoridade

Sempre que alguém precisa sofrer hostilidades e rejeições praticadas por líderes, é porque se encontra pela frente alguém que abusa da sua autoridade. Isso pode ser visto, por exemplo, no exercício do poder disciplinar. Existem o poder e o direito de exercê-lo, mas, na prática, ocorre o abuso, o excesso.

O líder maduro é ponderado e não se precipita em juízos de condenação; prefere a cautela, pois tem plena consciência das suas próprias fraquezas; sabe que aplicar a disciplina bíblica é muito diferente de condenar, pois o alvo é sempre a restauração do disciplinado, ainda que o caso seja extremamente grave, como o do tal crente de Corinto que Paulo disse que devia ser “entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus” (1 Co 5.5). O apóstolo dos gentios era portador do evangelho da graça de Deus, pois havia sido exercitado nela.

O grande pecado dos judeus foi rejeitar a graça de Deus e julgar cegamente os gentios, esquecendo-se dos seus próprios pecados. Em Romanos 2.1-3, Paulo adverte os judeus de que a sua atitude importava em verdadeira condenação de si mesmos: “Porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo”.

Sabemos que o líder é muito tentado a julgar justamente por causa do poder que possui. Daí vem tantos abusos de autoridade. Davi foi pronto para julgar o homem de cuja história o profeta Natã contou-lhe, não sabendo que estava julgando a si mesmo (2 Sm 12.1-7).

Ainda que sob abuso de autoridade, deve-se viver neste mundo com um espírito

manso, pedindo a Deus que sempre nos dê brandura, paciência, compreensão, a fim de que possamos conviver com as hostilidades que surgirem em quaisquer áreas de nossa vida, não respondendo no mesmo padrão, não pagando o mal com o mal, mas sempre com o bem.

Jesus advertiu-nos sobre os pleitos da injustiça e ensinou-nos que não devemos reagir:

[...] não resistais ao mal; mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. (Mt 5.39-41)

O Mestre disse mais:

Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e nos perseguem, para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos. (Mt 5.44,45)

Os primeiros apóstolos compreenderam bem essas verdades espirituais a ponto de regozijarem-se diante das hostilidades que sofriam. O Espírito Santo fez-lhes maduros espiritualmente.

Ajudando os Líderes mais Jovens

O líder precisa aprender a conviver com hostilidades e rejeições para que também saiba identificar e tratar disso nos grupos que liderar. Sempre novos

líderes estão chegando, muitos com uma visão romântica, de um mundo ideal, que desconsidera a realidade da vida humana. Esses não admitem que haja entre os líderes cristãos quaisquer comportamentos que não sejam pautados no amor, na justiça ou na verdade. Quando vivenciam situações adversas, tendem a ficar desesperados e a entrar em crise.

É a hora em que conflitos podem surgir na mente desse líder iniciante e bater o desejo de desistir de tudo. Caberá ao líder mais maduro mostrar ao novito que esses embates vêm justamente para forjar nele um líder mais experiente, mais resistente a contrariedades e que saiba conviver com hostilidades e rejeições.

Por vezes, situações pequenas e banais criam problemas de grande vulto, justamente porque não encontraram corações que já foram forjados no fogo das oposições. O ideal é que assim não fosse, mas não podemos deixar de expor a verdade, pois a venda de uma falsa imagem pode produzir frustrações de grandes proporções e de difícil reversão.

No exemplo de Davi, antes mencionado, não se imagina como ele poderia ter suportado as crises que viveu já como rei se não tivesse primeiramente passado pelo tempo de fortes provações desde o momento da sua unção por Samuel.

O grande diferencial em Davi é que ele não desistiu mesmo quando não tinha em quem se apegar sequer para contar as suas tristezas. O mais extraordinário é que até mesmo essa fase foi por ele bem aproveitada através dos salmos que compôs.

Davi discerniu bem o que estava acontecendo com ele, embora tenha vivido tantos conflitos. Buscou a Deus e não permitiu que entrasse ódio no seu coração. Cumpru-se nele o que diz Eclesiastes 10.4: “Levantando-se contra ti o espírito do governador, não deixes o teu lugar [...]”.

Depois de Israel, bilhões de cristãos ao redor do mundo são edificadas com os salmos do jovem belemita, que soube colher as duras experiências e registrá-las para as gerações futuras. É preciso entender que o tempo de hostilidades e rejeições serve para produzir frutos bons em nós e através de nós; são lições espirituais que servirão para muitos.

O que não podemos é afastar dos líderes em formação a consciência dessa realidade, sob pena de ser formado um corpo de líderes frágeis, sem nenhuma experiência com a realidade das provas espirituais que são próprias de todos aqueles que aceitam servir a Deus.

Líderes em formação precisam encontrar líderes maduros, como Paulo, que foi franco com Timóteo, revelando ao jovem pastor a sua vida de sofrimento. O resultado foi que Timóteo tornou-se um seguidor de Paulo também nesse particular. O testemunho do apóstolo deixa isso bem evidente:

Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, amor, paciência, perseguições e aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou. (2 Tm 3.10,11)

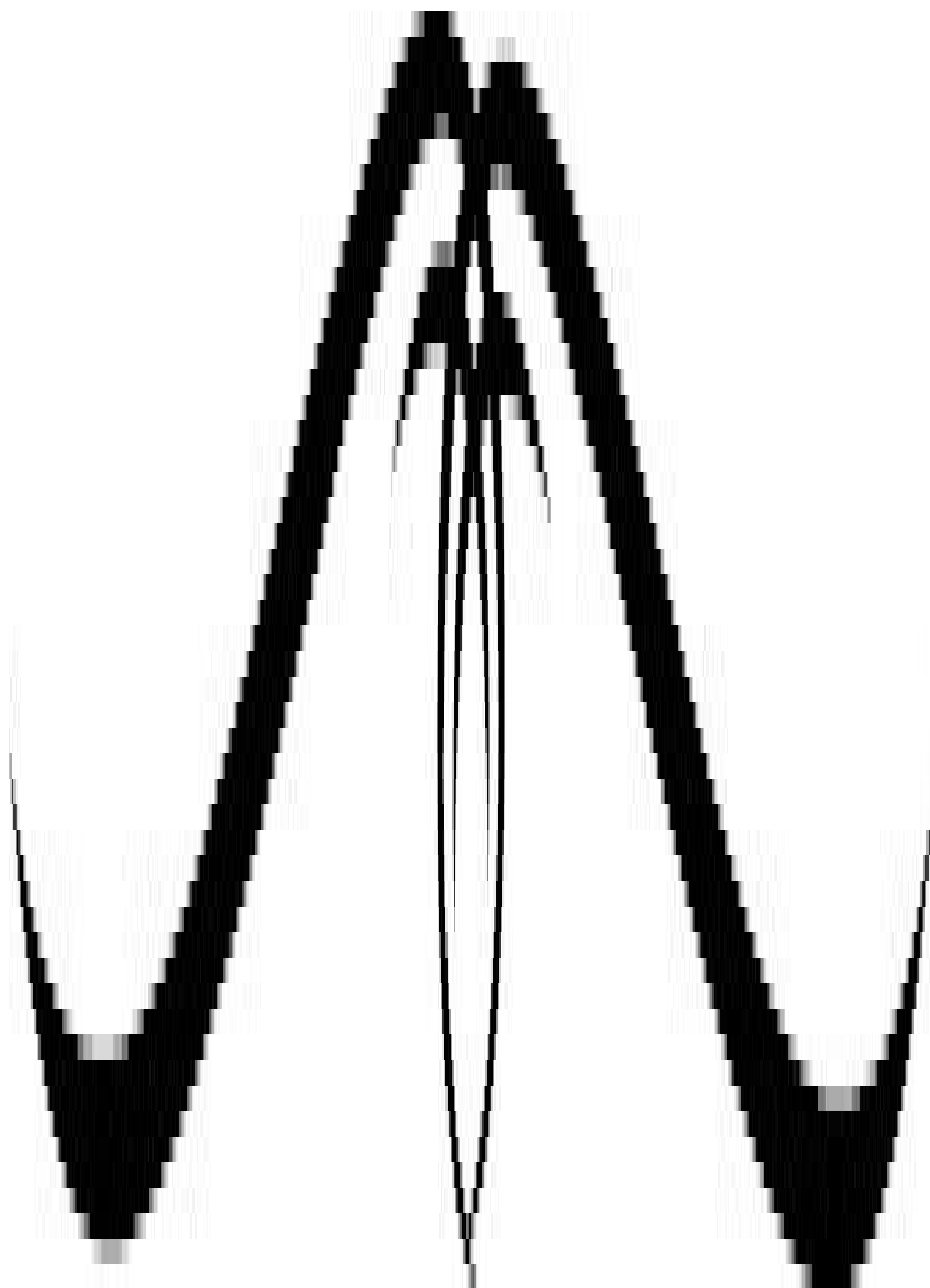
A franqueza de Paulo para com Timóteo serve para todos os líderes de hoje: “E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2 Tm 3.12).

Esse forjar do caráter do líder em meio a hostilidades e rejeições serve para que se exercite e que se fortifique na graça de Deus (2 Tm 2.1). Não há como o líder tornar-se dependente de Deus se for criado em um ambiente de facilidades.

Deus usará algum método para fazer com que dependamos dEle. Paulo, depois de uma extraordinária experiência espiritual, precisou do espinho na carne (1 Co 12.2-10). No final, sempre dizemos como o salmista: “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos” (Sl 119.71). Isso faz parte da fidelidade de Deus: “Bem sei eu, ó SENHOR, que os teus juízos são justos e que em tua fidelidade me afligiste” (Sl 119.75).

N

Aprendendo o Contentamento



Outro aspecto importante da maturidade do líder é aprender o contentamento. Paulo disse:

[...] já aprendi a contentar-me com que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura com a ter fome, tanto a ter abundância com a padecer necessidade. (Fp 4.11,12)

Não somente barra de saia, mas também a barra de ouro pode levar o líder à ruína. Lidar com bens e valores materiais sempre foi um grande desafio para a liderança. Meras técnicas não resolvem o problema. Somente um tratamento profundo, do coração, pode tornar o líder liberto da sedução das riquezas. Mais que isso, habilita-o a lidar com rendas e posses quando isso for vocação de Deus para a sua vida ou fizer parte do exercício da sua liderança.

O processo de aprendizagem do contentamento costuma levar o líder a circunstâncias radicais, quando os bens materiais perdem totalmente o valor e o sentido. Não existe verdadeiro contentamento enquanto nutrimos sentimentos de apego às coisas desta vida.

Precisamos aprender realmente que valores e bens terrenos são fúteis em si mesmos e indignos de qualquer apreço de nossa parte. São importantes e necessários, mas não podem ocupar espaço algum em nosso coração. Ter uma consciência sóbria e racional do que necessitamos para a vida é bem diferente de depositar nossas expectativas em coisas e viver em função delas. Precisamos ser libertos de qualquer sentimento de amor ao dinheiro e às riquezas.

É justamente isto que Paulo diz: “[...] o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores” (1 Tm 6.10).

Nosso relacionamento com o dinheiro não pode envolver sentimento; por isso é preciso desapego. Pode ser preciso viver duras experiências para alcançar esse desapego; ou seja, situações nas quais somos levados a entender o quão banais

são as riquezas. Recordemos Salomão, que disse: “Mais digno de ser escolhido é o bom nome do que as muitas riquezas; e a graça é melhor do que a riqueza e o ouro” (Pv 22.1). Salomão era um homem rico que havia compreendido a superioridade de valores morais e espirituais.

Não é possível entender isso com uma mente carnal, e esta é a razão para nosso fracasso nessa área: sem força espiritual, não nos libertaremos do apego ao dinheiro. Não o dominamos, mas é ele que nos atrai e domina.

É tão sério o quadro que Paulo aconselha a Timóteo a fugir: “Mas tu, ó homem de Deus, fuge destas coisas e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão” (1 Tm 6.11). O poder de atração das riquezas não pode ser subestimado.

Paulo ensina ao jovem pastor que “é grande ganho a piedade com contentamento” (1 Tm. 6.6). Para muitos, o apóstolo certamente radicalizou quando disse: “Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes” (1 Tm 6.6-8).

O ensino de Paulo não deixa dúvida: alimento e veste deve ser o suficiente para nosso contentamento. Esse tipo de ensino não costuma encontrar muita ressonância nesses tempos modernos de crescente secularismo, mas os escritos neotestamentários não valeram somente para os dias apostólicos.

A Bíblia não diz que a riqueza é pecado. Absolutamente! A Palavra de Deus está tratando de um valor espiritual: encontrar contentamento sem as riquezas e não depender de bens e valores terrenos para viver contente.

É evidente que o cristão — e, inclusive, o líder — pode, sim, ter algo além de sustento e veste, mas no seu interior precisa haver um sentimento de contentamento com o básico e uma disposição sincera de, se necessário, viver com a escassez. É disso que Paulo fala aos filipenses (Fp 4.12).

O grande segredo não é fazer voto de pobreza ou viver uma vida franciscana; é estar apto a ser o mesmo tanto na abundância quanto na necessidade.

Ter problema em decorrência do mau uso do dinheiro não é exclusividade dos ricos. O apego desmedido que o pobre tem com as coisas desta vida pode ser ainda pior. Assim como podem ser vistos pobres liberais e ricos mesquinhos,

também podem ser vistos ricos liberais e pobres mesquinhos. São coisas do coração. Não foram os servos que receberam cinco ou dois talentos que os enterraram na areia, mas o que recebeu somente um (Mt 25.14-30).

O Perigo da Ostentação

A maturidade faz com que o líder deixe a avareza, a soberba, o orgulho de mostrar posses, bens de alto valor, qualquer ostentação pessoal, luxo de qualquer natureza. O líder aprende a ser simples, mesmo que conviva com a sofisticação. Aliás, maturidade não é fazer-se de pobre e coitadinho, mas ser humilde de coração mesmo cercado de posses e riquezas.

O líder maduro é despido de vaidades, de exigências pessoais. Não combina com ele o culto a hábitos caros e nem a busca do prazer em coisas. Ele adapta-se facilmente a situações e lugares simples e modestos, valorizando mais as pessoas, os relacionamentos e, acima de tudo, o bom exemplo como cristão, fazendo tudo para a glória de Deus.

Histórias de líderes que promovem verdadeiros shows de exigências, principalmente longe de casa, são uma nítida demonstração de imaturidade. São líderes que ainda não aprenderam sobre o contentamento. Talvez estejam se confundindo com as celebridades que distribuem esquisitices com um rol de excentricidades e exigências exóticas.

É evidente que devemos primar por receber bem os homens e mulheres de Deus, dando-lhes a honra devida, porém dentro de um processo espontâneo. Quando isso não ocorre, é da maturidade do líder moldar-se ao tratamento que receber, dando graças a Deus em tudo.

Se os apóstolos alegravam-se quando eram afrontados pelo nome de Jesus, o que será de nós se tivermos a soberba de exigir alto padrão de tratamento, constringendo nossos irmãos?

Leonard Havenhill (1907–1994) apontava o comportamento de muitos agentes da obra de Deus como uma das causas de não estarmos vivendo um pleno

avivamento. Estaríamos tardando o avivamento por questiúnculas pessoais, enquanto Paulo soube adaptar-se ao tratamento de todas as igrejas.

Nem todas as igrejas foram tão amáveis com o apóstolo como a de Filipos. Isso, porém, não o impediu de desempenhar cabalmente o seu ministério, pois Paulo estava preparado para enfrentar todo o tipo de situação, como fez em Éfeso, onde trabalhou para o seu sustento e dos seus companheiros (At 20.33-35), ou em Corinto (1 Co 4.11,12; 9.11,12; 2 Co 12.14,15), ou Tessalônica, onde trabalhava dia e noite (2 Ts 3.7-9).

Os exemplos de Abraão e Eliseu também nos revelam o desapego que tinham das coisas materiais em função de estarem cheios de contentamento. Abraão não quis os presentes do rei de Sodoma. Ló, que não se emendou e ainda voltou para aquela ímpia cidade, teve um fim triste e trágico (Gn 19.24-38). Eliseu não quis as benesses de Naamã. O seu servo, que cobiçou roupas e joias, terminou contaminado pela lepra (2 Rs 5.20-27).

Wayde Goodall, no seu livro *Por que os Líderes Fracassam?*, chama isso de direito de posse, quando os líderes lançam mão de vantagens que consideram ter conquistado por merecimento.

Abraão, por ter vencido os reis inimigos do rei de Sodoma, poderia ter-se julgado merecedor do despojo. Eliseu, por ter sido usado para a cura de Naamã, poderia ter considerado absolutamente normal ser recompensado por isso.

Os líderes que são contaminados por esse tipo de sentimento não conseguem contentar-se com o que recebem pelas vias normais, ordinárias, e começam a lançar mão de expedientes pouco ou nada éticos para satisfazerem-se, para atenderem o seu ego.

Agora, imaginemos um líder diante de generosas ofertas de um rei ou de uma alta autoridade de uma nação próspera como a Síria na época. Como perder a oportunidade? Somente um líder liberto de todo tipo de vaidade e avareza para não cair nesse tipo de armadilha!

Nos tempos atuais, esses quadros manifestam-se quando, diante de autoridades políticas, líderes não conseguem abrir mão de vantagens por considerarem-se merecedores.

Um líder que tenha influenciado o povo a eleger o seu candidato estará

automaticamente tentado a tirar alguma vantagem disso. Ou, até antes, por que não negociar um cargo se a participação no processo eleitoral será considerável? No capítulo “Discernindo o Princípio da Autoridade”, abordamos melhor as consequências desse tipo de ajuste. Como têm sido catastróficas para muitos líderes! Teriam feito bem se tivessem se contentado a ser o que eram e a ter o que tinham.

A falta de contentamento também se revela em administrações caóticas quando o líder faz verdadeira confusão do patrimônio e das rendas da instituição com o seu patrimônio e as suas rendas. É quando o caixa da igreja ou outra organização confunde-se com o bolso do líder.

A desordem administrativa que caracteriza a confusão patrimonial pode simplesmente ser fruto da incapacidade do líder de gerir os bens da entidade que lidera. Contudo, também pode ser resultado justamente de um comportamento pouco ou nada ético, quando a falta de contentamento leva o líder a lançar mão do que é da instituição para atender as suas necessidades e interesses pessoais — ou de terceiros.

O princípio aplicado hoje é o mesmo do período sacerdotal, quando o sacerdote devia ser isento das “coisas santas dos filhos de Israel” que eram santificadas a Deus: “Dize a Arão e a seus filhos que se apartem das coisas santas dos filhos de Israel, que a mim me santificam, para que não profanem o nome da minha santidade. Eu sou o SENHOR” (Lv 22.2). Os filhos de Eli foram duramente castigados pela profanação do sacrifício feito a Deus (1 Sm 2.12-17; 4.11).

Um dos requisitos do líder cristão é justamente não ser avarento (1 Tm 3.3). O exercício do sacerdócio é uma vocação divina que não combina com a avareza.

A divisão do coração do líder com interesses terrenos é um forte limitador para o recebimento de poder espiritual. É necessário abrir mão do poder das riquezas materiais para ter um coração voltado para as riquezas espirituais. Esse é um princípio que se aplica a todos os discípulos de Jesus, quanto mais ao líder. O coração do homem fica preso ao seu próprio tesouro. Foi isso que disse Jesus ao afirmar que “onde estiver o [nosso] tesouro, aí estará também o [nosso] coração” (Mt 6.21).

A sedução das riquezas têm sido a ruína de muita gente. Paulo diz que “os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências

loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína” (1 Tm 6.9).

O maior exemplo de abnegação é o do Senhor Jesus, que se esvaziou a si mesmo, ou seja, “deixou de lado sua glória celestial, posição, riquezas, direitos e o uso de prerrogativas divinas” (STAMPS, BEP, p. 1825). Já na forma de homem, foi tentado em tudo, especialmente a que tivesse riquezas, o poder e a glória de todos os reinos deste mundo (Mt 4.8). Recusou tudo para dar-nos graça para resistir aos encantos deste século.

A Falta de Contentamento e a Soberba

A falta de contentamento é somente um dos sintomas de um sentimento mais grave alojado no coração do líder: a soberba. O líder vive em busca de mais; não somente de riqueza, mas também de controle e poder. Isso tem muitos outros reflexos no exercício da liderança.

Às vezes, o líder vive no seu pequeno mundo, mas acha que ali é o centro do Universo. Que o seu conhecimento é superior ao de todos os que o cercam. Nessa soberba, torna-se endurecido, não aceita conselhos e não tolera opiniões contrárias. Tem pés de barro, mas age como se fosse ao todo uma estrutura de aço, imbatível. Presume de si mesmo. Moisés não teria ouvido a Jetro se tivesse esse espírito.

A falta de um quebrantamento de espírito leva o líder a usar a sua autoridade como uma couraça, impondo a sua estrutura e não admitindo ser contrariado em nada. Olha os outros sempre de cima para baixo: “A soberba precede à ruína, e a altivez do espírito precede a queda. Melhor é ser humilde de espírito com os mansos do que repartir o despojo com os soberbos” (Pv 16.18,19).

Parece não haver dúvida de que Salomão relaciona diretamente a soberba ao desejo de possuir (“repartir o despojo”). A falta de contentamento nada mais é do que uma das manifestações da soberba, da altivez de espírito, que milita contra a humildade, que é justamente a virtude que gera a capacidade de contentar-se com o que tem.

Essa falta de humildade do líder traz consequências diretas em diversas áreas do exercício da sua liderança. Nos casos em que a gravidade não é extrema, esse líder segue a sua carreira, porém impõe grande prejuízo à obra. Ele poderia produzir muito mais. Tinha tudo para gerar outros líderes, mas é impedido pela sua empáfia. Sem saber, termina sendo vítima do engano. O seu coração exaltado fecha as portas para um aprendizado de excelência e não encontra a sabedoria.

Salomão somente obteve sabedoria porque abriu mão de todas as prerrogativas do seu reinado que poderiam alimentar a sua soberba. Ele teve o desejo somente de servir. Diante da proposta que Deus fez a ele, respondeu: “Dá-me, pois, agora, sabedoria e conhecimento, para que possa sair e entrar perante este povo; porque quem poderia julgar a este teu tão grande povo?” (1 Cr 1.10). Salomão demonstrou contentamento e desapego material.

O líder só recebe sabedoria em abundância quando decide desprender-se das vantagens pessoais que a sua função pode trazer a ele. Salomão não quis riqueza, fama ou a vida dos seus inimigos. Ele poderia ter pedido tudo isso — tanto que o recebeu de Deus. Mas, se o tivesse feito, o seu coração teria ficado preso em tais coisas, fechando-se para a dádiva da sabedoria divina.

Assim fazem os líderes que não veem as suas posições como uma oportunidade de servir ao povo de Deus, mas como um meio de construir para si um reinado cercado de benefícios. Trata-se de uma condição que se aplica a todos os líderes: servir ou ser servido? Salomão escolheu servir.

Os líderes que escolhem ser servidos, no todo ou em parte, são privados da sabedoria na mesma proporção da sua soberba. Como Salomão abriu mão de tudo, recebeu sabedoria inigualável. Cada um de nós tem a mesma escolha diante de si. O tamanho da reserva de poder ou glória pessoal que fazemos para nós determina o tamanho do fosso de engano a que nos submetemos.

Lideramos, porém com nítidas limitações. Servimos, mas não com o nível de alegria que poderíamos ter. Ensinamos, mas sem o mesmo êxito que poderíamos alcançar. Pregamos, mas não com o mesmo resultado que poderíamos produzir.

Nessa toada, muitos dos líderes que reservaram certa medida de tesouros ou vantagens para si seguem privados de um oceano de bênçãos espirituais. A sua liderança não flui como poderia fluir.

Inspirando outros

Uma das características desses líderes que escolhem ser servidos é a falta de inspiração para outros. Além da profunda liderança que exercia em Israel, Salomão recebia líderes de toda a terra, que vinham ver o que Deus havia feito através dele: “E todos os reis da terra procuravam ver o rosto de Salomão, para ouvirem a sua sabedoria que Deus lhe dera no seu coração” (2 Cr 9.23). Ficavam estupefatos, como a rainha de Sabá (2 Cr 9.1-8).

A liderança de Salomão era inspiradora. A sua sabedoria ecoa até hoje através dos seus livros. Milhões e milhões de líderes, inclusive seculares, estudam os segredos do sucesso de Salomão. O coração dele não estava preso a valores medíocres. Ao decidir valorizar a sabedoria acima de tudo — e com o propósito de servir —, ficou livre de toda a carga de sentimentos e pensamentos que bloqueiam os canais da verdadeira instrução. Fluía em Salomão um profundo discernimento das coisas. Ideias e mais ideias brotavam do terreno fértil do seu coração.

A praga do orgulho e da soberba não deixa germinar boas sementes; sequer permitem que elas cheguem ao solo do coração. Qualquer ideia externa é repelida. Não se ouve conselhos. Não para com a intenção de observar os simples e as coisas pequenas. Salomão era mestre em ouvir e observar.

Wayde Goodall diz de Colin Powell, ex-Secretário de Estado norte-americano, que, quando era chefe do Estado Maior dos Estados Unidos, ouvia com interesse soldados de baixa patente. Os maiores e mais bem-sucedidos comandantes tiram um tempo para ouvir os seus soldados no campo de batalha. O naufrágio do Titanic deveu-se muito ao desprezo aos alertas de liderados.

Depois de ter tanto sucesso, a liderança de Adolf Hitler (1889–1945) revelou-se um grande fracasso diante da sua incapacidade de tolerar informações que lhe eram contrárias. O führer não admitia que os seus generais trouxessem-lhe notícias de baixo e passou a tomar decisões suicidas. Muitos dos seus biógrafos concluem que ele mesmo, ao final de tudo, cometeu suicídio em seu bunker.

É um suicídio viver uma liderança cega. Pensa-se estar no centro da vontade de Deus, quando, na verdade, se está longe dela, em maior ou menor grau. O nível de engano — repito — é proporcional ao nível da soberba. O termômetro da soberba — repito — é o grau de exigências pessoais e apegos a benefícios, vantagens e excentricidades próprios da posição.

Salomão decidiu por um único foco: ser um servo de Deus servindo ao povo de Deus: “Dá-me sabedoria para que eu possa sair e entrar perante este povo; porque quem poderia julgar a este teu tão grande povo?”.

Muitos líderes aceitaram de coração servir ao povo de Deus, mas depois aprenderam a impor algumas condições. Passaram a exigir contrapartidas. Lideram, porém com proporcional limitação. São presos a certas estruturas de engano.

Salomão abriu mão da fama. Muitos líderes são amantes da fama. Fazem muito, mas também querem aparecer muito. Exigem que a sua imagem seja destacada. Têm em si uma concupiscência pela fama. Padecem da síndrome de Narciso, o mito grego. Não se contentam em ver e ouvir acerca da alegria dos liderados. Ficam esperando com ansiedade doentia a repercussão do seu nome nos jornais da fama.

A Oração de Salomão

Ao ouvir de Deus a oferta “Pede o que quiseres que eu te dê”, Salomão respondeu:

[...] Tu usaste de grande beneficência com Davi, meu pai, e a mim me fizeste rei em seu lugar. Agora, pois, ó SENHOR Deus, confirme-se a tua palavra, dada a Davi, meu pai; porque tu me fizeste rei sobre um povo numeroso como o pó da terra. Dá-me, pois, agora, sabedoria e conhecimento, para que possa sair e entrar perante este povo; porque quem poderia julgar a este teu tão grande povo? (2 Cr 1.8-10)

Em primeiro lugar, Salomão demonstrou gratidão a Deus e reconhecimento de que ele estava onde estava graças à beneficência feita a Davi, o seu pai. Ou seja: reconheceu que a história não estava começando com ele. Houve alguém antes dele. Segundo, reconheceu o valor da posição que tinha por obra de Deus. Terceiro, admitiu a sua limitação para a tarefa a que tinha sido designado. Quarto, manifestou valor ao povo como povo de Deus.

O contentamento é fruto de um coração agradecido. A ingratidão impede que se alcance satisfação com o que se tem. Salomão reconhecia que a posição em que estava era resultado da beneficência de Deus e que já era extremamente grandioso ter o privilégio de servir perante “um povo numeroso como o pó da terra” (2 Cr 1.9).

Os versículos seguintes demonstram que a atitude de Salomão era fruto de um coração desapegado:

Então, Deus disse a Salomão: Porquanto houve isso no teu coração e não pediste riquezas, fazenda ou honra, nem a morte dos que te aborrecem, nem tampouco pediste muitos dias de vida, mas pediste para ti sabedoria e conhecimento, para poderes julgar a meu povo, sobre o qual te pus rei, sabedoria e conhecimento te são dados; e te darei riquezas, e fazenda, e honra, qual nenhum rei antes de ti teve, e depois de ti tal não haverá. (2 Cr 1.11,12)

A decisão de Salomão em abrir mão de todo e qualquer interesse pessoal abriu-lhe a porta para a verdadeira sabedoria, enquanto que o desejo de riqueza, como diz Paulo, leva-nos a cair em tentação, laço e muitas concupiscências: “Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína” (1 Tm 6.9).

Paulo, do alto da sua autoridade e experiência, não diz que os que querem ser ricos podem cair em tentação, mas que caem. Trata-se de uma sentença implacável, justamente porque o desejo de riqueza vulnera o homem, tornando-o suscetível ao engano. É nesse sentido que a fragilidade do líder faz com que ele caia em tentação, em laço e em muitas concupiscências.

Na busca cega e desenfreada pela riqueza, o líder termina não conservando um senso espiritual capaz de livrá-lo de erros, e é isso que faz surgir muitos escândalos, que fulminam grandes lideranças. No mínimo, o líder fica privado de poder espiritual, como já enfatizado, exercendo as suas funções de forma limitada e tacaña.

Não é à toa que A. W. Tozer, nos seus Cinco Votos para Obter Poder Espiritual, põe como segundo voto “Não seja dono de coisa alguma”. Eis o que diz Tozer:

[...] não quero dizer que não possamos possuir coisas. Quero dizer que devemos ser libertos do senso de possuí-las. Esse senso de posse é o que nos embaraça. [...] Se puder livrar-se disso, para que não tenha mais o sentido de posse sobre qualquer coisa, você sentirá grande liberdade em sua vida. Não pense com isso que você precisa vender tudo quanto possui e distribuir como caridade. Não, Deus permitirá que você tenha seu carro e seus negócios, sua profissão e sua posição, qualquer que ela seja, contanto que entenda que isso não é seu, em absoluto, mas Dele, e que tudo quanto está fazendo é apenas trabalhando para Ele.

Foi exatamente o que aconteceu com Salomão. Ele não era apegado a nada, e foi justamente por isso que Deus deu tudo a ele: “Porquanto houve isso no teu coração [...] te darei riquezas, e fazenda, e honra, qual nenhum rei antes de ti teve, e depois de ti tal não haverá” (2 Cr 1.11,12).

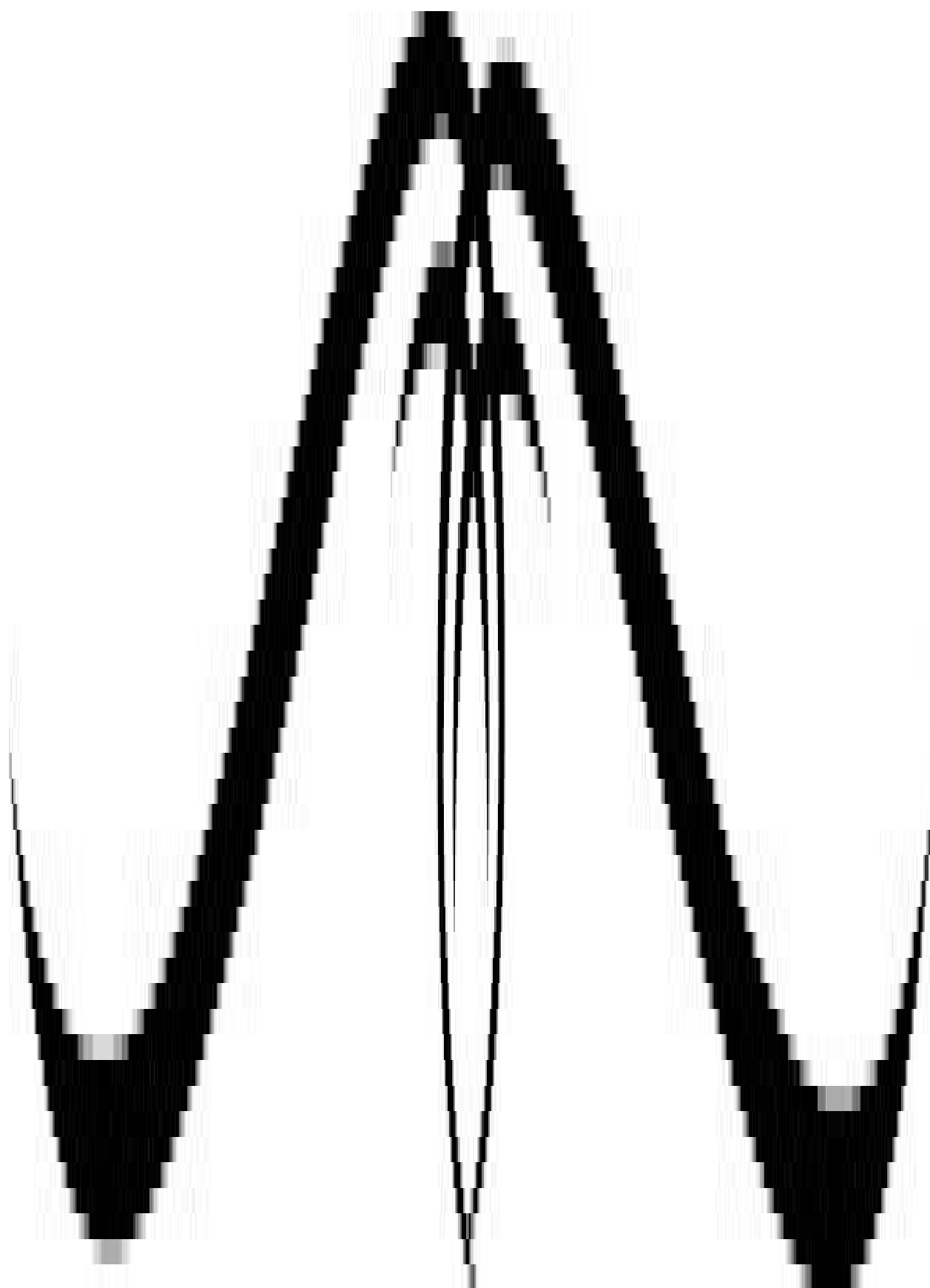
Muitos buscam em Salomão inspiração sobre como obter riquezas, mas o desejo de possuir bens é o que os cega desde o princípio, pois é justamente aí que começa o problema. O segredo de Salomão foi que ele realmente não desejou nenhum bem ou valor terreno. E Deus, vendo isso no seu coração, considerou que ele estava habilitado para possuir além do principal, que era a sabedoria para servir.

Depois que um homem alcança no seu coração a verdadeira libertação do desejo de riquezas ou posições, apegando-se ao contentamento, alcança o patamar de Paulo (pelo menos aproxima-se dele!): está instruído tanto a ter abundância como a padecer necessidade. As coisas exteriores já não lhe fazem diferença; e o mais importante: é cheio de sabedoria e poder espiritual. Assim é o homem que

pode todas as coisas naquEle que o fortalece (ver Fp 4.13).

v

Suportando as Provas de Deus



Parece-me que uma regra geral para o êxito de todo líder é ser submetido a duras provas a fim de que ele aprenda a depender exclusivamente da graça de Deus para poder superá-las. A expressão “primeiro sejam provados e depois sirvam” (1 Tm 3.10), mesmo que possa ter sido usada para referir-se a provas aplicadas entre os homens, é uma realidade muito evidente na vida de todo homem de Deus no que diz respeito à sua fé.

As provas são indispensáveis para que alcancemos maturidade. Se elas são próprias de todo cristão, especialmente o são para os líderes, pois estes precisam ser forjados para embates e responsabilidades maiores. Conforme Matthew Henry (1662–1714), a necessidade de ser primeiro provado a que se refere Paulo abrange no líder “a integridade de seus julgamentos, o zelo por Cristo e a irrepreensibilidade da sua conversão”.

Lewi Pethrus (1884–1974) escreveu no seu livro *Eu Sei em quem Tenho Crido* que as maiores crises da sua vida foram justamente decorrentes de provas de fé. Nosso pai na fé, Abraão, foi submetido a provas intensas, principalmente a ordem de Deus para oferecer em sacrifício o seu próprio filho, Isaque (Gn 22.1,2). Que intensidade teve essa prova para Abraão! Receber uma ordem para uma ação que aparentemente vinha totalmente contra a promessa de Deus para a sua vida (Gn 12.1,2)!

As mais duras provas levam-nos a situações que não comportam explicações racionais. São circunstâncias em que nada faz sentido. Até o que tanto dissemos para os outros parece tornar sem efeito para nós mesmos. Tudo parece acabar. Tudo o que esperávamos em Deus parece virar pó. No caso do líder, é como se todo o seu propósito de vida deixasse de existir.

Ao pedir a Abraão o seu filho Isaque, o Senhor estava pedindo o “ministério” do patriarca. Aquele jovem representava todo o propósito da vida de Abraão desde a sua chamada, que era ser pai de uma grande nação (Gn 12.1,2), e agora estava na iminência de ser transformado em nada. O Senhor estava ensinando a Abraão que mais importante que um “ministério” é temer ao nome do Senhor Deus.

Não é pouco comum o líder pensar que o mais importante que tem na vida é o que costumamos chamar de “nosso ministério” — uma carreira, um propósito, uma realização que nos distingue e confere um sentido à nossa existência. É

quando somos provados por Deus e Ele pede de nós que abramos mão desse ministério, desse título, dessa conquista, a fim de que possamos realmente experimentar o que é ter ao Senhor como o tudo em nossa vida. Ele e somente Ele deve conferir o real sentido à nossa existência.

A falta dessa maturidade — de saber que o temor a Deus e uma vida de entrega total a Ele está muito acima de qualquer posição nossa — geralmente é o que leva o líder ao ativismo religioso. Nesse processo desenfreado, não se mede bem as consequências para galgar alvos pessoais, mesmo que isso implique sacrificar princípios e valores que comprometem a comunhão com Deus.

É justamente para livrar-nos disso ou evitar que caiamos nesse fosso que chega a hora em que o Senhor pede nosso “Isaque”. É melhor “entregar Isaque” e continuar debaixo da bênção de Deus do que nos “agarrar a Isaque” e ficarmos reprovados, longe das promessas divinas. Se não podemos “entregar Isaque”, nossa vida perde o sentido. As mais duras provas, portanto, são aquelas em que Deus mostra que é o Soberano e que requer de nós obediência irrestrita, não com base em nossas condições e racionalidade, mas, sim, firmados unicamente na fé.

Todo líder, mais cedo ou mais tarde, passa por um momento (ou muitos momentos!) em que aprende realmente a depender de Deus. São situações em que se descobre na prática (ainda que em parte) o que realmente é a soberania de Deus.

Mesmo com toda a sua postura de homem “sincero, reto, temente a Deus, e [que se desviava] do mal” (Jó 1.8), Jó confessou, ao final da sua prova, que antes conhecia ao Senhor somente por ouvir dizer: “[...] mas agora te veem os meus olhos” (Jó 42.5). E isso se deu justamente depois dos seus questionamentos, quando Deus passou a revelar a sua grandeza a ele (Jó 38—41).

O líder precisa suportar as provas de Deus a fim de que possa ser aprovado. Talvez seja isso que Paulo quis dizer quando escreveu a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado [...]” (2 Tm 2.15).

Lewi Pethrus não explicou quais foram as provas que precisou suportar na sua caminhada de fé, mas falou um pouco da agudez dessas provas:

Porque para uma pessoa que ama a Deus, não há uma prova tão grande como

quando a sua fé é atacada. Creio que um cristão que realmente ama a Deus e o conhece, sofre outras provas com mais paciência em comparação com a prova de ser seriamente sacudido na sua fé em Deus. Eu mesmo passei duas vezes na minha vida por esta experiência, e acho que não existe nada neste mundo que seja de tanto valor como a fé em Deus. Aceito quaisquer outras provas, contanto que possa conservar uma fé viva num Deus que cheguei a conhecer e que é tudo para mim. A astúcia do inimigo está justamente em atacar a fé. E é isto que muitas vezes faz a provação do crente tão grande.

Tempos de Solidão

Há circunstâncias de nossa vida nas quais vêm provas tão agudas que nem mesmo é possível compartilhar com ninguém — pelo menos não na sua totalidade. São situações nas quais parece que Deus faz como fez com Elias: quando o profeta estava desfalecido no deserto de Berseba, o Senhor não o mandou voltar para Samaria ou qualquer outra cidade. Pelo contrário! A ordem foi que seguisse o seu caminho, que importava atravessar outros desertos até chegar a Horebe, o monte de Deus. O Senhor tinha experiências novas para Elias, porém era necessário passar por desertos e, além disso, ainda entrar numa caverna.

Foi um tempo de solidão para Elias, logo depois de ter feito tanto sucesso em público diante dos profetas de Baal e de Aserá. Na verdade, quando estamos sendo submetidos às provas de Deus, podemos até estar cercados de muitas pessoas, mas a sensação é como se estivéssemos sozinhos. Nenhuma companhia preenche-nos ou realmente faz sentido para nós. É o tempo em que nossa única expectativa é ouvir a voz de Deus. E como ela demora ecoar para nós!

O líder experiente não ignora as crises que muitas vezes atingem os seus liderados e não estranha quando alguns deles adotam posturas radicais na busca de uma resposta de Deus. É fácil criticar alguém que escolhe um monte ou qualquer outro lugar retirado para orar quando não se compreende a angústia que pode estar sufocando essa alma! O próprio Jesus, no Monte das Oliveiras, disse aos seus discípulos: “A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26.38).

Elias estava vivendo dias de profunda angústia. Na caverna, sozinho, viu vir um vento forte, um terremoto e fogo, mas Deus não estava neles. Uma das coisas que nos ocorre nos tempos de prova é que aprendemos que não basta vento, terremoto ou fogo. O que precisamos é ouvir a voz de Deus e sentir a sua presença.

Em nossa imaturidade, ainda sem experimentar esse tipo de prova, podemos ficar animados com qualquer vento forte. É o perigo de ser movido por qualquer impulso. Todavia, as provas servem para treinar nossos sentidos espirituais para que aprendamos a conhecer realmente a voz de Deus. Para Elias, ela veio mansa e delicada.

Somente um líder maduro é capaz de identificar quando nem um forte vento, nem um terremoto e nem mesmo o fogo representam a presença de Deus. É claro que esse líder nem sempre será entendido, pois vento forte, terremoto e fogo costumam impressionar facilmente as multidões.

Não significa, todavia, que tais elementos não possam ser resultado da presença de Deus, mas a maturidade consiste justamente nisso: saber que Deus não está preso a formas específicas de manifestação. Ele apresenta-se como quer, onde quer e quando quer. O líder maduro não acolhe qualquer movimento como sendo de Deus, mas também não rejeita tudo o que não esteja de acordo com o seu próprio padrão.

Tem a hora da voz mansa e delicada, mas também tem a hora do fogo. É por isso que o líder maduro não engessa a obra de Deus, não condena tudo simplesmente por não conhecer ou por não fazer parte da sua experiência pessoal de fé. Ele está aberto para a ação de Deus de forma equilibrada, porém dinâmica, como é próprio do Espírito Santo fazer.

As provas que nos levam para mais perto de Deus fazem com que deixemos de ser tão superficiais em nossas avaliações, abandonando o rigorismo formal que não admite nada diferente de nossas próprias concepções. Elias era o profeta do fogo, mas ali aprendeu que o Senhor pode não estar no fogo. Não há dúvida de que o profeta saiu mais amadurecido daquela experiência, tanto que continuou o seu vigoroso ministério até ser trasladado ao céu em um redemoinho em meio a um carro de fogo com cavalos de fogo.

Espiritualidade e Discernimento nas Provas

As provas de Deus servem para forjar a verdadeira espiritualidade em nós. A falta disso tem levado muitos líderes bem intencionados a desistir da obra de Deus por não admitir que os padrões gerais da igreja sofram qualquer tipo de mudança. Querem liderar hoje como se liderava nos anos 60. Não se trata, evidentemente, de qualquer conciliação com o pecado ou alteração doutrinária, mas, sim, de estabelecer uma contextualização sadia, que não fira a ortodoxia e a santidade cristã.

Ser espiritual não é desistir de tudo e partir para o isolamento, mas buscar em Deus capacitação para servi-lo nesse tempo de acordo com a vontade dEle para a presente geração, amando-o acima de tudo.

A falta de um discernimento espiritual que geralmente se obtém nas provas pode realmente nos levar à desistência. É o típico quadro de Elias, que insistia em dizer que havia ficado só:

Tenho sido em extremo zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o teu concerto, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e buscam a minha vida para me tirarem. (1 Rs 19.10,14)

O quadro em Israel era realmente trágico, mas observe que Elias realmente acreditava que havia ficado só. Ou seja: que somente lhe restava agora uma vida de isolamento, pela sua condição única de homem zeloso. Esse é o tipo de zelo que pode levar o líder ao isolamento. Está tudo errado e já não dá para conviver em Israel!

É nessa visão que líderes bem intencionados, assim como Elias, escolhem as cavernas da vida e isolam-se lá. A falta de um discernimento espiritual — que, para Elias, veio somente durante a intensa prova que sofreu — leva-os a estabelecer os seus próprios padrões de forma rígida e imutável, condenando tudo quanto está à sua volta.

Geralmente, um apego extremo — um zelo sem o necessário discernimento espiritual, como estava ocorrendo com Elias — leva o líder a ser enganado, pensando que se apegar a padrões estéticos, por exemplo, justifica o seu isolamento. Nem um extremo e nem outro! Se formos realmente conservar tudo o que se praticava há décadas, teremos que voltar a deixar o bigode crescer, a usar chapéu, a proibir a bicicleta (e a motocicleta), o rádio, a televisão (e a Internet), ordenar que as irmãs voltem a usar combinação, etc. É preciso que haja uma sadia moderação!

Em meio à situação crítica que se vive, Deus ainda conserva — como sempre o fez — o seu remanescente fiel: “Também eu fiz ficar em Israel sete mil: todos os joelhos que se não dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou” (1 Rs 19.18). Foi após essa extraordinária revelação dada por Deus a Elias que o profeta reagiu e iniciou uma nova etapa no seu ministério. Foi em meio à prova que veio o discernimento.

A Bíblia não nos dá detalhes acerca dos sentimentos de Elias, aquele grande homem de Deus, mas partilhando da liberdade que Tiago teve ao falar da sua sujeição às mesmas paixões que nós (Tg 5.17), não é difícil entender que Elias nutria certa dureza no seu coração, algum exclusivismo, um conceito inadequado de si mesmo e, quem sabe, até certa dose de orgulho!

Isso pode ser subentendido da sua atitude e expressão logo após a ameaça feita por Jezabel: “Já basta, ó SENHOR; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais” (1 Rs 19.4). Elias não fez essa declaração em momento de êxtase espiritual, de alegria, mas de profundo desânimo.

O seu quadro crônico precisaria ser tratado com maior profundidade; daí a ordem de Deus para que continuasse caminhando pelo deserto por um longo caminho (1 Rs 19.7). Aquela fase de prova serviria para tratar o interior do profeta, mudando a sua visão acerca de si mesmo e das circunstâncias espirituais que o envolviam.

A sua atitude de entrar na caverna e também a sua resposta a Deus acerca do seu zelo também servem para demonstrar que Elias estava nutrindo sentimentos de frustração. Ele havia sido zeloso e terminara só e ainda vivia sob perseguição: “[...] buscam a minha vida para me tirarem” (1 Rs 19.10). É como se ele dissesse: “Não deu em nada tudo o que fiz!”.

Um quadro assim é que pode levar o líder ao isolamento, afastando-se da senda da vontade de Deus. Dependendo das reações do líder e a sua disposição em ouvir a Deus e obedecer-lhe, a sua recuperação pode ser eficaz, como ocorreu com Elias; porém, se não entender a linguagem das provas e endurecer-se ainda mais, o quadro pode tornar-se de difícil reversão — ou até irreversível.

O isolamento não faz bem para o líder. Elias entendeu logo que a história de Israel não havia terminado e que, portanto, não deveria viver afastado na nação:

Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate, que andava lavrando com doze juntas de bois adiante dele; e ele estava com a duodécima. Elias passou por ele e lançou a sua capa sobre ele. (1 Rs 19.19)

Daí por diante, Elias prosseguiu no exercício do seu ministério até o fim, terminando a sua carreira naquela extraordinária cena da trasladação. Assim como Israel continuaria a sua história mesmo diante dos seus problemas, a Igreja de Cristo permanece viva, militante e triunfante, não tendo o menor sentido imaginar que é sinal de elevada espiritualidade afastar-se dela e buscar o isolamento, pensando, como Elias, ter ficado só. O isolamento somente aprofunda o radicalismo.

A vida continua quando se amplia a visão. Sob a perseguição, a visão de Elias era de que o momento era de morte. Com o aprofundamento da sua experiência com Deus, ele foi capacitado a ir muito além da sua própria expectativa, recebendo novas incumbências:

E o SENHOR lhe disse: Vai, volta pelo teu caminho para o deserto de Damasco, vem e unge a Hazael rei sobre a Síria. Também a Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei de Israel e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar. E há de ser que o que escapar da espada de Hazael, matá-lo-á Jeú; e o que escapar da espada de Jeú, matá-lo-á Eliseu. (1 Rs 19.15-17)

As provas não vêm para afastar-nos de Deus e do seu povo, mas para dar-nos o discernimento e a visão correta acerca da ação divina e da sua vontade para nossa vida, fazendo-nos retomar nossa caminhada de fé. O fim não pode ser a caverna.

Guardando os Segredos de Deus

Abraão foi outro homem de Deus que, sendo provado, não teve com quem compartilhar a sua mais aguda prova. Ele levou o filho para o monte indicado por Deus e guardou consigo o segredo da sua provação até o momento final. Ninguém podia interferir naquele doloroso processo. A maturidade do líder vem quando ele aprende a guardar consigo segredos das suas lutas com Deus, assim como Jacó, que ficou só no vau de Jaboque, tendo enviado à frente a sua família, servos e rebanhos. Ele lutou com Deus até que a sua alma fosse salva: “E chamou o nome daquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva” (Gn 32.30). Jacó alcançou a bênção de Deus e saiu aprovado, estando pronto para encontrar a Esaú e dar seguimento à sua vida.

De nada valeram os presentes que ele havia enviado ao seu irmão. Os seus recursos não o livraram de passar pela prova que lhe estava reservada. De fato, nossas estratégias não valem nada se Deus quer nos provar e tratar especificamente de certas áreas de nossa vida.

Passaram-se 20 anos, mas ainda era necessário a Jacó aquele tempo de luta pessoal. Não tinha como ele deixar de passar pelo vau de Jaboque. O nome de Jacó seria mudado ali. A sua resistência àquela prova, lutando com o anjo de forma determinada, assegurou-lhe a bênção. Foi ele mesmo que disse que não deixaria o anjo enquanto não o abençoasse (Gn 32.26).

As provas a que somos submetidos precisam ser suportadas até o fim para que os propósitos de Deus sejam cumpridos. Se Jacó tivesse desistido, continuaria sendo Jacó. Deus, no entanto, precisava transformá-lo em Israel.

As provas a que nos submete Deus não são por acaso. Sempre há um propósito glorioso. É certo que dificilmente entendemos isso em meio às crises, mas a

questão não é entender, e sim crer. Quando o líder começa a resistir as provas — não com base no seu próprio entendimento, mas pela fé —, é sinal de que a maturidade está chegando.

Prova não se explica, se aceita. Não se entende, se crê. Ninguém estabelece condições para as provas, e sim se ajusta a elas em obediência e sujeição a Deus. Não somos nós quem marcamos o tempo nas provas. É melhor esquecer o relógio. Não é o *chronos* que conta, mas o *kairós*.

Parâmetros Errados

A escolha de parâmetros errados para tentar classificar nosso nível de relacionamento com Deus é outra razão de tornar nossas provas ainda mais agudas. Não são nossas condições pessoais e comparações com o que vemos ao nosso redor que deve nortear nossa fé.

Asafe precisou viver uma crise profunda para depois poder entender o que Deus realmente significava para Ele:

A quem tenho eu no céu senão a ti? E na terra não há quem eu deseje além de ti. A minha carne e o meu coração desfalecem; mas Deus é a fortaleza do meu coração e a minha porção para sempre. (Sl 73.25,26)

Antes disso, Asafe baseava as suas experiências espirituais com o que via no exterior de si mesmo e dos outros. Ele olhava para a prosperidade dos ímpios, para os seus prazeres e riquezas. Quanto a ele, não havia nada mais que frustração: “Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência. Pois todo o dia tenho sido afligido e castigado cada manhã” (Sl 73.13,14).

As circunstâncias não determinam o caráter de Deus, que é imutável. Asafe demonstrou nítido ceticismo, atribuindo injustiça a Deus. Ora, se de nada valia a

sua postura reta, o Criador estaria sendo injusto com ele!

Se olharmos bem, o grande dilema do homem desde o princípio é manter-se firme crendo no reto caráter de Deus. Prova é justamente isto: lançar-nos em situações cujas circunstâncias concretas ponham em dúvida os atributos de Deus. Seria Deus verdadeiro, justo, amoroso, fiel?

Ser provado na fé é continuar crendo e esperando em Deus quando as circunstâncias indicam aparente abandono e rejeição divina. A mulher de Jó não resistiu ao quadro que assistiu: “[...] Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 2.9).

Os discípulos duvidaram das intenções de Jesus em meio à tempestade: “[...] Mestre, não te importas que pereçamos?” (Mc 4.38). Jesus submeteu os seus discípulos a uma prova de fé. Ele havia-os mandado atravessar o mar da Galileia e agora estava dormindo tranquilamente na popa do barco, enquanto “levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia de água” (Mc 4.37), e Jesus estava “dormindo sobre uma almofada” (v. 38).

É esse tipo de cena que põe o cristão à prova. E aos líderes são reservadas muitas dessas circunstâncias como um treinamento para exercitar a fé. Logo depois de ser chamado pelos discípulos, o Senhor Jesus inquiriu-os exatamente sobre a fé: “Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?” (v. 40).

O grande segredo para o líder ser aprovado em meio às provas e crescer espiritualmente é a maneira como ele reage na hora das tormentas. Certas reações podem limitar o propósito da prova ou até frustrá-lo.

Assim como no caso dos discípulos, também não havia explicação racional para o que estava acontecendo na situação vivida por Asafe. É por isso que ele diz: “Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado” (Sl 73.16).

As tentativas de entender pela nossa lógica os motivos das provas não produzem pensamentos claros e objetivos. Asafe descreve um cenário de perturbação. Paulo fala em perplexidade e abatimento (1 Co 4.8,9). Pedro conforta-nos para que não estranhemos “a ardente prova que vem sobre [nós] [...] como se coisa estranha [nos] acontecesse” (1 Pe 4.12). Antes, também falando sobre as provas, havia dito: “Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro, se

ache em louvor, e honra, e glória na revelação de Jesus Cristo” (1 Pe 1.7).

É justamente essa sensação de “coisa estranha” de que falou Pedro que contribui para a perturbação referida por Asafe. A aridez espiritual típica das provas adoece a alma. Eis o quadro descrito por Asafe: “[...] o meu coração se azedou, e sinto picadas nos meus rins. Assim, me embrutei e nada sabia; era como animal perante ti” (Sl 73.21,22).

O grande segredo é que Asafe, embora naquela intensa crise e conflito interior, manteve-se na sua posição: “Todavia, estou de contínuo contigo; tu me seguraste pela tua mão direita” (Sl 73.23). O líder está sujeito a passar por intensas provas; ele só não pode deixar a sua posição. Ficar na presença de Deus cumprindo a sua vontade é condição inafastável para obter a vitória.

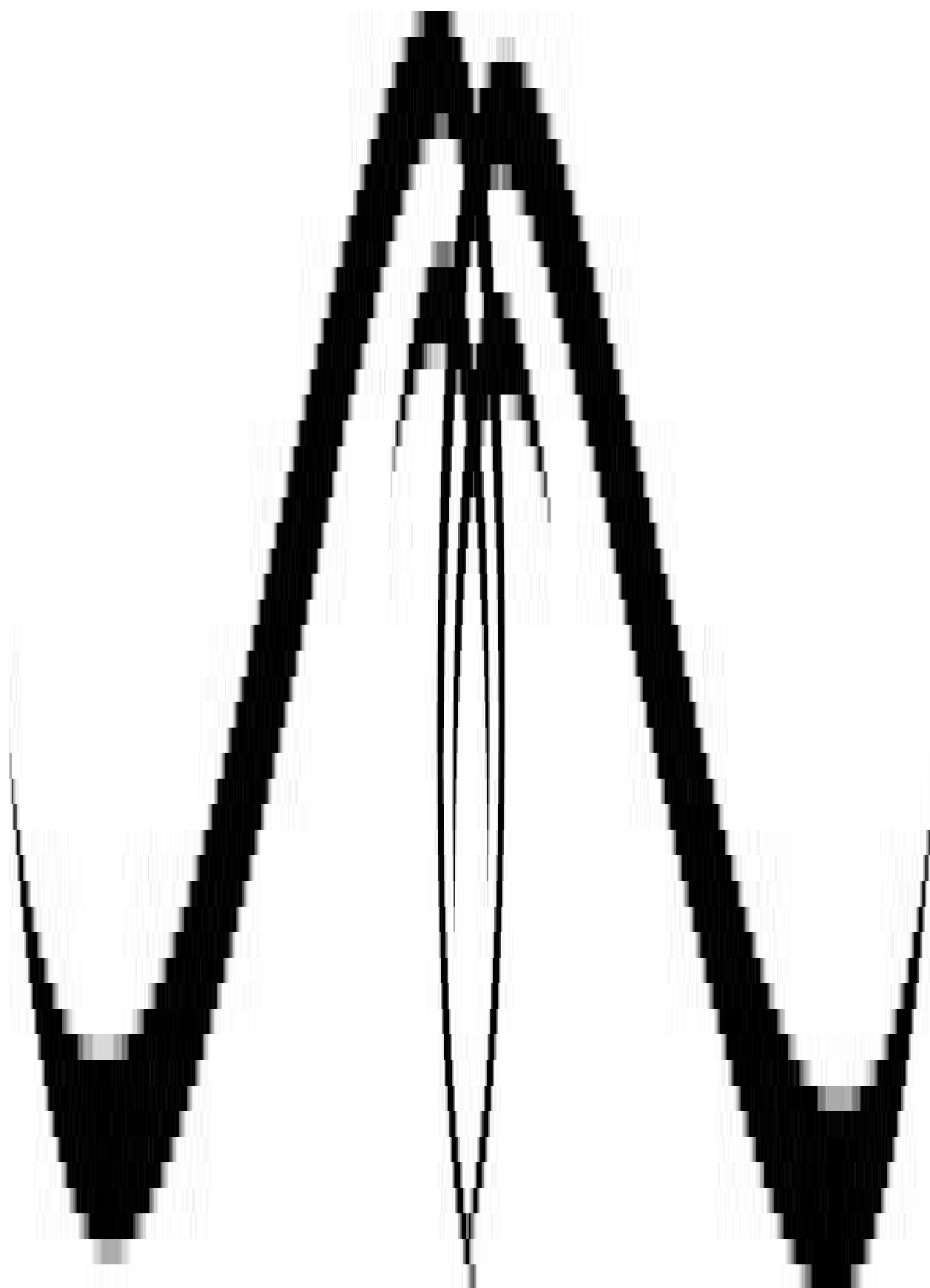
A compreensão chega justamente quando estamos na presença de Deus. Asafe alcançou entendimento quando entrou “no santuário de Deus” (v. 17). Jó recebeu extraordinária iluminação espiritual quando se rendeu à soberania do Todo-Poderoso:

Então, respondeu Jó ao Senhor e disse: Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido. Quem é aquele, dizes tu, que sem conhecimento encobre o conselho? Por isso, falei do que não entendia; coisas que para mim eram maravilhosíssimas, e que eu não compreendia. (Jó 42.1-3)

Jó ainda estava em plena crise, com o seu quadro físico deplorável, sem filhos e sem bens, mas havia alcançado o nível de compreensão espiritual que o Senhor queria que ele alcançasse. Somente depois disso e da sua atitude de orar pelos seus amigos é que o seu tempo de prova chegou ao fim (Jó 42.10-17). As provas de Deus vêm para dar a nós os parâmetros certos de nosso relacionamento com Ele.

VI

Valorizando o Companheirismo



Por que muitas vezes o líder está rodeado de tanta gente e, de repente, percebe que está só quando se fecham as cortinas? Por que há tanta escassez de verdadeiros amigos em meio a uma multiplicidade de líderes que desempenham juntos as suas funções? Por que há tanta gente com quem falar sobre os assuntos da atividade eclesial e poucos com quem compartilhar o coração? Por que temos que viver na superficialidade?

Considero que isso seja fruto de uma cultura que não valoriza o verdadeiro companheirismo. Resultado da falta de companheiros de valor e hombridade, forjados não nas horas das conquistas, mas nos momentos dos combates.

Valorizar o companheirismo é uma das principais marcas do líder maduro, mas trata-se de uma característica que precisa ser demonstrada logo no início da sua caminhada, pois é condição para que ele tenha sucesso na sua carreira.

Assim como todo e qualquer jovem, o líder cristão iniciante tem uma forte tendência de ser cheio de individualismo. Ainda que viva agregado, é tentado a desenvolver sozinho, dentro si, as suas aspirações quanto ao futuro, porque confia em si mesmo e também porque desconfia dos outros quando o assunto é compartilhar os seus alvos de vida. Embora isso seja uma tendência, a Bíblia traz até nós muitos exemplos de jovens que logo cedo aprenderam a valorizar o companheirismo, o que fez deles grandes e exponenciais líderes no futuro. A importância do companheirismo na vida do líder é vital em dois sentidos: (1) para aprender a servir como companheiro e (2) para valorizar aqueles que o servem como auxiliares.

Jesus escolheu para si 12 discípulos, porém três deles eram os seus companheiros mais próximos. Na sua hora mais difícil, levou-os ao Getsêmani e não teve qualquer dificuldade em compartilhar com eles o que se passava no seu íntimo: “[...] A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26.38).

Jesus sempre reconheceu a necessidade que tinha de ter companheiros, embora eles não tenham conseguido exercer plenamente esse importante ministério de apoio. O Mestre não era individualista e deixou-nos esse grande exemplo.

Outro grande líder que também reconheceu a necessidade de ter companheiros foi Moisés. Isso é visto em diversos momentos da sua vida. Na batalha contra os

amalequitas, ele deu ordem a Josué que preparasse o exército para o confronto, enquanto subiria ao cume do outeiro com a vara de Deus na sua mão (Êx 17.8,9).

Ao fazer isso, Moisés levou consigo a Arão e Hur. Diz-nos Êxodo 17.11 que, “[...] quando Moisés levantava a sua mão, Israel prevalecia; mas, quando ele abaixava a sua mão, Amaleque prevalecia”. Foi quando fez toda a diferença Moisés ter levado Arão e Hur, pois eles sustentaram as suas mãos de um lado e de outro, de forma que “Josué desfez a Amaleque e a seu povo a fio de espada” (Êx 17.13).

Somente o espírito de companheirismo reinante na vida de todos esses homens poderia fazer com que alcançassem vitória. Moisés precisou que Arão e Hur sustentassem os seus braços. De nada adiantaria a Arão e Hur erguer os seus próprios braços; eles precisavam sustentar os braços de Moisés.

Duas grandes lições aprendemos com esse episódio: a primeira, que o líder auxiliar não deve negar ajuda ao líder principal; a segunda, que o líder maior precisa ter a humildade de aceitar ser ajudado pelos seus auxiliares.

O líder principal precisa reconhecer que ele sozinho não pode manter firmes os seus braços, sob pena de perecer o povo. O problema é quando tanto os líderes auxiliares como os principais ficam endurecidos e distanciam-se, deixando de haver cooperação entre eles. Quem ganha com isso é Amaleque, que prevalece quando o orgulho leva os líderes ao individualismo, deixando de compreender a importância do companheirismo.

O auxiliar não quer ajudar o seu líder porque o nome que vai aparecer não é o seu! Não aceita que, depois da batalha, quem edifique o altar seja Moisés (17.15), muito menos que Deus fale com Moisés e não com eles (17.16).

Muitos auxiliares preferem esconder as suas forças e habilidades para empregá-las — segundo pensam — no seu próprio tempo de liderança, como se soubessem que terão a oportunidade de liderar.

Se Arão e Hur não tivessem empregado as suas forças ao lado de Moisés pensando que poderiam fazê-lo quando se tornassem líderes em lugar de Moisés, jamais teriam tal oportunidade. A capacidade que receberam era para ser usada naquele momento. A hora oportuna é a hora da necessidade.

O sucessor de Moisés viria a ser Josué, o capitão do exército, que, naquele dia,

estava à frente da batalha (17.10). Talvez Josué nem imaginasse que o seu êxito no campo de batalha estava dependendo não somente de Moisés, como também de Arão e Hur. Não aconteceu com Josué, mas nossa incompreensão quanto à importância do companheirismo é o que nos leva ao orgulho de pensar que alcançamos sozinhos nossas conquistas. Quantos líderes vivem o engano de pensar que vencem sozinhos, que realizam sozinhos. São líderes que, infelizmente, não vão muito longe; mas, quando há companheirismo, todos vencem, e o nome de Deus é glorificado.

É preponderante que o líder aceite a ajuda de outros. Imaginemos se Moisés não tivesse a humildade de deixar que Arão e Hur tocassem nos seus braços. Moisés não era um líder intocável!

Há líderes que não deixam ninguém se aproximar deles, quanto mais permitem que toquem nos seus braços! O individualismo transforma-os em uma ilha inacessível. Certamente, Arão e Hur não sustentariam os braços de Moisés à força se ele não se deixasse ajudar. Não há como ajudar quem repele e não aceita ajuda. O triste — como já dito — é que quem ganha com isso é Amaleque; é quando homens de Deus terminam fazendo o jogo do Diabo. E quem pagará essa conta?

Escolhendo Companheiros

Moisés já havia vivido essa grande experiência da importância do companheirismo. Agora, ele julgava sozinho o povo, quando recebeu um valoroso conselho do seu sogro, Jetro: ele deveria dividir responsabilidades e tarefas com “homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que [aborrecessem] a avareza” (Êx 18.21). Não é qualquer um dentre o povo que pode ser companheiro. As qualificações desses líderes são estreitas e específicas: “homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza”.

O texto de Êxodo 18.21 diz que Moisés deveria escolher os seus companheiros “dentre o povo”. Um dos grandes erros de muitos líderes é escolher companheiros que não estejam dentre o povo, ou seja, que não estejam vivendo

tranquilamente uma vida comum. Os que não estão dentre o povo são pessoas que, indisfarçadamente, não querem ser comuns; vivem sempre se aproximando estrategicamente dos líderes a fim de buscarem espaços e vantagens para si. Gostam muito de apresentarem-se logo aos novos líderes, indicando a si mesmos. Geralmente querem, no mínimo, alimentar o próprio ego com a imagem de serem próximos do “chefe”. Não vivem entre o povo, mas buscam as raias do poder.

Moisés deveria buscar “dentre o povo” aqueles que pudessem ser companheiros dele, isto é, homens de vida comum, que não tivessem comportamento exótico, espalhafatoso.

Os Especialistas

Outro ponto a ser observado por Moisés é que tais líderes deveriam ser “homens capazes”. A subserviência não deve substituir a capacidade. Os companheiros podem ser simples, de forma a serem levados a um processo de capacitação, mas não devem ser subservientes. O subserviente não tem humildade para aprender, agrada pela bajulação e é por ela que ele quer manter-se no seu posto, desprezando a capacidade.

Deus concede auxiliares que sejam capazes, pois é Ele mesmo que os capacita. Moisés viveria essa experiência com Bezalel e Aoliabe. É impressionante a capacidade que esses auxiliares receberam de Deus para realizarem a obra do Tabernáculo!

Deus levanta companheiros que sejam especialistas para ajudar o líder no cumprimento das suas ordens. Moisés recebeu a ordem de construir o Tabernáculo conforme o modelo que recebeu no monte (Êx 25.8,9), mas foi a Bezalel e a Aoliabe que Deus capacitou para o ofício, para a realização de toda a minuciosa obra de construção (Êx 31.1-11).

Isso mostra que o líder sábio entende que precisa valer-se de companheiros que sejam capacitados para fazer o que não está ao seu alcance e que precisa ter a humildade de reconhecer que recebeu a ordem de Deus para executar

determinado projeto, mas que a sabedoria e a ciência para a realização da obra estão com outros, os quais o mesmo Deus levantou como companheiros seus.

Moisés não ficava incomodado enquanto Bezalel e Aoliabe trabalhavam como os seus auxiliares na construção do Tabernáculo, demonstrando extraordinária capacidade. Ele sabia depender de companheiros capacitados.

Tementes a Deus

Os companheiros de Moisés deveriam também ser homens tementes a Deus e não terem medo do chefe. O verdadeiro companheiro serve ao seu líder temendo a Deus.

Acercar-se de companheiros que não temem a Deus é um desastre, pois os tais não terão coragem de dizer a verdade quando forem concitados a fazer o que fere a vontade de Deus. Assim, não funcionarão como uma proteção ao líder quando, nos seus momentos de fraqueza, se inclinar para direita ou para a esquerda.

Líderes mundanos costumam ter entre os seus companheiros aqueles que são estratégicos para fazerem o serviço sujo. Na hora da parte podre, os tais entram em ação. Ao homem de Deus não se cogita esse tipo de expediente.

Se os companheiros temem a Deus, serão fiéis na hora de recusarem-se a romper os limites. O problema é quando o líder pensa que os seus liderados devem obedecer-lhe em tudo, mesmo que isso importe em violar os princípios estabelecidos por Deus.

O verdadeiro companheiro — aquele que teme a Deus — prefere desagradar ao líder do que contrariar a vontade de Deus. Esse é o perfil do verdadeiro companheiro. Líderes sábios como Moisés compreendem isso.

Homens de Verdade

Os companheiros de Moisés também deveriam ser homens de verdade; homens que aborrecem a mentira; homens sinceros, que não negociam a verdade para garantirem os seus postos; homens transparentes, que não têm dupla identidade.

Moisés não deveria escolher companheiros que fossem dúbios, que não tivessem uma postura clara e definida. Ele também não deveria associar-se com homens avarentos, mas que fossem libertos de toda cobiça.

A Escassez de Companheiros

A verdade é que o processo de formação e escolha de companheiros não é lá muito fácil. Quantos líderes sentem-se solitários! Há uma verdadeira crise de companheirismo junto à liderança eclesial. São tantos e, ao mesmo tempo, tão poucos! Por vezes, o líder encontra alguém capaz, porém falta o temor a Deus, a sinceridade. Essa não é a verdadeira capacidade que vem de Deus. Somente capacidade não faz um companheiro. Nessas situações, o líder vê-se na necessidade de abrir mão dos que se aparentam mais capazes e acercar-se de auxiliares que temam a Deus e demonstrem verdadeiro espírito de companheirismo.

Paulo, como sabemos, viveu diversos momentos de crise quanto à necessidade de companheiros. Certa ocasião, quando precisava enviar um pastor para Filipos, fez a seguinte declaração:

E espero, no Senhor Jesus, que em breve vos mandarei Timóteo, para que também eu esteja de bom ânimo, sabendo dos vossos negócios. Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide do vosso estado; porque todos buscam o que é seu e não o que é de Cristo Jesus. Mas bem sabeis qual a sua experiência, e que serviu comigo no evangelho, como filho ao pai. (Fp 2.19-22)

A crise era tão aguda que Paulo chegou a dizer que a ninguém tinha, a não ser Timóteo, que pudesse ser enviado a Filipos. Paulo tinha em Timóteo um companheiro capaz (“bem sabeis qual a sua experiência”), que era um homem de verdade (“que sinceramente cuide do vosso estado”), que não era avarento e que temia a Deus (“porque todos buscam o que é seu e não o que é de Cristo Jesus”).

Paulo escolhia os seus companheiros não pela aparência, mas a partir de um exame do que realmente eram por dentro: “Porque a ninguém tenho de igual sentimento”. O apóstolo buscava conhecer os sentimentos dos seus liderados. Isso se dava justamente porque Paulo entendia bem a importância de ser companheiro e de ter companheiros.

Não é possível a um líder individualista e distante ter um conhecimento tão profundo acerca dos seus liderados, a ponto de dar testemunho dos seus sentimentos. Somente uma liderança que busque aproximação dos seus liderados pode fazer com que se alcance esse grau de compartilhamento.

Paulo diz que Timóteo servia-o “como filho ao pai”. O líder somente será servido por alguém como filho se souber comportar-se como pai. É um grande erro do líder querer que os seus liderados ajam como filhos se primeiramente não souber agir como pai.

Não é o filho que se dá a conhecer primeiramente ao pai, mas o pai ao filho. Pai distante, filho distante. Paulo tratava a Timóteo como filho, gerando nele aquele profundo sentimento de afeto. É de Paulo a iniciativa de dar guarida e apoio a Timóteo, como está registrado em Atos 16.1-3:

E chegou a Derbe e Listra. E eis que estava ali um certo discípulo por nome Timóteo, filho de uma judia que era crente, mas de pai grego, do qual davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra e em Icônio. Paulo quis que este fosse com ele e, tomando-o, o circuncidou [...].

Eis o detalhe: “Paulo quis [...]”.

A esse jovem, Paulo escreve afetuosamente: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, segundo o mandado de Deus, nosso Salvador, e do Senhor Jesus Cristo,

esperança nossa, a Timóteo, meu verdadeiro filho na fé [...]” (1 Tm 1,2). Na segunda carta, ele diz: “a Timóteo, meu amado filho” (2 Tm 1.2).

Cabe aos líderes mais idôneos demonstrar companheirismo para que gerem outros líderes que aprendam o valor dessa vida de cooperação mútua entre os líderes espirituais.

Líder que não gera não pode exigir ter companheiros. Moisés conviveu com Josué por 40 anos no deserto. Depositou confiança no jovem hebreu, que soube corresponder com fidelidade. O resultado foi que Josué sucedeu a Moisés.

Davi aceitou ao seu lado homens que se achavam em aperto, homens endividados e de espírito desgostoso. Diz 1 Samuel 22.2 que Davi “se fez chefe deles”, ou seja, acolheu-os consigo, demonstrando que estava disposto a ser companheiro deles e tê-los como seus companheiros. O quanto esses homens foram importantes para Davi, principalmente no tempo em que este viveu sob a perseguição de Saul!

Elias é outro grande exemplo de um líder que valorizava o companheirismo. O seu ministério foi dedicado em grande parte à defesa dos profetas de Israel e, também, à formação de novos profetas, sendo Eliseu o principal deles.

Da sua parte, Eliseu mostrou-se um verdadeiro companheiro de Elias. Essa característica de Eliseu fez com que ele fosse identificado como aquele “que deitava água sobre as mãos de Elias” (2 Rs 4.11). Aliás, esse é um gesto que demonstra como é formado um verdadeiro líder companheiro: dispondo-se a servir humildemente.

Somente interação e tempo entre líderes e liderados poderá resultar na formação de líderes dessa estirpe, que tenham aprendido na escola do serviço humilde e que reconheçam sempre a importância do companheirismo nos dois vieses: ser companheiro e ter companheiros.

Aqui também se aplica a recomendação apostólica no sentido de que é preciso ter cautela na designação de líderes, porque somente o tempo pode provar quem realmente aprendeu o valor do companheirismo.

Alguns podem passar como experiências como a de João Marcos, que, primeiramente, desistiu no meio da viagem (At 13.13), mas, quando já um líder maduro, tornou-se um fiel companheiro, “muito útil para o ministério” (2 Tm

4.11).

A Soberba Compromete o Companheirismo

Tudo ia bem entre Moisés e os seus auxiliares mais diretos, com cenas inspiradoras como a de Arão e Hur sustentando os seus braços, como foi mencionado antes. Entretanto, com o passar do tempo, crises passaram a afetar esse harmonioso companheirismo. Além do episódio envolvendo Nadabe e Abiú (Lv 10.1-10), Miriã e Arão também viriam abrir uma fissura no relacionamento que tinham com Moisés.

Miriã e Arão falaram contra Moisés por causa do seu casamento com a mulher cuxita (etíope) (Nm 12.1). Na verdade, o problema deles era justamente que não admitiam a superioridade de Moisés: “Porventura, falou o SENHOR somente por Moisés? Não falou também por nós?” (Nm 12.2).

Esses auxiliares ensoberbeceram-se e questionaram a liderança de Moisés, acreditando que tinham igual intimidade com Deus. Estavam movidos por inveja, inconformados com o papel secundário que exerciam na liderança do povo de Israel. Esse tipo de reação não é de quem quer igualdade, mas, sim, primazia.

Esse espírito que afeta o companheirismo que deve existir entre o conjunto dos líderes nasceu com Lúcifer, que pretendia ser igual a Deus (Is 14.12-14). Na verdade, como já disse, essa pretensão de igualdade é sempre falsa. Todos que aparecem com esse discurso, ainda que em favor de terceiros, na verdade não querem igualdade; querem superioridade.

A rebelião de Corá, Datã e Abirão parecia ter a intenção de defender os “direitos” da congregação. Aqueles rebeldes apresentaram-se com um falso discurso: “Demais é já; pois que toda a congregação é santa, todos eles são santos, e o SENHOR está no meio deles; por que, pois, vos elevais sobre a congregação do SENHOR?” (Nm 16.3).

Aparentemente, eles estavam defendendo não a si mesmos, mas a terceiros.

Estariam preocupados com a congregação. Nada mais enganoso. Era somente um pretexto, uma máscara para encobrir a face de rebeldia que tinham. Não estavam interessados em elevar a congregação, mas a si mesmos.

A história está cheia de rebeldes que agem dessa forma para, depois, assumirem eles mesmos as posições que tanto criticavam e, então, agirem com verdadeira tirania. Os líderes que não se contentam em auxiliar como verdadeiros companheiros são fortes candidatos a tiranos caso assumam o poder.

É interessante como isso se repete na história. É próprio das grandes revoluções, como as comunistas. George Orwell (1903–1950) retrata isso muito bem no seu livro *A Revolução dos Bichos*, uma obra pequena, porém bem ilustrativa — um clássico.

No caso de Corá, Datã e Abirão, Moisés expõe a verdadeira intenção deles, que não era elevar a congregação, mas elevarem a si mesmos:

Disse mais Moisés a Corá: Ouvi, agora, filhos de Levi: Porventura, pouco para vós é que o Deus de Israel vos separou da congregação de Israel para vos fazer chegar a si, a administrar o ministério do tabernáculo do SENHOR e estar perante a congregação para ministrá-lhe; e te fez chegar a todos os teus irmãos, os filhos de Levi, contigo; ainda também procurais o sacerdócio? (Nm 16.8-10)

Eram auxiliares que não se contentavam com o ofício que tinham e que não haviam aprendido a importância do companheirismo, que equivale a cada um atuar no corpo exercendo a sua função de acordo com a sua chamada e designação. Eles queriam mais!

O companheirismo somente flui entre os líderes quando cada um compreende o seu papel e contenta-se em exercê-lo. Alcançar posições maiores é legítimo quando ocorre dentro de um processo natural, decorrente de um propósito de Deus. No entanto, independentemente da posição em que o líder esteja, precisa compreender a importância do companheirismo, não somente da parte daqueles que o cercam, mas principalmente da sua.

No caso de Corá, Datã e Abirão, o fim foi extremamente trágico para eles e as

suas famílias e para os 250 homens que participaram do levante (Nm 16.27-35).

O Companheirismo no Corpo

Viver em companheirismo é sinal de compreensão quanto ao funcionamento do corpo, onde os membros são diferentes, porém todos são importantes. Havia um divisionismo na Igreja de Corinto por causa dessa falta de entendimento. Uns diziam ser de Paulo, outros de Apolo, outros de Cefas, e outros de Cristo (1 Co 1.12). O apóstolo vai ensiná-los então sobre a unidade e a função dos membros do corpo, para que compreendessem a importância da cooperação, do companheirismo.

Usando essa alegoria, o apóstolo fala da importância do pé, da mão, da orelha, do olho, do ouvido, do nariz. E, para demonstrar a necessidade de um membro valorizar o outro, ele diz:

Agora, pois, há muitos membros, mas um corpo. E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não tenho necessidade de vós. Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários. E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra. (1 Co 12.20-23)

Tudo isso, diz Paulo, é para que “não haja divisão no corpo, mas, antes, tenham os membros igual cuidado uns dos outros” (1 Co 12.24).

Ter todos os membros igual cuidado uns dos outros significa que o individualismo não funciona no corpo. A falta de companheirismo revela-se em líderes que apresentam nítido espírito de individualismo. Para garantirem as suas posições e galgarem outras maiores, não hesitam em preterir colegas ou simplesmente deixarem de manifestar qualquer tipo de solidariedade, mesmo nos momentos em que tiver ao seu alcance a possibilidade de ser solidário.

Isso é muito visto em líderes que manifestam comportamento diferente quando estão próximos de outros líderes influentes, que, teoricamente, podem ajudá-los nas suas pretensões a maiores conquistas. Tomando por analogia o exemplo de Pedro em Antioquia, nessa hora já não são os mesmos de antes, que comiam com os demais.

Pedro foi flagrado em dissimulação, porque, enquanto estava junto com os gentios, vivia como um gentio, mas apartou-se quando os judeus chegaram. Ele, com isso, demonstrou uma dupla identidade. Pedro tinha interesse em agradar os judeus, embora gostasse de, juntamente com Paulo, viver à vontade com os gentios.

Na liderança, isso se manifesta no caráter de líderes que, por falta de maturidade, acreditam que podem mudar de conduta conforme as circunstâncias. Isso é mais grave quando boas amizades são desprezadas porque o líder em ascensão não quer correr o risco de reconhecer a sua proximidade com alguém que esteja em baixo apreço.

O verdadeiro companheiro é amigo quando estamos em alta, mas continua sendo amigo quando estamos em baixa. De nossa parte, não devemos ter o desvio de caráter de omitir-nos na justa defesa de alguém por temer algum prejuízo pessoal. A mudança de posição em busca de agradar revela fraqueza moral e não forma líderes de honra.

O copeiro esqueceu-se de José quando voltou ao palácio. Certamente, ele não ia querer arriscar-se na presença de Faraó lembrando-se de um preso hebreu que havia conhecido no cárcere! Não fosse a intervenção de Deus em favor de José, fazendo não restar mais ninguém para atender ao apelo de Faraó, o copeiro jamais se lembraria dele.

As promoções costumam afastar os amigos. Grandes oportunidades servem, muitas vezes, para esfriar relacionamentos. Não foi assim com Daniel. Quando lhe surgiu a oportunidade de servir no palácio, lembrou-se dos seus amigos oriundos de Judá (Dn 2.48,49).

O verdadeiro companheiro sente alegria com o sucesso de outros. O individualista fica incomodado. No que depender dele, ninguém mais cresce.

Os discípulos de Jesus eram individualistas enquanto disputavam quem dentre eles seria o maior. Mais tarde, já amadurecidos, conviviam tranquilamente sem

qualquer sobreposição. Veja-se que, na Igreja de Jerusalém, a liderança de Tiago desenvolvia-se com tranquilidade absoluta. Nem mesmo a impetuosidade de Pedro impunha qualquer dificuldade à vida da igreja e à sua liderança. Não há registro de qualquer disputa, embora todos os apóstolos trabalhassem na igreja-mãe (At 15).

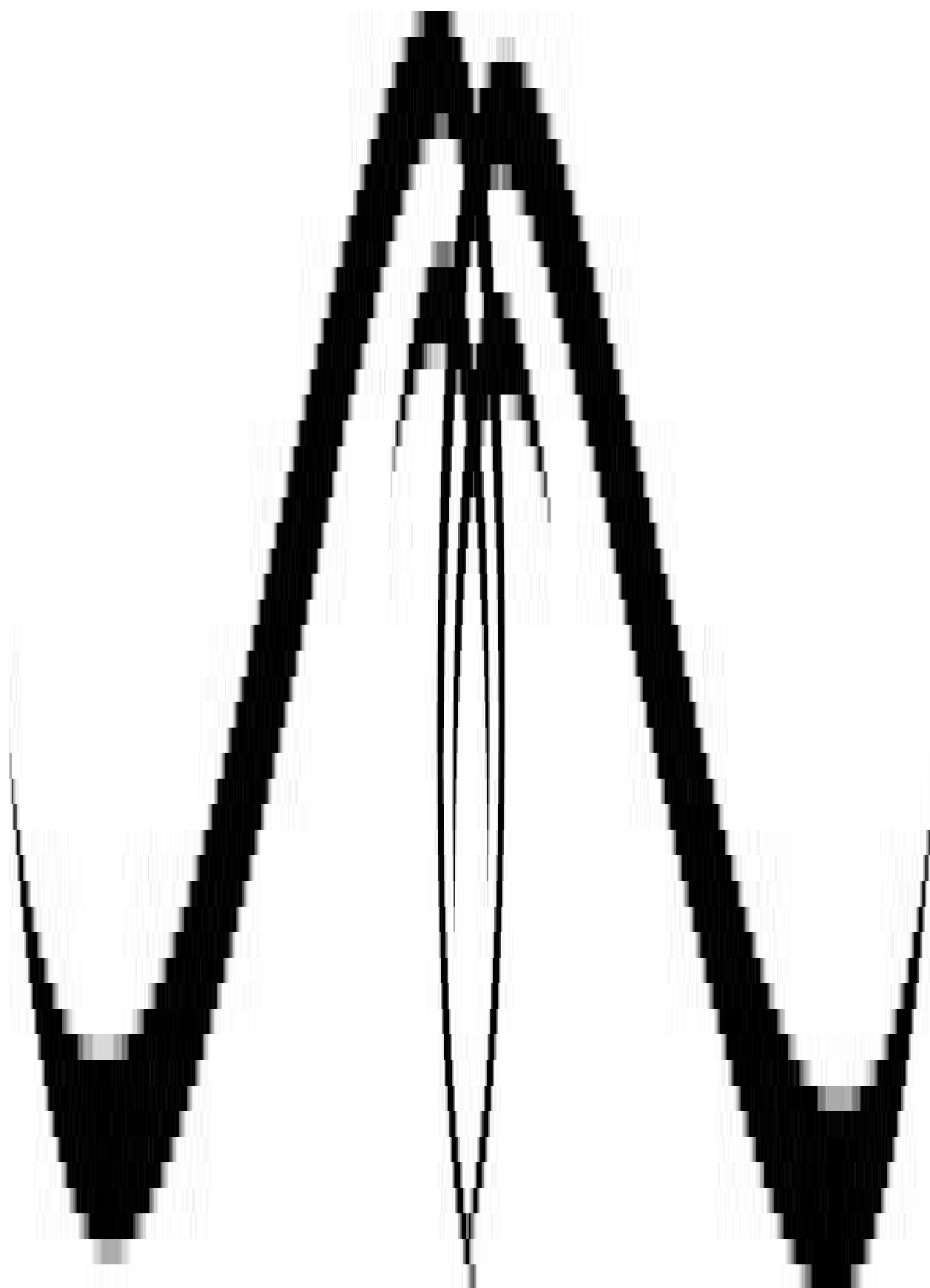
As questões ligadas ao rito mosaico também não influenciaram a convivência dos primeiros apóstolos com Paulo, o apóstolo dos gentios. Pelo contrário! Vê-se profunda harmonia entre eles, seja no Concílio de Atos 15, seja por ocasião das demais visitas de Paulo a Jerusalém, inclusive a última delas.

O espírito de companheirismo era muito forte na Igreja Primitiva, o que se via especialmente no compartilhamento material: “Ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria [...] Não havia, pois, entre eles necessitado algum [...]” (At 4.32-35).

Somente o Espírito Santo pode operar essa maravilhosa obra de profunda compreensão da vital importância de cada membro no Corpo de Cristo, a fim de que vivamos uma vida de verdadeiro companheirismo. Disso resultará uma liderança forte, que será usada para edificar todo o Corpo, “até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.13).

VI

Discernindo o Princípio de Autoridade



Em geral, alguns líderes entendem o princípio de autoridade como sendo uma prerrogativa que possuem para impor-se sobre os seus liderados; todavia, o princípio de autoridade não está focado no homem, mas em Deus. A grande questão não é simplesmente Deus defender a autoridade humana, mas, sim, fazer prevalecer a sua própria autoridade.

Quando pensamos que as disputas por posições de autoridade ou as desobediências ou rebeliões são questões de nossa própria esfera, demonstramos que ainda não entendemos realmente a origem de toda a autoridade e poder. Ainda não nos amadurecemos para essa verdade tão relevante e fundamental para nossa boa convivência uns com os outros e para alcançar a aprovação de Deus.

Paulo vai direto ao ponto quando diz: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus” (Rm 13.1,2). Diz mais: “[...] quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação” (Rm 13.2).

O Senhor não criou o mundo e deixou o ser humano viver ao léu, ao seu bel-prazer. Ele rege o mundo inteiro mediante leis que estabeleceu e governa o sistema de vida humana por meio de autoridades que ordenou. Em todas as instituições, a começar pela família, estão as autoridades que Deus constituiu. Isso é muito real em todas as esferas da vida. Ninguém — absolutamente ninguém — vive sem ter alguma autoridade sobre si.

Um dos motivos principais para tantos conflitos entre nós é justamente nossa falta de maturidade e compreensão dessa verdade espiritual, desse princípio estabelecido por Deus. O líder maduro sabe que não precisa usar a sua própria força para ser respeitado, pois entende que a sua autoridade vem de Deus. O que ele precisa fazer é continuar agindo dentro da vontade de Deus. Quem está no comando e entende que toda autoridade vem de Deus lidera sem oprimir.

Como Deus não constitui ninguém como autoridade para que viva servindo a si mesmo, deve esse líder ter como preocupação maior servir àqueles para os quais foi constituído como servo. O Todo-Poderoso cuidará de estabelecer e preservar a sua autoridade (Js 3.7).

A força e a legitimidade da autoridade estão intimamente ligadas ao serviço. Quanto mais o líder serve, mais autoridade alcança. Ao entender o propósito da sua liderança e agir com base nesse correto entendimento, passa a ser confirmado por ele que o constituiu.

Há algo extraordinário na vida de Moisés que demonstra ter ele entendido isso muito bem: Moisés não vivia somente se defendendo. Como um homem consegue liderar uma tão grande nação com tantos murmuradores e rebeldes durante longos 40 anos? Fica muito claro da leitura de Êxodo a Deuteronômio: era Deus quem defendia a autoridade de Moisés.

A mansidão de Moisés fez dele um homem totalmente dependente de Deus. Todas as suas atitudes eram ponderadas, fruto da sua comunhão com o seu Senhor, do entendimento de que o princípio da autoridade vinha do próprio Deus. No dia em que Moisés agiu por si mesmo para demonstrar a sua autoridade, nada deu certo. Ele revoltou-se com o povo e agiu de ímpeto ferindo a rocha (Nm 20.7).

A ordem de Deus para Moisés era para que reunisse o povo e falasse à rocha “perante os seus olhos” (Nm 20.7). Em consequência disso, a rocha daria água. Não era para Moisés falar nada ao povo. Era para falar à rocha. Ele inverteu tudo: falou ao povo e feriu a rocha. Diz Números 20.10,11:

E Moisés e Arão reuniram a congregação diante da rocha, e Moisés disse-lhes: Ouvi agora, rebeldes: porventura, tiraremos água desta rocha para vós? Então, Moisés levantou a sua mão e feriu a rocha duas vezes com a sua vara [...].

Moisés estava irritado (Sl 106.33) e deixou-se levar pela sua irritação, sobrepondo-se ao povo. Geralmente, é nessas horas de ira que o líder comete os maiores erros da sua vida! Como um líder servo de Deus, Moisés deveria obedecer-lhe fielmente, não se valendo da sua autoridade para agredir o povo. A congregação de Israel era realmente rebelde, mas Moisés tinha o dever de controlar as suas emoções e cumprir fielmente o que o Senhor havia determinado para a glória dEle, e não para impressionar o povo com a sua liderança.

Toda a atitude do líder que vise a si mesmo e não a glória de Deus tem a

reprovação do Todo-Poderoso. Nenhum líder recebe autoridade para usá-la para os seus propósitos e fins. Muito pelo contrário! Recebeu um poder que não é seu e que deve ser empregado conforme a Fonte de todo o poder.

Moisés sabia muito bem que o propósito de Deus em confiar autoridades aos homens era ser glorificado. O próprio Moisés havia ensinado isso aos sacerdotes. Quando Nadabe e Abiú levaram fogo estranho para o Tabernáculo e foram consumidos por Deus, Moisés lembrou a Arão exatamente essa verdade. Diz-nos Levítico 10.3: “E disse Moisés a Arão: Isto é o que o SENHOR falou, dizendo: Serei santificado naqueles que se cheguem a mim e serei glorificado diante de todo o povo”.

A atitude do líder como autoridade constituída por Deus sempre deve glorificá-lo diante do povo. Quando o líder exaspera-se, age por orgulho e visa a si mesmo, e não a Deus. Esse é um caminho de fracasso! É preciso ponderar sempre: a forma como exerço minha autoridade glorifica a Deus?

Aqui cabe também o exemplo de Roboão, que quis demonstrar a sua autoridade seguindo o conselho dos jovens. O seu pai, Salomão, havia governado por 40 anos (2 Cr 9.30) sem ter nenhum problema com o povo. Roboão começou perdendo dez das doze tribos porque acreditou que precisaria impor a sua autoridade (2 Cr 10.10-14). Os anciãos de Israel aconselharam a Roboão que fosse benigno e afável com o povo, enquanto os jovens disseram para que fosse duro com a nação. O resultado foi a revolta dos israelitas contra a casa de Davi (2 Cr 10.19).

Valer-se de arroubos, ameaças e imposições não é sinal de força, mas de fraqueza. O líder maduro é sereno, vence na mansidão, sabe de onde vem a sua autoridade e está consciente de que, se Deus não continuar confirmando-o no seu ofício, de nada adiantará usar o seu próprio poder para sustentar-se na posição.

Deus estabelece quem quer e quando quer. Levanta, mas também abate. Ele deu grande poder a Nabucodonosor, mas também o destronou por causa da sua exaltação.

Voltando a Moisés, o que vemos como regra na vida daquele líder foi a exata compreensão de que toda a sua autoridade vinha de Deus. É possível ver isso em vários momentos da vida de Moisés. Em Êxodo 16, encontramos o povo murmurando por falta de alimento no deserto:

E toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Arão no deserto. E os filhos de Israel disseram-lhes: Quem dera que nós morrêssemos por mão do SENHOR na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar! Porque nos tendes tirado para este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão. (vv. 2,3)

Vemos no contexto que Moisés não disse nada ao povo; antes, esperou que Deus falasse com ele: “Então, disse o SENHOR a Moisés [...]” (v. 4). Moisés falou com o povo somente depois que ouviu a Deus. No versículo 7, encontramos o grau de discernimento que tinha Moisés acerca do princípio de autoridade: “E amanhã vereis a glória do SENHOR, porquanto ouviu as vossas murmurações contra o SENHOR; porque quem somos nós para que murmureis contra nós?”.

Interessante que Moisés não disse “vocês não sabem quem eu sou!”, “Deus está comigo!”, “sou homem de Deus!”, ou qualquer expressão semelhante. Embora soubesse que o Senhor agiria em sua defesa, a oportunidade serviu para glorificar a Deus e humilhar a si mesmo. São fortes as tentações para que o líder aproveite dessas situações, aja pela carne e imponha-se sobre os seus liderados, exigindo o reconhecimento da sua autoridade. E, quando vê Deus agindo, não esconde o seu orgulho. Dá lugar à soberba e abriga no seu coração sentimentos que, acumulados, podem levá-lo à ruína.

Não é incomum a queda de muitos valentes sem uma aparente explicação! Às vezes, o declínio fatal acontece por questões tão pequenas! Bastou a ponta de um iceberg para perfurar o casco do grande Titanic e levá-lo ao fundo do Atlântico em 14 de abril de 1912, depois que muita soberba havia sido acumulada ao longo do tempo. O veterano capitão britânico Edward Smith havia sido avisado da existência de icebergs, mas ignorou as advertências, porque não admitia que um gigante como o Titanic pudesse ser danificado pela ponta de um iceberg. Como diz o pastor José Gonçalves no seu livro *Por que Caem os Valentes?*, “não devemos ignorar as placas de advertências”.

Desprezando as Afrontas

Como um líder maduro, Moisés ouviu o povo falar diretamente com ele, porém demonstrou que tinha consciência de que a murmuração era contra Deus, porque a sua autoridade vinha dEle. O líder que tem esse entendimento não vive brigando com os seus liderados. E o liderado que sabe disso e teme a Deus não murmura contra o seu líder.

O líder maduro não toma as afrontas para si. Ainda que o seu nome seja diretamente atingido, compreende que a autoridade que detém vem de Deus. Ele não reage de si mesmo, mas age no tempo certo segundo a justa e perfeita direção de Deus, não se prevalecendo da medida adotada por Deus, mas buscando ensinar ao povo a gravidade da sua atitude.

O líder maduro não alimenta conflito com o povo. Ao não revidar, mas agir em mansidão, evita pôr lenha na fogueira, pois sabe que “sem lenha, o fogo se apagará” (Pv 26.20). Líderes imaturos vivem alimentando confusão.

A autoridade do líder maduro fica cada vez mais forte, porque se firma em Deus, de onde vem todo o poder. Para isso, precisa ter humildade. Vejamos o que disse Moisés: “[...] o SENHOR ouviu as vossas murmurações, com que murmurais contra ele (porque quem somos nós?) [...]” (Êx 16.8). O problema é quando o líder, em vez de demonstrar humildade, prefere reafirmar o seu nome, o seu título, a sua posição, como se isso tivesse poder para deter as murmurações.

A falta de humildade é justamente um grande obstáculo para muitos líderes conseguirem vencer os processos de murmuração e saírem-se fortalecidos! O líder imaturo ouve uma conversa, um ruído, e já corre atrás para saber do que se trata, querendo tirar satisfação de tudo e promovendo reunião para apurar boatos, conversas veladas, murmúrios, etc. Os resultados costumam ser trágicos. Sob a liderança de tais líderes, sempre existirão focos de discórdia; pequenos pontos de incêndio que ganham proporção incontrolável com o tempo. O líder perde toda a sua autoridade. O autoritarismo passa a prevalecer; a intimidação vira a sua arma de defesa, levando a um processo de fracasso total. Ainda que continue à frente do grupo, a sua autoridade não será mais levada a sério.

Cuidado com o Microfone

Tudo começa com a falta de maturidade, de discernimento, de compreender o que realmente significa o princípio da autoridade.

Certamente, nenhum líder enfrentou tanta murmuração e oposição como Moisés; mas o que ele fazia? Estudando a história desse grande homem de Deus, o que encontramos é um líder que sempre buscou orientação divina antes de agir.

Em Refidim, onde não havia água e o povo levantou uma contenda com ele, Moisés clamou a Deus: “Que farei a este povo? Daqui a pouco me apedrejarão” (Êx 17.4). A situação era crítica, mas Moisés não agiu antes de consultar a Deus.

Moisés era um líder que não falava no púlpito nada além do que Deus mandava que ele falasse. Ele não usava o seu “púlpito” para desabafar, para lançar indiretas, para agredir. Como já dito, a única vez que quis extravasar acabou cometendo um erro gravíssimo. Tomemos cuidado com o microfone. Esse aparelho costuma dar a impressão de conferir poder a quem o usa!

Moisés liderou por 40 anos sob intensa pressão, enfrentando conflitos, murmurações e rebeliões, e soube resistir a tudo com equilíbrio, entendendo que a sua autoridade vinha de Deus. Moisés continha os seus ímpetos e não impunha a sua autoridade. Ele não abusava do poder e nem usurpava a glória de Deus.

Mãos de Ferro, porém Pés de Barro

Uma das distorções que a falta de discernimento sobre o princípio de autoridade causa na liderança é a geração de líderes autoritários. Há uma tênue linha que separa o caminho do líder servo da senda do líder autoritário.

Líderes autoritários são os que mais são traídos. Sofrem maior usurpação da sua autoridade, que é desviada para a prática de hostilidades por aqueles que o cercam e o servem de forma subserviente. Como mantêm uma imagem brutal, esses líderes facilmente têm os seus nomes usados para fins espúrios e indignos.

Quando a revolta dos seus liderados acontece, é violenta, implacável e sem

misericórdia. Geralmente, líderes autoritários colhem das mãos dos seus próprios liderados aquilo que plantaram.

A usurpação da autoridade do líder autoritário termina sendo um processo sutil, fácil de ser escondido ao longo do tempo, em função do medo que a sua figura impõe. Assim, aqueles que estão perto dele usam livremente o seu nome e imagem para fins reprováveis, ficando protegidos em função da distância que o líder autoritário tem das massas, dos mais indefesos.

A liderança de tais pessoas vai sendo suportada e permanece maquiada durante muito tempo. Na verdade, os seus principais auxiliares não lhe são confiáveis, pois há uma longa distância entre fidelidade e subserviência, o que o líder autoritário não compreende. Ele pensa ter o controle debaixo de mão de ferro, mas os seus pés são de barro.

O líder autoritário alimenta-se do controle permanente das massas, exercendo uma espécie de censura “onipresente” dos atos dos seus liderados. Aliás, o seu poder está formado na imagem de tirania que construiu ao longo do tempo. Esse espírito de tirania e dominação é que leva o líder autoritário a agradar-se de ser idolatrado, aceitando facilmente ser projetado para veneração pública, como fez Nabucodonosor com a imagem de ouro que construiu. Quem não a adorasse era lançado em uma fornalha de fogo (Dn 3.1-30). Esse mesmo espírito levou o rei Dario a baixar um edito para que ninguém fizesse petição a qualquer outro senão a ele, no episódio que levou Daniel à cova dos leões (Dn 6.1-28).

Na história das ditaduras, vê-se o fim dos líderes autoritários. Em tempos recentes, na chamada Primavera Árabe, assistimos a fins horrendos de líderes como Muammar al-Gaddafi, ex-ditador líbio (1942–2011). Depois de mais de 40 anos como ditador, com uma vida de forte opressão e violência associada a alto luxo, al-Gaddafi foi deposto e passou a viver caçado como um rato.

Relatos de quem conviveu com o ditador nos seus últimos dias de vida dão conta de um al-Gaddafi perturbado. No dia da sua captura, ele tentava esconder-se em um bueiro. Imagens que circularam o mundo mostram um homem desesperado, cercado por rebeldes que o exibiam como um troféu, fustigando-o ensanguentado sem qualquer misericórdia. Ele foi morto sob crueldade e violência.

Também ainda são vívidas as imagens da revolta iraquiana e as hostilidades com

tudo o que simbolizava a era Saddam Hussein (1937–2006). O ex-ditador terminou capturado em um esconderijo subterrâneo onde vivia sob precárias condições. Independentemente da visão sobre o acerto ou não das medidas da política internacional, o que se cuida ver aqui é o fim pessoal dos líderes que optam pelo caminho do autoritarismo.

O ditador romano Júlio César (100–44 a.C) também protagonizou uma história de tirania e traição. No dia da sua morte pela conspiração dos senadores romanos, surpreendeu-se com a presença do seu sobrinho ou enteado (uma espécie de filho adotivo), Marco Júnio Bruto, que também o apunhalou sem misericórdia. Daí atribui-se a César a frase: “Até tu, Brutus.”

É evidente que os exemplos tomados acima são extremamente fortes, porém servem para indicar o espírito que opera no relacionamento formado entre os tiranos e os seus súditos. Mais cedo ou mais tarde, transforma-se em revolta. O fim desses líderes nunca é bom.

Ainda que o líder sofra ingratidão e até mesmo traições, se ele cultivou um relacionamento afetuoso, de compreensão e misericórdia, então terá paz de espírito. Ele até fará narrativas sobre aqueles que o abandonaram, como fez Paulo, mas terminará expondo com tranquilidade a sua condição pessoal de realização e a sua confiança em uma recompensa eterna: “Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele Dia [...]” (2 Tm 4.8).

Não havia no coração de Paulo qualquer mágoa ou ressentimento. Ele estava em paz consigo mesmo e com o Senhor Deus. As atitudes de abandono que vivenciou da parte de alguns dos seus companheiros não conseguiram abatê-lo. Ele estava de consciência tranquila, sabendo que se havia pautado por um serviço de amor e dedicação pessoal, com uma visão na eternidade.

O líder maduro não se impõe. Não lidera como um dominador, mas inspira os seus liderados através do seu exemplo. Estas são as recomendações do apóstolo Pedro:

Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo

cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória. (1 Pe 5.1-4)

A Lepra de Naamã

O líder maduro e que sabe que a sua autoridade vem de Deus não faz uso dela para o seu benefício próprio. Não confunde autoridade espiritual com autoridade política ou de qualquer outra natureza. Faz como Eliseu. Naamã esperava uma solenidade pública (2 Rs 5.11), mas o profeta limitou-se ao seu papel como líder espiritual: “Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne te tornará, e ficarás purificado” (2 Rs 5.10). Quantos líderes políticos precisam ouvir uma palavra dura, porém restauradora como essa! Mas a falta de maturidade espiritual pode levar o líder a protagonizar cenas que só servem para alimentar o ego das autoridades políticas.

Eliseu não fazia questão de aparecer justamente porque não tinha quaisquer outros interesses. Quando Naamã ofereceu a ele vantagens pessoais, o profeta demonstrou claramente que tinha discernimento do que é autoridade espiritual e que ela não pode ser usada para barganhas.

O líder espiritual maduro entende que é o seu dever servir como homem de Deus, sem querer aparecer e muito menos ser recompensado. Ele não se vale da sua posição para negociar vantagens pessoais.

Somente líderes imaturos, como Geazi, não entendem esse princípio e desconhecem o preço alto que podem pagar por buscarem benefícios próprios em função do que fazem com a autoridade vinda de Deus! Que triste fim teve Geazi! Foi contaminado com a lepra de Naamã: “[...] a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua semente para sempre (2 Rs 5.27).

Abraão era outro líder maduro que não explorava a sua autoridade espiritual. No episódio com o rei de Sodoma, recusou os seus presentes, demonstrando que ele, como autoridade espiritual, tinha um compromisso com Deus e dependia

somente dEle:

Levantei minha mão ao SENHOR, o Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra, e juro que, desde um fio até à correia dum sapato, não tomarei coisa alguma de tudo o que é teu; para que não digas: Eu enriqueci a Abrão. (Gn 14.22,23)

As igrejas evangélicas têm crescido muito no Brasil (e graças a Deus por isso!), fazendo surgir líderes de verdadeiras massas. É comum que a classe política seja atraída por isso. A questão é o comportamento de cada líder, como ele administra a autoridade que recebeu de Deus. É preciso ter cuidado com a lepra de Naamã!

O Discernimento do Liderado

Do lado do liderado, é imperativo que se saiba que Deus não tolera qualquer afronta às autoridades. Esse princípio é tão forte que, mesmo quando é necessário opor-se às autoridades dentro da vontade de Deus, é preciso estar ciente de que haverá consequência. João Batista denunciou o pecado de Herodes, foi preso e depois decapitado.

Não que se perca a bênção de Deus, pois Ele assegura a sua bênção a todo aquele que, fazendo a sua vontade, precisa contrariar as autoridades, mas isso não o livra de suportar as consequências dos atos de desobediência. Quando obedecer a Deus importa em desobedecer aos homens, preserva-se a proteção de Deus, mas experimenta-se, assim mesmo, o peso de atingir-se a autoridade. Os apóstolos continuaram pregando, mas não deixaram de ser levados à prisão por causa disso.

Não se trata de qualquer limitação ao poder de Deus. Longe disso! Deus é o Todo-Poderoso em toda e qualquer circunstância. Trata-se, aqui, de entender esse princípio de autoridade que foi estabelecido pelo próprio Deus e que por Ele é mantido, sendo, portanto, fruto da sua perfeita justiça.

A falta de compreensão dessa verdade pode levar o liderado a crises e dúvidas tremendas, não somente a respeito de si mesmo, como também em relação ao caráter de Deus, o que é ainda mais perturbador. João Batista, quando preso por causa das suas pregações, chegou a enviar discípulos até Jesus para perguntar se Ele realmente era o Messias, aquele que havia de vir, ou se deviam esperar outro.

João Batista havia pregado contra as injustiças de Herodes. O rei continuava no seu trono, enquanto ele, como profeta, estava preso. Não é fácil ao líder, na condição de liderado, suportar esse tempo de prova sob o seu superior. São fases em que o líder pode ficar à beira da revolta ou da frustração. A injusta (real ou aparente) prevalência da autoridade, ainda que por um tempo, faz parte do plano de Deus, ensina a verdadeira submissão e leva o líder provado a superar toda a sua resistência à autoridade. Também o leva a entender com o tempo se a injustiça era verdadeira ou somente fruto do engano que o abraçou por causa da sua rebeldia. No caso de João Batista, a sua prisão era injusta; já nos casos em que o revés ocorre de forma justa, será um tempo em que o liderado alcançará discernimento e poderá compreender as razões do líder. Isso é necessário porque, nos momentos de confrontação, o liderado é tentado a maximizar os erros da liderança e, com isso, justificar as suas atitudes de revolta.

Os líderes não são nossos inimigos. São autoridades constituídas por Deus para nosso bem. Como resistir à autoridade é resistir à ordenança de Deus, nada melhor que aprender a não resistir à autoridade para não se ver lutando contra Deus. Watchman Nee (1903–1972) diz que

ofender a autoridade de Deus é uma rebeldia bem mais séria que ofender a santidade de Deus. Levando-se em consideração que ofender a santidade é uma questão de conduta, esse pecado é mais facilmente perdoado que a rebeldia, pois esta é uma questão de princípio; a intenção de Satanás de estabelecer seu trono acima do trono de Deus — o princípio da autoexaltação — foi o que violou a autoridade do Senhor.

Somente um claro discernimento do princípio da autoridade, não somente fruto de uma constatação mental, mas também de uma absorção dessa verdade no

íntimo, faz com que, em temor a Deus, tenhamos submissão de coração a esse princípio. Nee aponta nossa justiça própria como uma barreira para a plena submissão à autoridade, que somente é quebrada com um encontro com a autoridade de Deus:

Nós que somos tão cheios de justiça própria e, ainda assim, tão cegos, precisamos, pelo menos uma vez na vida, ter um encontro com a autoridade de Deus, para sermos quebrantados até a submissão e, desse modo, começar a aprender a obedecer a essa autoridade.

Não se consegue isso sendo agradado pelos líderes, mas sendo confrontado por eles. O segredo não é resistir à autoridade, mas alcançar uma sujeição interior profunda e verdadeira, sendo cheios da humildade do Cordeiro de Deus, como descreve Andrew Murray (1828–1917) no seu livro *Humildade: a Beleza da Santidade*. Aliás, esse consagrado pastor sul-africano escreveu algo extremamente sério e forte:

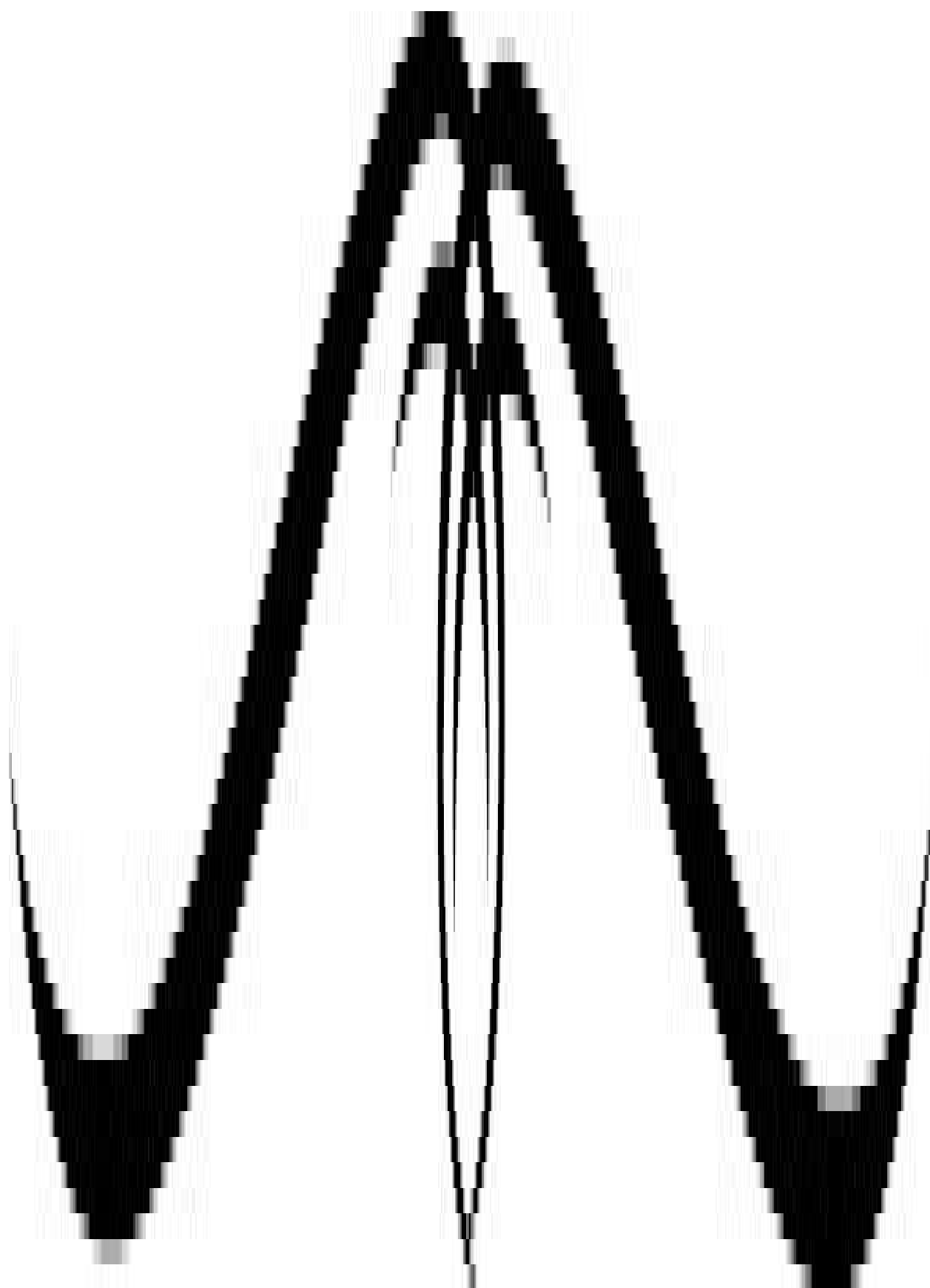
O que você tem de orgulho dentro de você é o que tem de anjo caído vivendo em você; o que você tem de verdadeira humildade é o que você tem do Cordeiro de Deus dentro de você.

Watchman Nee também tem uma visão do princípio da autoridade dentro desse escopo:

[...] no universo, existem dois princípios: o da autoridade de Deus e o da rebeldia satânica. Não podemos servir a Deus e simultaneamente andar pelo caminho da rebeldia. Satanás ri quando o rebelde prega a palavra, pois nessa pessoa habita o princípio satânico. O princípio do serviço deve ser a autoridade. Obedeceremos ou não à autoridade de Deus?

VII

Vencendo o Radicalismo



Nem sempre o termo radical ou radicalismo tem um sentido negativo. John Stott escreveu o livro O Discípulo Radical , no qual mostra a importância de comprometer-se com a raiz do cristianismo, sendo um verdadeiro discípulo de Cristo. Mas, se esse fosse o radicalismo que costumamos manifestar, seria algo extremamente bom. Ocorre que, geralmente, nosso radicalismo é outro, bem diferente.

Em geral, o radicalismo está fincado em nosso orgulho, em nossas próprias concepções, das quais não aceitamos o desapego. Ficamos estribados em nosso próprio entendimento. Radicalismo é quando nos endurecemos em nossas visões e conceitos, construindo nosso próprio mundo como uma fortaleza indevassável.

O radical não é capaz de adaptar-se a situações diferentes, não admite quaisquer tipos de mudanças, espiritualiza tudo, confunde tradição com doutrina, tem sempre uma visão excludente, não se importando com as perdas — aliás, ele acha melhor perder do que abrir mão da sua razão e justiça próprias. O radical termina considerando-se mais importante que o próprio evangelho, mais justo que o Justo, mais sábio que o seu Mestre, mais rigoroso que o seu Senhor, e tudo isso em nome da sua religiosidade.

Paulo sabia compreender o seu próprio lugar em relação ao evangelho. Do alto da sua importância para o cristianismo, o apóstolo dos gentios tinha consciência de que de nada resultaria impor a si mesmo se não fosse alcançado o propósito da graça de Deus.

O radicalismo não permite que se considere isso, pois é uma espécie de abuso de poder. O radical impõe a si mesmo em sacrifício da finalidade da sua missão como líder. Paulo tinha uma grande preocupação em abusar do seu poder no evangelho (1 Co 9.18). É por isso que ele, “sendo livre para com todos, [fez-se] servo de todos, para ganhar ainda mais”.

Fez-se

como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei (não estando sem lei para com

Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. (1 Co 9.20,21)

Fez-se “como fraco para os fracos, para ganhar os fracos; [fez-se] tudo para todos, para, por todos os meios, chegar a salvar alguns” (v. 22). Paulo não tinha a si mesmo como alvo, mas ao seu propósito como defensor e participante do evangelho: “E eu faço isso por causa do evangelho, para ser também participante dele” (v. 23).

Paulo era um homem flexível em favor da causa que defendia. Um cristão convicto não é sectário, não abre mão das verdades do evangelho, mas sabe comportar-se de maneira a não prejudicar o seu progresso por causa das suas concepções pessoais. Na verdade, ele aprendeu que o seu alvo deve ser ganhar para Cristo, valendo-se de todos os meios que sejam legítimos para isso.

Quando a vontade de Deus direciona-nos para novas visões e concepções, não é sábio fecharmo-nos em um casulo, vivendo preso em nossa obstinação. A renovação de nosso entendimento é que nos traz transformação e abre a porta para novas experiências conforme a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2b).

É muito fácil ao radicalismo apresentar-se disfarçado de um saudável cuidado com a ortodoxia, de uma preservação das tradições e valores que foram fundamentais para nosso sucesso histórico. De fato, existe esse saudável cuidado e que não deve ser abandonado. Ocorre que o nome dele não é radicalismo. O radicalismo não quer realmente preservar a saúde da instituição, e sim engessar, endurecer, institucionalizar, fossilizar.

É realmente mais fácil e cômodo abraçar o radicalismo sob o medo de abandonar os trilhos da sã doutrina, da fé, do genuíno amor e das muitas virtudes próprias da verdadeira vida cristã. A questão é que o radicalismo é inimigo dessas virtudes. Não há como se proteger dos inimigos da fé valendo-se da armadura do radicalismo.

O radicalismo manifesta-se através de um criticismo insensível e duro, sem fundamento, porém com aparência de espiritualidade. Nada mais é do que uma capa de orgulho. Uma vã tentativa de exclusivismo. A obra de Deus não está presa às nossas formas, mas desenvolve-se de acordo com a multiforme

sabedoria de Deus (Ef 3.10).

O perigo do radicalismo é levar-nos a valorizar mais a forma do que o conteúdo. A história não registra que nossos pais tenham sido apegados à forma. Eles eram apegados ao conteúdo — aliás, a dinâmica ação do Espírito Santo não permitia que acontecesse algo de maneira diferente.

A valorização excessiva da forma pode levar-nos ao sectarismo, ao engessamento estrutural e, conseqüentemente, à inanição e esterilidade espiritual. A valorização da forma nada mais representa que uma tentativa vã de controle do homem pelo homem, distanciando-se do controle de Deus, que se dá pelo Espírito. Ambientes radicais e formalistas são propícios para a força e a violência, que são repelidas pela Palavra de Deus (Zc 4.6). Os domínios do Espírito Santo pressupõem um controle que não é humano, que não é resultado de imposição.

O Radicalismo de Jonas

Dentre alguns personagens bíblicos que foram enganados pelo radicalismo, destaca-se o profeta Jonas, que agiu como um profeta radical. Ele deixou bem claro que não foi a Nínive pregar porque se considerava mais justo que Deus:

[...] Não foi isso que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso, me preveni, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus piedoso e misericordioso, longânimo e grande em benignidade e que te arrependes do mal. (Jn 4.2)

O profeta não admitia que os ninivitas fossem poupados. O seu radicalismo não concebia que eles pudessem ser salvos. Na sua régua de justiça, não havia cabimento para que homens tão ímpios fossem perdoados. O resultado foi que Jonas tornou-se um homem duro e insensível com o seu radicalismo. Em primeiro lugar, não se importou com a situação espiritual dos ninivitas; dormia tranquilamente no porão do navio. Descoberto, não esboçou nenhum

arrependimento; simplesmente disse que o lançassem ao mar. Levou três dias dentro do ventre do peixe em uma situação desesperadora para que decidisse clamar a Deus (Jn 1.17; 2.1-7). Já depois de ter pregado e com o arrependimento dos ninivitas, ficou ressentido e pediu a morte. Logo em seguida, demonstrou que o radicalismo também o tornaria excêntrico: importou-se com a morte de uma abóboreira, embora não tivesse sentido compaixão alguma pelas mais de 120 mil pessoas da cidade de Nínive. Coisas valendo mais do que pessoas!

O radicalismo é assim. É um orgulho incrustado em nós, escondido no mais profundo de nosso ser e que nos prende a um falso sentimento de espiritualidade e justiça, colocando-nos em verdadeiro confronto com Deus. Pensamos que nosso zelo é justificável e incorremos em pecados muito mais terríveis do que aqueles contra os quais nos mostramos intolerantes.

No fundo, sabemos que isso não nos faz feliz. Aliás, o radicalismo engana-nos ao dizer que o espiritual não pode ser feliz, que tem que expressar sempre um semblante de tristeza. Nos tempos de Jesus, os radicais não admitiam que Ele participasse de festas, como ocorreu no grande banquete na casa do publicano Levi (Lc 5.27-30).

É evidente que a vida reserva-nos muitos momentos difíceis, quando a alegria não é a emoção dominante, mas também nos traz horas de profundas alegrias, produzidas por diversas e boas razões que nos são proporcionadas por Deus, com destaque para as indizíveis alegrias espirituais.

O Radicalismo Excludente

Voltando a Jonas, que não admitia a salvação dos ninivitas, lembro-me de ter ouvido de certo pastor que tinha uma igreja formada somente pela sua família e dizia que não queria outras pessoas porque a vinda delas poderia trazer vaidade. Tinha medo do crescimento. Em nome do que entendia como pureza do rebanho, ele estava abrindo mão de alcançar outras almas.

Esse radicalismo fecha a porta para outros. Há, porém, outra espécie de radicalismo, o que nos pode pôr porta a fora. É o radicalismo que costuma levar

homens e mulheres bem intencionados e de grande valor a considerarem-se santos e espirituais a ponto de pensar que já estão acima do perfil da própria igreja, que ela não os merece mais. Assim, podem incorrer no grave engano de desistir da igreja com um sincero, porém falso, sentimento de estar se preservando para Deus.

Na história dos judeus, o primeiro radicalismo seria dos escribas e fariseus, que fechavam a porta ao Reino dos céus. Sentados na cadeira de Moisés, atavam fardos pesados e difíceis de suportar, orgulhavam-se do exterior, trazendo largos filactérios e franjas nas suas vestes, amavam os primeiros lugares nas ceias e as primeiras cadeiras nas sinagogas, além das saudações nas praças, e gostavam de ser chamados de mestres (Mt 23.2-5). Esses fechavam aos homens o Reino dos céus. Não podiam entrar e nem deixavam que outros entrassem. O radicalismo deles faria com que lhes fosse reservado mais rigoroso juízo (Mt 23.13,14).

O segundo grupo de que falei antes sofre consequências do seu radicalismo em outro sentido. Na história dos judeus, seriam representados pelos essênios. Flávio Josefo descreve-nos uma comunidade asceta, de disciplina rígida, vivendo totalmente separada da comunidade judaica tradicional. Os essênios excluíram-se da religião judaica voltada para o Templo para viverem separados. Isso lembra a Idade Média e os monastérios.

O radicalismo pode levar o líder a imaginar que, no seu nível de santidade, não pode compartilhar da vida dos demais, justificando a sua saída da própria igreja. Muitos abandonam as suas funções e transformam-se em “ilhas”, vivendo em torno de si mesmos. Isso é outra manifestação do sectarismo.

Indo mais diretamente ao ponto, o que se está falando é de um fenômeno que parece crescer entre nós, a saber: verdadeiros homens de Deus, que tiveram grandes experiências com Jesus, fecham-se em si mesmos e ficam parados no tempo. Muitos entregam as suas funções na igreja e voltam para casa antes do tempo.

O enganoso radicalismo retira-os da gloriosa missão de continuar servindo a Deus na igreja, ensinando a Palavra com amor e paciência, não impondo a si mesmo, antes servindo de exemplo com humildade e fé. Isso não se aplica aos líderes que entendem o momento de transferir as suas responsabilidades e que o fazem de maneira sábia e pacífica. Falo de abandono do posto por razões de desistência!

O líder não pode deixar-se enganar pelo seu radicalismo; não pode impor as suas próprias restrições e fechar a porta para outros, mas também não pode sair da convivência cristã, fechando a porta atrás de si mesmo.

Paulo lidou com igrejas amáveis, como a de Filipos, porém dedicou ainda mais tempo para igrejas problemáticas, como a de Corinto, que demandava muito do seu vigoroso ensino. O apóstolo escrevia para os santos consciente de que eles tinham inúmeros problemas. Aliás, como extraímos de Efésios 4.11, a liderança é dada à igreja justamente para o aperfeiçoamento dos santos, para a eliminação das imperfeições através do labor constante do líder, especialmente do emprego da Palavra de Deus.

É bem conhecida a lição dada por Jesus acerca do trigo e do joio. O perigo é estar convencido de ser trigo e terminar como joio.

A Igreja continuará sendo Igreja até a volta do Senhor Jesus. A solução jamais é sair dela. Precisamos permanecer sempre nos santificando e investindo no aperfeiçoamento dos santos. A igreja é um lugar de pessoas imperfeitas, dependentes de Deus, assim como os líderes também o são. A maturidade espiritual leva-nos a entender que os desafios encontrados na igreja servem para aperfeiçoar-nos, gerando em nós o caráter de Cristo.

Não sabemos o que se deu com Jonas depois do episódio da abóboreira, mas, geralmente, quando desprezamos a obra de Deus por coisas banais — e isso em nome de nosso orgulho —, experimentamos ostracismo e melancolia. Jonas havia recebido uma grande chance. Ele voltou ao ministério depois de ser resgatado do ventre do grande peixe. Não podemos dizer se ele teve outra oportunidade depois do episódio da abóboreira.

Aos líderes que se deixaram enganar pelo seu radicalismo e agiram como se fossem mais puros que a própria igreja, o caminho é retornar humildemente como servo. Deus quer também a Nínive para si.

Impor nossos próprios padrões à obra de Deus é um terrível engano. A inflexibilidade do líder pode levá-lo a ser quebrado por Deus — e, talvez, sem mais conserto. Bom é quando somos quebrados, mas deixamos ser trabalhados por Deus. O pastor Severo Antônio de Araújo dizia: “Sou igual cera. Na sombra, endureço; mas ao sol, amoleço”.

Radicais de Fachada

Outro gravíssimo perigo a que nos expõe o radicalismo é o de levar-nos ao engano do pecado. Uma extrema dureza consigo mesmo e com os outros pode descambar para graves desvios morais. Cuida-se de questões banais e incorre-se em práticas reprováveis. É como um velho crente que cuida tanto de detalhes externos da vida dos outros — principalmente das mulheres — e que se veja atraído a pecados terríveis, como a pedofilia — e até mesmo dentro da própria casa.

Um dos graves problemas do radical é que ele nunca peca, o que o faz entrar na triste situação descrita pelo apóstolo João: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e não há verdade em nós” (1 Jo 1.9). Nesse engano de que nunca peca, o radical termina enganando a si mesmo, preferindo viver na mentira que admitir o seu pecado.

O radical tem uma dificuldade extrema em confessar os seus pecados e culpas e termina mentindo para si mesmo. De tanto condenar todo e qualquer tipo de prática que considerou pecado — mesmo aquelas que são lícitas —, passa a não conseguir admitir que ele mesmo tenha pecado. Talvez aí se explique porque a Bíblia diz para não sermos demasiadamente justos, para não nos destruir a nós mesmos (Ec 7.16).

O radical não se conforma com a permissão. Quer sempre a proibição. Não aceita deixar de fazer apenas porque não convém. Insiste em que seja ilícito. Quer que seja proibido! O emprego da justiça própria afasta-o da graça de Deus e expõe-no ao engano do pecado.

Na verdade, nosso radicalismo pode não passar de uma forma de esconder nossas fraquezas crônicas e, pior ainda, pecados praticados e que não se consegue vencer. Judas incomodou-se com a mulher que ungia os pés de Jesus com unguento caro, numa atitude de aparente piedade: preocupação com os pobres. Na verdade, a sua atitude era um reflexo do seu pecado, pois ele costumava apropriar-se do dinheiro que era lançado à bolsa (Jo 12.6).

Os judeus que prenderam a Jesus consideravam-se tão santos que não podiam entrar na casa de Pilatos “para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa”

(Jo 18.28). Em tantas ocasiões, Jesus havia-os advertido do legalismo e da hipocrisia, mas o orgulho que sustentava aquele radicalismo não saía tão facilmente.

É assim mesmo! Somente muito fogo, altíssima temperatura para tirar as impurezas, os metais pesados que insistem em permanecer grudados em nós, como se nobres fossem.

É como os que são radicalmente contra o uso da televisão, mas que, quando tem oportunidades secretas (quando viajam e ficam hospedados em hotéis, por exemplo), se apossam do controle remoto do aparelho de TV e não o largam mais. Gostam de todo tipo de programa televisivo, mas o seu radicalismo não permite que admitam isso. Censuram o que tanto os atrai.

É muito melhor não ser radical e ser livre do que não nos edifica do que ser radical e terminar preso ao que condenamos com tanta veemência. Entender bem o evangelho da graça e o equilíbrio entre liberdade cristã e amor pode libertar-nos desse mal.

Não é o radicalismo que deve pautar nossas práticas de vida cristã, mas a liberdade que há em Cristo Jesus. Guiados pelo amor de Deus, somos ensinados a viver de forma santa, abrindo mão não somente do que não é lícito, mas também do que não convém e não edifica. Também aprendemos a cuidar não somente de nossa consciência, como também da consciência de nosso irmão (1 Co 8.7-13). Como diz o pastor Elienai Cabral:

Há coisas que faço, das quais minha consciência cristã não me condena. Mas não é assim com o de consciência fraca, que se abate e se escandaliza com facilidade. Portanto, se o que faço prejudica a fé de meu irmão fraco, não devo usar de minha liberdade para escandalizá-lo.

O Radicalismo Apologético

Falando em radicalismo, lembrei-me da apologética. Não me refiro ao aspecto

filosófico da apologética, de que trato no capítulo sobre o intelectualismo. Falo da defesa comum das doutrinas nas quais cremos e das práticas da igreja, da ortodoxia, do dogmatismo e da própria liturgia. Nesse aspecto, também há muita precipitação em condenar o diferente apenas por ser diferente. Joga-se fora o bebê com a água suja da banheira.

Não é porque existem tantos modismos teológicos que temos que considerar que tudo o que não faz parte de nossa ortodoxia esteja errado e deva ser rejeitado. Aliás, rejeitar por uma questão de cautela até que não faz mal. O problema é criticar acidamente sem buscar conhecer com maior profundidade. Pode não ser adequado para uns, mas certamente o pode ser para outros. Não quero alongar-me em exemplos; quero apenas considerar, para reflexão, a necessidade de um amadurecimento que nos leve a não nos precipitar no julgamento do que não conhecemos.

“Jogar o bebê com a água suja da banheira” é, por exemplo, condenar toda e qualquer atividade das igrejas organizadas em células por causa das heresias flagrantemente vistas no modelo G-12, como a regressão, a hipnose e tantas outras. Nas epístolas paulinas, encontramos várias vezes a expressão “a igreja que está em sua casa”, demonstrando que muitas igrejas começaram nos lares, como os tão conhecidos pontos de cultos que tivemos no Brasil — e que ainda temos. Assim, não podemos simplesmente ser contra as células pelo simples fato de entendermos que é bíblico os cultos nos lares, sejam quais forem os nomes que recebam: grupos caseiros, reuniões domésticas, grupos de interesse, reuniões de estudos bíblicos, etc.

O Conselho de Doutrina da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) já examinou há muito tempo esse modelo, refutando tudo o que é antibíblico, mas, de forma bem equilibrada, não se apegou a questões de ordem formal.

Sobre as tais reuniões em célula, o manifesto do Conselho de abril de 2000 concluiu que “biblicamente, o culto no lar é uma prática antiga, mas o grupo não recebe o título de igreja como na acepção herética do G-12”. Ou seja: devemos jogar fora a água suja (as heresias), porém preservando-se o bebê (as práticas das reuniões dos crentes nos lares, por exemplo). Esse é apenas um exemplo da necessidade de não se refutar tudo sem uma necessária reflexão, mas, sim, de fazer o que a Palavra de Deus ensina: “Examinai tudo. Retende o bem” (1 Ts 5.21). O que se vê às vezes é um apego à defesa da tradição pela tradição sem

uma reflexão coerente e sábia. O “ser contra” simplesmente por “ser contra” não é inteligente.

O líder não pode ser radicalmente contra qualquer manifestação litúrgica ou congregacional simplesmente por não estar estritamente de acordo com o rígido padrão que aprendeu. Um exemplo simples, porém paradigmático, é o bater palmas. Há quem se recuse a bater palmas em toda e qualquer circunstância, o que é um exagero.

Se, de um lado, não temos a prática costumeira de bater palmas durante o culto, também não podemos radicalizar e permanecer rígidos contra esse tipo de expressão em ocasiões especiais, como as de natureza social que acontecem na igreja. Não ser adepto do bater palmas não significa ter isso como uma lei, uma norma inflexível. Refiro-me à obstinada opinião de jamais bater palmas, mesmo que a situação assim o permita.

A inflexibilidade em questões menores como esta também pode enrijecer-nos em outras e impor prejuízos ao crescimento da obra de Deus. É evidente que a prudência sempre nos recomenda ser mais seguro manter-nos fixos na posição em que nos encontramos, mas a falta de ousadia também pode ser um impedimento para que experimentemos a ação de Deus.

A Igreja de Cristo é um corpo vivo, em constante movimento, que não está sujeito a restrições impostas pela institucionalização. O grande problema é o modismo, o copismo. Agora uma observação: seria uma infantilidade negar, por exemplo, o grande avanço alcançado por tantos servos de Deus que foram sábios em receber uma visão divina específica para o seu tempo e lugar, pondo-a em prática.

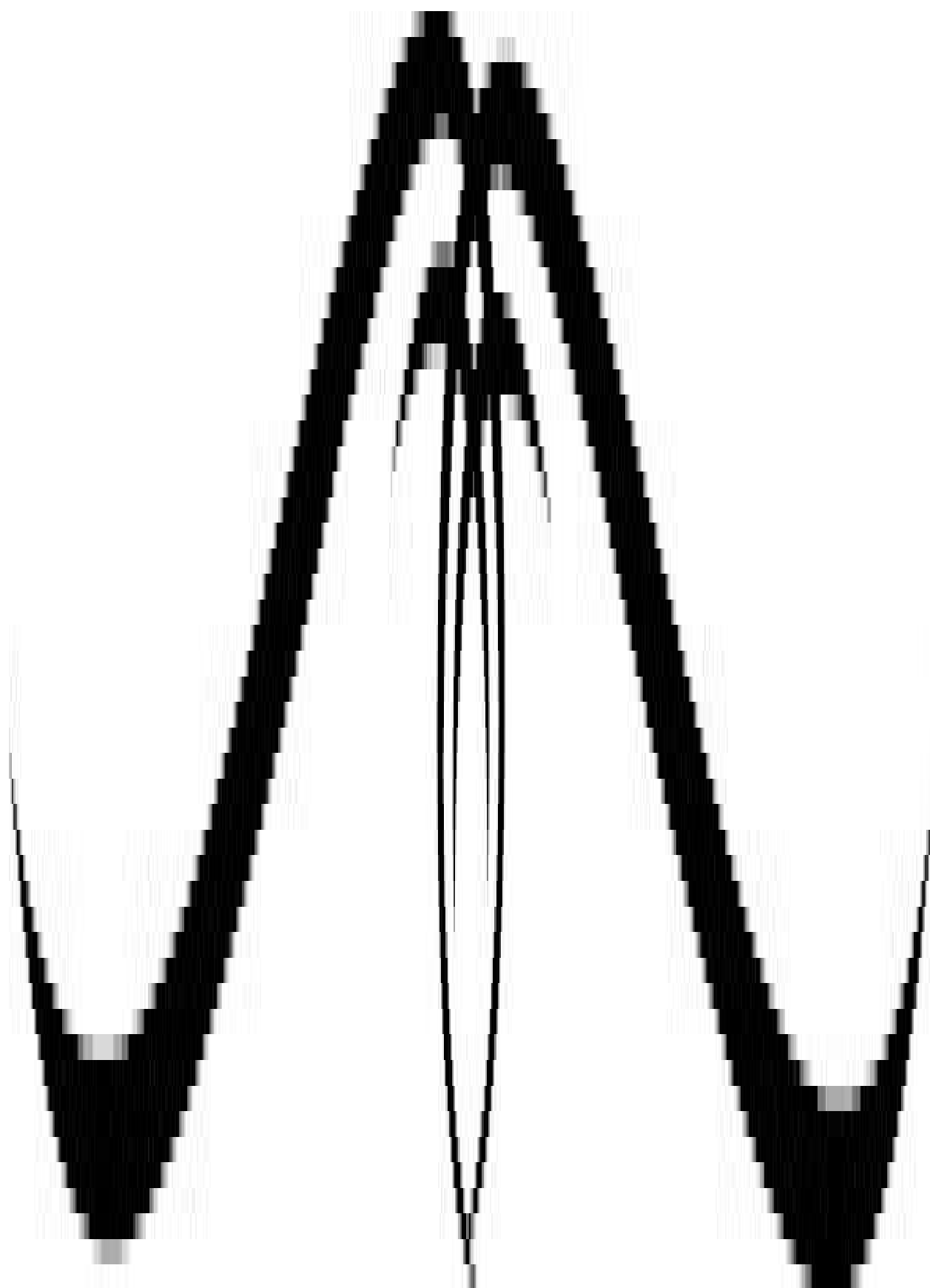
Não me refiro a qualquer tipo de ousadia, mas a ousadia de homens maduros, como o pastor José Satório, por exemplo, que, com os seus centros familiares, grupos bíblicos e tantos outros serviços cristãos serve a Deus na Colômbia há mais de 40 anos com a sua “Fé, visão e destino profético”. O pastor Satório soube entender o plano específico de Deus para o povo colombiano. Um homem radical não estaria aberto para o que Deus fez e faz pelo seu intermédio.

Tantos outros líderes têm vivido grandes experiências com Deus, recebendo orientações próprias para o seu trabalho, as quais necessariamente não se repetem em outros lugares, mas mostram-se eficazes para aquele cujas obras

foram dadas pelo próprio Deus. O limite de tudo é a Palavra de Deus, e não nossos próprios conceitos, opiniões e ideias!

K

Liderando com Equilíbrio



Liderar não é como se aventurar em uma montanha-russa. Essa atração pode até ser divertida, porém precisa acabar logo. Ninguém consegue ficar por muito tempo em um movimento abrupto de sobe e desce. Assim é o exercício da liderança. As elevações, as quedas e as inversões (como os loopings de 360 graus) não geram nenhuma liderança de sucesso. Podem até impressionar no começo, mas as pessoas logo quererão desembarcar. As montanhas-russas são assim: vivem de um público flutuante.

O líder precisa ser equilibrado. Precisa ser alguém que lidera inspirando pessoas para propósitos firmes dentro de um processo constante. O segredo não é produzir fortes emoções, mas gerar sólidas convicções. Ele deve ser dinâmico, mas não imprevisível.

O exercício da liderança não combina com imaturidade, principalmente no campo espiritual. É certo que muitas vezes começamos essa missão tão nobre muito longe do ponto de maturidade recomendável, o que nos leva a cometer muitos erros. Isso, porém, não nos autoriza jamais a ficar acomodados e perder as oportunidades de crescer espiritualmente, buscando, pela graça de Deus, alcançar equilíbrio e mais eficácia em nosso serviço.

Jesus não dispensou nenhum dos seus discípulos, embora tomassem decisões impensadas, como Pedro, disputassem entre si sobre quem seria o maior, fossem incapazes e tardios para compreender as coisas espirituais e, mais que isso, incorressem em flagrante abandono do Mestre nas horas mais cruciais da sua vida. Assim também Ele faz com cada um de nós, visando deixar-nos preparados para os seus propósitos. As cartas pastorais mostram-nos a importância de líderes mais maduros serem nossos mestres nessa escola sagrada.

Liderar com equilíbrio é, por exemplo, superar a empolgação que é comum assaltar-nos no começo do exercício do serviço cristão. Lembro-me de quando fui convidado para assumir uma congregação pela primeira vez. Em minha mente, em poucos dias, fiz uma rápida revolução espiritual no bairro. Realizações e mais realizações foram consumadas rápida e facilmente no meu imaginário.

Depois que assumi — e ao longo dos anos —, percebi que não era bem como eu pensava. A empolgação não bastava. Muito mais que isso, era preciso muita

prudência, cautela, dedicação diária, paciência, perseverança, resignação e total dependência de Deus. Não era eu quem faria o que pensava poder fazer. Isso me faz lembrar também de certo irmão que queria oferecer ao seu pastor um projeto de gestão que poderia revolucionar a vida da igreja por ter o certificado ISO 9001! É um equívoco pensar que a liderança espiritual possa ser vivida com base nas estratégias seculares.

Bem disse Paulo que “as armas da nossa milícia não são carnis” (2 Co 10.4). Comentando esse versículo, Donald Stamps recorda-nos de que

as armas carnis e humanas, tais como argúcia, habilidade, riqueza, capacidade organizacional, eloquência, persuasão, influência e personalidade são, em si mesmas, inadequadas para destruir as fortalezas de Satanás. As únicas armas adequadas para desmantelar os arraiais de Satanás, a injustiça e os falsos ensinamentos são as que Deus nos dá. (Bíblia de Estudo Pentecostal, p. 1783)

É sinal de imaturidade querer “tocar a obra” no estilo dos administradores públicos, dos políticos, que começam a fazer comparações logo que assumem, criticam tudo o que encontraram e passam a ressaltar o que começam a fazer. São comuns expressões do tipo: “Quando cheguei aqui não tinha isso, aquilo ou aquilo outro; agora...”.

O pior é que se copia tanto o padrão da política secular a ponto de desmanchar o que encontra somente pelo prazer de apresentar o novo, com a sua própria identidade. Chega-se a criar uma nova “identidade visual”, investindo em uma padronização diferente de cor para mostrar a “nova gestão”. No exemplo de um pastor, até mesmo visitas na cidade podem demonstrar essa imaturidade, a depender de como se apresenta o novo líder. A importação de técnicas de mercado para o serviço cristão não garante sucesso para ninguém.

É preciso ter muito cuidado especialmente nos momentos de transição. Não é hora de projetos serem divulgados, passando a ideia de que havia estagnação e que agora vai começar uma fase de revolução. A humildade sempre funciona. É como um pastor jovem que, entusiasmado, já no dia da sua posse, anunciou uma campanha de oração, fechando com a frase: “A partir de agora, esta igreja vai orar!”. Não é uma atitude isolada como essa que pode comprometer o exercício

do ministério, mas um conjunto delas pode trazer um grande prejuízo. Quem não se lembra do chavão “nunca antes na história desse país”?

Também indica imaturidade e falta de equilíbrio e sensatez o novo líder que chega mudando tudo na sua igreja ou departamento sem nenhuma necessidade específica, como se tivesse que formar a sua própria equipe. Às vezes, sem saber, ele tira pessoas que são vitais para o trabalho. As consequências não tardam vir. Mudanças, mesmo que necessárias, precisam ser feitas no tempo certo.

Foi justamente a imaturidade de Roboão que comprometeu a continuidade do seu reinado. Ao ouvir os jovens, ele quis parecer duro e austero com o povo, ressuscitando Jeroboão e perdendo para ele dez das doze tribos de Israel. A imaturidade de João Marcos fez com que este abandonasse a Paulo e Barnabé logo na primeira viagem missionária (At 13.13; 15.37,38); já maduro, passou a ser muito útil para Paulo (2 Tm 4.11).

Pedro, mesmo depois do Pentecostes, mostrou-se imaturo diante das questões envolvendo o judaísmo, com um comportamento repreensível na Igreja de Antioquia (Gl 2.11-14). Mais amadurecido, reconhece o ministério de Paulo e demonstra que a repreensão fez muito bem a ele e que não ficou nenhuma nesga entre os dois (2 Pe 3.15). O mesmo João que se envolveu em disputas por posição com outros discípulos (Mt 18.1) alcançou maturidade a ponto de aceitar o martírio por amor a Cristo.

Equilíbrio Emocional

O líder precisa ser estável nas suas emoções não somente por causa de si mesmo, mas também pelos que o cercam. Debilidades emocionais do líder podem afetar a muitos, especialmente a sua família. Não se trata de esconder as suas fraquezas, mas, sim, de suportar certas contrariedades sem esboçar reações inadequadas.

Um exemplo que temos de um líder emocionalmente debilitado é Acabe, cuja instabilidade ficou muito patente no episódio que envolveu Nabote. O rei de

Israel decidiu que queria a vinha de Nabote de qualquer jeito. Com a firme negativa de Nabote, Acabe foi para casa desgostoso e indignado: “[...] deitou-se na sua cama, e voltou o rosto, e não comeu” (1 Rs 21.4).

Imagine a cena protagonizada pelo rei, que agiu como uma criança mimada! Jezabel percebeu o abatimento de Acabe e quis saber o que havia acontecido. Informada da recusa de Nabote, resolveu que daria um jeito de conseguir a vinha para Acabe. Era um casal de manipuladores. O resultado foi a elaboração de um plano maligno que terminou com a morte de Nabote por apedrejamento (1 Rs 21.13).

O episódio com Nabote mostra o estrago que pode ocorrer quando um líder não consegue controlar-se emocionalmente. Desse exemplo, podemos extrair como lição a necessidade que o líder tem de saber enfrentar contrariedades sem abater-se, sem deixar-se dominar pelas suas emoções do momento.

Nas lides diárias, é muito comum o líder ser contrariado, mas ele precisa evitar, o quanto puder, que isso afete a sua casa. Um problema banal e passageiro pode resultar em uma tragédia de efeitos nefastos se não for bem administrado.

Uma família cujo líder não sabe filtrar as ocorrências do dia a dia é totalmente afetada com problemas que não precisariam chegar ao recôndito do lar. Acabe poderia muito bem ter administrado sozinho a contrariedade que teve com Nabote em vez de agir de forma a demonstrar o seu abatimento.

É claro que a esposa e os filhos do líder ficarão condoídos diante da versão que ouvirem. Dificilmente terão condições de analisar todos os aspectos da situação e ver que quem está certo é Nabote. Se esse Nabote for, por exemplo, o pastor da igreja, que prejuízo espiritual não terá a família! Enfrentará um bloqueio desnecessário por considerar-se pastoreada por alguém que, ao que imagina, tanto prejudicou ao líder abatido!

Ainda que Nabote esteja certo, os fatos trazidos por Acabe criam um ambiente ostensivo dentro de casa. É a falta de maturidade por ausência de equilíbrio emocional que causa isso. Muitas crises que poderiam ficar restritas ao ambiente da liderança terminam por entrar na casa dos líderes e transtornar toda a família. Feridas terríveis são abertas, muitas delas de difícil cicatrização. Quando não, Nabote termina assassinado injustamente, trazendo maldição para o seio familiar.

Assassinatos verbais, apedrejamentos morais, processos de murmuração, incitação ao ódio e tantos outros males podem advir de uma contrariedade mal contida, fruto de questões banais. Acabe não tinha nenhuma necessidade real de ter a vinha de Nabote, ou seja, adoeceu por um desejo mesquinho.

O líder precisa entender que muitas das suas reações momentâneas são irracionais, quando não pecaminosas, e podem servir de pavimento para crises emocionais e espirituais de grande proporção. Se Acabe tivesse agido normalmente ao vir para casa, a sua insatisfação com Nabote não teria sido descoberta e deixaria de contaminar tanta gente. Foram muitos os que apedrejaram Nabote, derramando sangue inocente (1 Sm 21.13).

O líder imaturo e emocionalmente débil não ficou impune. Aliás, o líder é o maior responsável pelas consequências das suas atitudes fracas e inadequadas. Deus mandou o profeta Elias ir a Acabe e dizer-lhe: “No lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabote, os cães lambeirão o teu sangue, o teu mesmo” (1 Rs 21.19). Foi Jezabel quem planejou a morte de Nabote, porém toda a ação foi desencadeada devido ao comportamento de Acabe.

Não há como se esconder sob as fraquezas de nossas emoções. Ser líder impõe-nos o dever de agir com firmeza e cautela, resistir às pressões do dia a dia e buscar em Deus o equilíbrio emocional necessário para orientar nossa conduta e não induzir outros a decisões igualmente imaturas, mesmo que no afã de reafirmar nossa liderança.

A imaturidade de Acabe levou Jezabel a oferecer-lhe apoio e “solução” para o problema a fim de que o seu governo sobre Israel fosse demonstrado (1 Rs 21.7). Na sua debilidade emocional, o líder imaturo pode até encontrar solidariedade e apoio por um tempo, mas, no final, amarga terríveis resultados.

Belíssimas biografias terminam sendo comprometidas ao final da vida, com líderes que, abatidos, não conseguem proteger o lar das suas frustrações. Tudo pode terminar em melancolia, com um líder rancoroso cercado por uma família ressentida e amargurada, multiplicando-se incredulidade e dureza de coração em si mesmo e naqueles que o cercam.

É dever do líder proteger o seu lar de sentimentos doentios. Se ele não estiver pronto para enfrentar com equilíbrio os revezes do dia a dia, não saberá enfrentar os revezes que envolvem a sua família. O apoio que o líder precisa receber em

casa não é um consolo que repele aqueles com quem convive no exercício da sua liderança. O amparo que precisa receber é para ter forças renovadas justamente para estar pronto para servir os seus liderados, sem tentar usurpá-los ou impor sobre eles a sua vontade.

É fato que o exercício da liderança costuma ser hostil, pois o líder enfrentará oposições em todas as áreas da vida e será contrariado muitas vezes. Ele não pode superestimar tais situações; ao contrário, deve sublimá-las. Ainda que as reconheça, deve tratá-las com naturalidade, como um líder maduro, como Paulo, que, mesmo em estado de visível abandono, descreveu o seu quadro sem mágoa ou rancor.

Escrevendo a Timóteo, o velho Paulo diz:

Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado. Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim, fosse cumprida a pregação e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão. E o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu Reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém! (2 Tm 4.16-18)

O líder pode falar das crises vividas no ministério, com todas as decepções que lhe são próprias, mas não reviver mágoas e ressentimentos, deixando brotar raiz de amargura que o perturbe e contamine a muitos (Hb 12.15). Ele deve continuar vivendo no pleno gozo da graça de Deus e jamais se privar dela. No caso de Paulo, ele sabia que Timóteo estava pronto para ouvir aquele relato.

Não somente os líderes mais velhos, como também os mais novos, que tiverem a oportunidade de conviver com os mais velhos, precisam ter a sabedoria de lançar apenas sementes boas no seu coração, minimizando palavras e circunstâncias que podem feri-los. A imaturidade de auxiliares pode, no afã de massagear o ego do líder decano, produzir tristeza no seu coração. Erram os auxiliares que, ao lado de líderes que já deixaram o exercício das suas funções, trazem más informações do sucessor, gerando animosidades que fatalmente afetam também a família do velho obreiro.

O líder precisa ser sábio, preservando-se emocionalmente e buscando dar semelhante proteção à sua família e àqueles que o auxiliam de perto. Deve também ter esse cuidado em relação aos demais líderes com quem convive. Não deve agir de forma manipulativa, como Acabe, que se comportou como alguém que estava esperando que lhe perguntassem o que havia acontecido. Ele, na verdade, estava em busca de piedade.

Quando sofrer derrotas, o líder deve administrar bem a situação, reconhecer os seus insucessos, levantar a cabeça. Se não está pronto, o melhor é não se arriscar a conquistas, muito menos se envolver em disputas. Ninguém vence em tudo. Não é incomum ver líderes que, quando são contrariados nos seus interesses, agem de forma a deixar nítida a sua contrariedade. Tais atitudes abrem oportunidade para os que fazem o papel de Jezabel perguntar o que aconteceu e tentar “resolver” o problema do seu próprio jeito. É uma comparação um tanto forte de ser feita, mas, no que diz respeito a esse tipo de comportamento, é preciso também ter sabedoria para lidar com os “Acabes”. Já sabendo das suas manias, talvez seja melhor nem perguntar a eles a razão do seu abatimento. Quando não, ouvi-los, porém tendo o cuidado de não se envolver a ponto de empenhar-se para buscar, a qualquer custo, dar o que eles desejam.

Não é porque o “Acabe” quer a “vinha de Nabote” que devemos ajudá-lo a tê-la. Muito menos nos valendo de expedientes errados! É melhor deixar o “Acabe” desgostoso e sem comer. Certamente, ele não morrerá por isso. Logo ele sara e descobre que nem tudo na vida é do jeito que a gente pensa e quer.

Equilíbrio Verbal

Uma das formas de detectar o desequilíbrio emocional do líder é o mau uso que ele faz das palavras, ou seja, o seu destempero verbal. A orientação de Tiago é muitas vezes ensinada, mas nem sempre seguida: “Pronto para ouvir; tardio para falar” (Tg 1.19). Além das precipitações verbais em ambientes reservados, hoje há uma grande tendência de exagerar-se nas expressões públicas. Nesses tempos de comunicação global, instantânea e rápida, somos tentados a emitir opinião sobre tudo e, para os mais conectados com as mídias modernas, lançar mão da rede mundial de computadores.

Nunca os líderes cristãos expressaram-se tanto sobre todo o tipo de assunto como se vê nos dias atuais, justamente por essa facilidade de falar ao mundo. No afã de defender a causa evangélica, há o perigo de fatos e declarações ser distorcidos por desconhecimento ou má-fé, incitando as massas desnecessariamente. São posturas que não servem para edificar.

Listas e mais listas de comentários nas redes sociais, de todas as tendências e matizes, relevam um quadro preocupante. O líder equilibrado não se expõe de qualquer jeito; pensa muito antes de manifestar o seu pensamento, principalmente em meios abertos, onde não se sabe bem com quem se está falando. Sinceramente, prefiro entender que seja boa a intenção de muitos, mas há verdadeiros excessos.

O líder precisa saber que há a necessidade de filtrar as informações na proporção que se propagam. Um senso crítico aguçado e, principalmente, sensibilidade espiritual são necessários para não fazer coro a vozes que não estão ecoando conforme o Espírito de Deus, que é a própria Sabedoria.

O líder maduro sabe que não sabe; não se sente obrigado a opinar sobre tudo; ouve muito e fala pouco. Os antigos diziam que “quem fala muito, dá bom dia a cavalo”. Geralmente, os líderes mais maduros são aqueles que têm a capacidade de participar de reuniões polêmicas sem dizer uma só palavra, salvo quando necessário.

A maturidade faz o líder entender quando ele realmente precisa falar, quando a sua palavra é imprescindível, ainda que não prevaleça. Falar na hora errada pode trazer-nos gravíssimas consequências. Não ser notado é muito melhor que ser lembrado por vexames e constrangimentos; quando não, por posições extremadas e radicais que marcarão negativamente nossa imagem. Inventar o que falar somente para dizer que falou é uma atitude imatura, que não deve ser cultivada pelo líder que realmente quer alcançar maturidade. Devemos controlar nossos arroubos.

A maturidade dá ao líder o entendimento de que, mesmo tendo razão (ou pensando tê-la), o silêncio muitas vezes é a melhor resposta. Existem circunstâncias que só mudam com o tempo, que não se alteram com nossas palavras, ainda que queiramos.

O equilíbrio emocional não significa o fim de emoções potencialmente

negativas. Ninguém está livre de experimentar reações emocionais abruptas, tendentes a provocar comportamentos inesperados. Maturidade consiste em conviver com essas emoções de forma a ter controle sobre elas, ou seja, não agir sob o seu efeito, isto é, no calor das emoções.

Intellectualidade não livra ninguém dos destemperos emocionais. Conhecimento pode contribuir para certa polidez de postura, mas não é suficiente para controlar as emoções. O pastor Israel Alves Ferreira diz no seu livro *As Emoções de um Líder*:

Um líder preparado com especialização, mestrado, doutorado e que leu todos os livros a respeito do tema, mas que seja doente emocionalmente e não consegue ter domínio próprio, nem mesmo administra suas emoções, não está preparado para uma liderança de sucesso e longa.

O líder maduro sabe discernir as boas emoções daquelas que são más, ou seja, que são tendentes a levá-lo a desvios de conduta, a falhas de comportamento, e todos sabemos o quanto uma atitude impensada pode provocar resultados negativos para qualquer pessoa, especialmente para um líder.

Não são poucos os exemplos de líderes que tomam decisões inesperadas e terminam por sofrer consequências amargas, algumas de efeitos irreversíveis. Dizer não quando era para dizer sim; dizer sim quando devia dizer não; falar quando devia ficar calado; ficar calado quando devia falar.

A Fonte do Equilíbrio

O tempo é um fator preponderante para a formação de um líder equilibrado, mas o acúmulo de experiência não garante a ninguém isenção de falhas por falta de ponderação e equilíbrio diário. Confiar em tempo de liderança isenta de falhas pode ser um erro fatal. O cuidado é diário.

Josué havia convivido com Moisés durante 40 anos pelo deserto, aprendeu aos pés de um extraordinário líder, acumulou muita experiência ao longo desse tempo, não somente pelo que passou, mas também pelo que viu toda aquela geração passar; todavia, quando foi designado por Deus para suceder Moisés, ouviu recomendações do que precisaria para conduzir-se com prudência.

Em Josué 1.8, o Senhor diz:

Não se aparte da tua boca o livro desta Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quando nele está escrito; porque, então, farás prosperar o teu caminho e, então, prudentemente de conduzirás.

Para que Josué não desviasse nem para a direita e nem para a esquerda (Js 1.7), ou seja, para que se mantivesse equilibrado nas suas decisões, deveria ter um cuidado diário.

A fonte do equilíbrio de Josué seria a Palavra de Deus. Tudo quanto Deus havia revelado a Moisés deveria ser observado por Josué todos os dias. Ou seja: nenhum acúmulo de atividade deveria tirar Josué do seu compromisso pessoal de meditar na Lei de Deus. A sua prudência viria da consciência de dependência total da revelação divina que lhe estava disponível, seguida de uma vida de contínua obediência.

Não há como ter uma vida equilibrada se nos deixarmos envolver pelo ritmo frenético da vida moderna. O muito fazer sem antes refletir à luz da Palavra de Deus e a sua vontade tira de nós a prudência necessária para uma liderança próspera. Ouvir a Deus todos os dias é a única maneira de ter uma vida equilibrada.

O sistema que o mundo criou com a propaganda de melhorar a vida humana tem trazido mais e mais inquietação e desespero. É uma agitação constante. Desde a Revolução Industrial, acelerada no século XIX, divulgou-se a chegada da tranquilidade e do bem-estar com o advento da máquina e dos muitos meios de auxílio às tarefas humanas.

É evidente que muitos inventos representaram e representam grandes revoluções

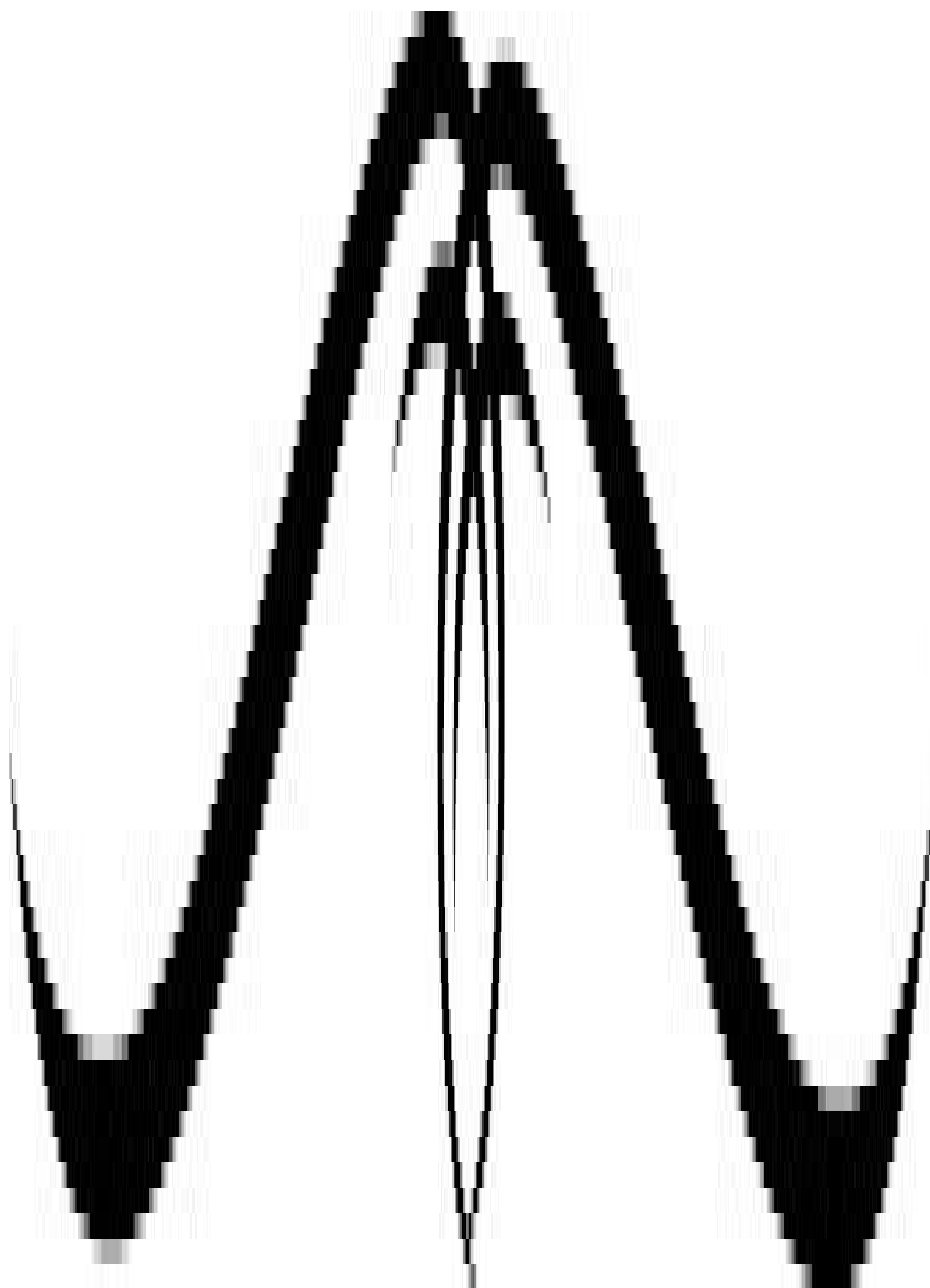
para o progresso da humanidade, mas, por outro lado, criaram verdadeiros fossos de crises nas relações humanas, com sociedades cada vez mais fragmentadas. Ninguém tem tempo pra nada. O resultado disso tudo é a prática de decisões erradas todos os dias, tomadas ao calor das emoções próprias das pressões do cotidiano.

O líder maduro aprende que, em meio a tudo isso, precisa encontrar um tempo para estar a sós com Deus todos os dias, em oração e meditação na sua Palavra, sob pena de tornar-se também um desequilibrado, um líder intempestivo, agindo sem a necessária reflexão e ponderação.

Nossas inquietações somente se vão quando “[lançamos] sobre ele toda a [nossa] ansiedade” (1 Pe 5.7). Nossa inquietude somente é vencida quando nossas petições são “em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças” (Fp 4.6). Aí vem a paz de Deus, “que excede todo o entendimento” e que guarda nossos corações e nossos sentimentos em Cristo Jesus (Fp 4.7). Só assim podemos ter equilíbrio!

x

Adquirindo uma Vida Disciplinada



Na casa de John Wesley, em Londres, chamam a atenção diversos aspectos que demonstram a vida disciplinada que aquele líder tinha. Os seus locais de estudo e oração têm destaque. Como Wesley, muitos líderes espirituais aprendem logo cedo a importância de ter uma vida disciplinada. Outros levam tempo para descobrir esse grande segredo, indispensável para obter-se verdadeiro êxito espiritual. Na verdade, não são poucos os desafios que surgem para todo aquele a quem Deus chama para o serviço cristão, e um deles é justamente atender ao chamado para uma vida disciplinada.

Deus, na sua soberania e sabedoria, dirige-nos pelos seus caminhos de forma a levar-nos a entender que precisamos viver de acordo com os planos que Ele tem para cada um de nós, e não conforme nosso padrão ou estilo próprios.

Muitas vezes, percebe-se logo cedo que não podemos viver abertos às mesmas práticas que parecem ser tão normais para tantos outros. A vida de Moisés não era a mesma dos sacerdotes, que não era a mesma dos levitas, que não era a mesma da congregação de Israel.

Tudo o que Deus faz é bom e, quando Ele requer de nós uma vida sob determinada e específica disciplina, é porque, lá na frente, o que fizermos ou deixarmos de fazer hoje terá grande relevância.

Viver uma vida disciplinada é o que nos levará a conquistar o que Deus tem para nós, enquanto que negligenciar a disciplina própria de nossa chamada imporá a nós prejuízos incalculáveis, e muitos deles com danos irreparáveis.

Paulo disse a Timóteo que ele deveria exercitar-se na piedade. Disse também que deveria persistir em ler. Falou também sobre o exercício corporal, embora naturalmente o pondo abaixo da piedade em grau de importância. De qualquer forma, não o desprezou por completo. Assim, o exercício espiritual é o mais importante, mas o líder também deve buscar preparar-se em outras áreas da vida e também não deve ter uma vida física desleixada.

Deus quer que, no geral, tenhamos uma vida estabilizada. Isaías 33.6 diz: “Haverá estabilidade nos teus tempos, abundância de salvação, sabedoria e conhecimento; o temor do SENHOR será o teu tesouro”. O texto refere-se às maravilhosas promessas de Deus para Israel que podem ser alcançadas por todos nós.

Ao pensar sobre um líder de vida disciplinar, vejo justamente a conquista das bênçãos mencionadas no citado versículo.

Estabilidade é fruto de uma vida disciplinada. O líder precisa disciplinar-se de forma a alcançar uma vida estável em todos os sentidos. Não que estará absolutamente isento de turbulências, mas é possível viver de forma estável, principalmente espiritual e emocionalmente.

Essa estabilidade é necessária para que o líder consiga desempenhar bem o seu ofício. As turbulências na vida deixam-nos em estado de alerta. O líder precisa estar tranquilo e seguro nas suas convicções a fim de poder ajudar aqueles que o procuram em estado de desespero.

Deus é quem nos leva por caminhos que nos permitem alcançar estabilidade nas diversas áreas de nossa vida. Aqui se inclui, necessariamente, a vida familiar e também a financeira.

Ao tratar do perfil do obreiro, Paulo disse que ele precisaria governar bem a sua própria casa, tendo os seus filhos em sujeição e toda modéstia (1 Tm 3.4). Ou seja: uma casa desgovernada, instável, compromete o exercício da liderança.

Nesse quesito, a parte financeira também é muito importante, principalmente porque conflitos nessa área geram muitas crises de relacionamento, além de produzir um mau testemunho para os de fora. Não são poucos os líderes que têm comprometido os seus ministérios por causa de problemas de ordem financeira.

Não se trata de cogitar que o líder terá que ter abundância de recursos para que assim esteja estável financeiramente. Aqui se aplica o que já foi abordado: a necessidade de aprender o contentamento, ou seja, viver de acordo com as suas posses. Sendo muito ou pouco o seu rendimento, a sua vida precisa ser condizente, proporcional, a fim de dar-lhe tranquilidade para exercer o seu trabalho sem comprometer a sua liderança.

Somente uma vida financeira disciplinada poderá permitir que o líder não viva de sobressaltos nessa importante área. Não pretendo estender-me em lições de administração financeira, mas uma das medidas básicas é eliminar o fiado. Compras parceladas devem ser uma exceção e, de preferência, para investimentos, e não para despesas. E os investimentos devem ser proporcionais ao padrão financeiro da família, evitando, assim, compromissos de longo prazo que não se poderá honrar.

Estabilidade Emocional

A estabilidade das emoções também dependerá de certa disciplina. Valorizar o que realmente tem valor, principalmente na área dos relacionamentos, é algo fundamental para evitar o sobe e desce das emoções.

Nesse ponto, é fundamental entender que a família é importantíssima para o líder. Nenhuma outra atividade na vida vale a pena se a família for desprezada. A Palavra de Deus é muito clara sobre isso, justamente ao dizer que, em primeiro lugar, é preciso cuidar bem da família para que se tenha êxito no ministério.

O líder precisa estar bem nutrido emocionalmente dentro da sua casa para que possa ter êxito nas suas lides diárias. Se casado, ter uma vida estável com o seu cônjuge, inclusive e especialmente no campo afetivo e sexual, será fundamental para que não apresente debilidades emocionais e termine por fracassar na sua missão de liderar.

As cargas emocionais que o líder precisa suportar no cotidiano exigem que ele esteja bem aparelhado interiormente. O seu relacionamento com o sexo oposto, por exemplo, poderá ser uma área de extremo perigo se estiver negligenciado na sua base, a família, e, especialmente, no leito conjugal.

Valorizar os filhos e tirar tempo para eles, nutrindo-se e nutrindo-os afetiva, emocional e espiritualmente é saúde para o líder. Isso lhe dará estrutura para construir relacionamentos saudáveis entre os seus liderados, podendo seguir com tranquilidade o conselho de Paulo:

Não repreendas asperamente a um ancião, mas admoesta-o como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães, às moças, como a irmãs, em toda a pureza. Honra as viúvas que verdadeiramente são viúvas. (1 Tm 5.1-3)

Estabilidade Espiritual

A estabilidade do líder também precisa ser vista na área espiritual. A alma do líder precisa estar bem. A sua comunhão com Deus precisa estar estável.

Também, aqui, o líder certamente precisará enfrentar muitos combates. São muitas as experiências de grandes homens de Deus que foram submetidos a circunstâncias das mais diversas na construção dessa base espiritual sólida para as suas vidas.

O que dizer das experiências de Lutero, John Bunyan, David Brainerd, John Wesley, Spurgeon e tantos outros. O líder não está livre de experimentar profundas crises espirituais. Muito pelo contrário! Poderá ser que as tais sejam necessárias na sua vida.

O exemplo de Paulo, que precisou receber o espinho na carne, mostra-nos que são as experiências dolorosas que nos aproximam de Deus e que nos faz mais dependentes da sua graça. Foi assim que Paulo chegou a um nível espiritual tão estável que podia dizer que tinha prazer nas fraquezas, nas angústias, nas tribulações (2 Co 12.10). Não é fácil dizer isso! Paulo alcançou tamanha estabilidade espiritual que se sentia preparado para as adversidades mais intensas, pois sabia que isso resultaria em aperfeiçoamento do poder de Deus na sua vida. Foi por isso que bradou:

Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor! (Rm 8.38,39)

Sião também teria abundância de salvação. Quando o líder alcança uma vida espiritualmente disciplinada, passa a experimentar abundância de salvação. Os benefícios da salvação passam a fluir mais intensamente na sua vida, de uma forma mais doce e radiante. Uma abundante alegria que torna o seu viver diário mais dinâmico, numa vida de serviço a Deus mais contagiante.

A disciplina também faz o líder alcançar sabedoria e conhecimento. Na maturidade, ele alcança uma capacidade sobrenatural para sair e entrar; para tomar decisões difíceis; resolver questões embaraçosas com serenidade. Finalmente, há uma correta definição de valores na sua vida: o seu tesouro passa a ser o temor do Senhor.

Tudo isso veio porque o líder alcançou, pela graça de Deus, uma vida disciplinada, exercitando-se corretamente na piedade, cuidando adequadamente da sua vida devocional, deixando de perder tempo com coisas supérfluas, não se embaraçando com negócios desta vida.

O líder disciplinado não é um ermitão ou eremita, mas também não é um bolo de festa. Ele sabe organizar a sua agenda de forma a atender os compromissos que são mais importantes para o Reino de Deus, sabendo que também glorifica a Deus estar com a sua família e ter um tempo para si mesmo, para os seus exercícios pessoais (principalmente espirituais), além de cultivar amizades que sejam edificantes.

Um líder de vida disciplinar cuida em manter somente hábitos saudáveis, corretos, que sejam condizentes com a vida cristã, em conformidade com a sua liderança. Não se dá a extravagâncias, a reuniões ou encontros que desbordem para o profano. Não se aliena da vida secular, mas também não se engaja ou milita em temas que produzam conflito. Se ele discutir política, assim o faz com civilidade e urbanidade; sem arroubos e sem paixões.

Os Conselhos de John Wesley

Um ponto em comum na biografia de todos os homens de Deus é justamente isso: a adoção de uma disciplina correta, saudável e, acima de tudo, estável.

John Wesley punha-se de pé bem cedo todos os dias, às quatro horas da madrugada. Depois do seu momento devocional, com oração e leitura bíblica, caminhava por uma hora pelas ruas de Londres. No quarto em que viveu por muitos anos, está até hoje o banquinho onde esse herói da fé ajoelhava-se para orar.

O mesmo podemos dizer de Girolamo Savonarola (1452–1498), Jonathan Edwards (1703–1758), George Whitefield (1714–1770), William Carey (1761–1834), Christmas Evans (1766–1838), Henrique Martin, Adoniran Judson (1788–1850), Charles Finney (1792–1875) e tantos outros citados por Orlando Boyer no seu clássico Heróis da Fé.

Wesley, aliás, algumas vezes escreveu sobre a importância da disciplina, como na conhecida carta a John Trembath, que transcrevo a seguir com destaques no texto:

CORK, 17 de agosto de 1760.

Meu caro irmão,

A conversa que tivemos ontem à tarde deu-me muita satisfação. Quanto a alguns boatos que ouvi (em relação a dissipar os seus haveres e ser perdulário, beber imoderadamente e comportar-se indevidamente para com os pobres habitantes de Silberton), estou convencido de que são equívocos; o que eu suponho é que conversa muito com pessoas descuidadas e insensíveis. E espero que tenha cada vez mais cuidado em relação a todos estes fatos, abstendo-se da própria aparência do mal.

Que nem sempre se aplicou à pregação quando poderia ter feito, você mesmo admitiu, mas parecia determinado a remover esta objeção, assim como a outra, de usar exercícios ou divertimentos que causavam ofensa aos seus irmãos. Creio que igualmente se esforçará para evitar conversas frívolas e levianas, e a falar e se comportar na frente de todos com aquela seriedade e oficiosidade que convém a um pregador do Evangelho. Claramente, alguns anos atrás, você estava vivo para Deus. Você experimentou a vida e o poder da religião. Não será que Deus pretende que as provações às quais se sujeitou não o trouxessem de volta a isto? Você não pode ficar parado; você sabe que isto é impossível. Você deve avançar ou retroceder. Ou deve recuperar esse poder, e ser um cristão completo, ou em pouco tempo não terá nem poder nem aparência, dentro ou fora. Radicalmente contrário a ambos é essa capacidade de ridicularizar os outros, torná-los

insignificantes, por expor suas reais ou supostas fraquezas. Isto eu seriamente aconselho você a evitar. Prejudica você, prejudica os ouvintes, e enormemente prejudica aqueles que são assim expostos, e tende a torná-los seus inimigos irreconciliáveis. Algumas vezes também tem sido traído por falar o que não era exatamente verdadeiro. Ó, acautele-se disto acima de tudo! Nunca aumente, nunca exagere alguma coisa. Seja inflexível no apego à verdade. Seja exemplar nesse ponto. O que quer que tenha sido no passado, que todos saibam agora que John Trembath abomina a mentira, que ele nunca promete algo que não cumpre, que sua palavra equivale a um compromisso. Peço que seja diligente nisto. Seja exemplo de verdade, sinceridade e simplicidade religiosa.

O que tem lhe prejudicado excessivamente nos últimos tempos e, temo que seja o mesmo atualmente, é a carência de leitura. Eu raramente conheci um pregador que lesse tão pouco. E talvez por negligenciar a leitura, você tenha perdido o gosto por ela. Por esta razão, o seu talento na pregação não se desenvolve. Você é apenas o mesmo de há sete anos. É vigoroso, mas não é profundo; há pouca variedade; não há sequência de argumentos. Só a leitura pode suprir esta deficiência, juntamente com a meditação e a oração diária. Você engana a si mesmo, omitindo isso. Você nunca poderá ser um pregador fecundo nem mesmo um crente completo. Vamos, comece! Estabeleça um horário para exercícios pessoais. Poderá adquirir o gosto que não tem; o que no início é tedioso, será agradável, posteriormente. Quer goste ou não, leia e ore diariamente. É para sua vida; não há outro caminho; caso contrário, você será, sempre, um frívolo, medíocre e superficial pregador. Faça justiça à sua própria alma; dê-lhe tempo e meios para crescer. Não passe mais fome. Carregue a sua cruz e seja um cristão no verdadeiro sentido da palavra. E então, todos os filhos de Deus se regozijarão (e não se afligirão) consigo; e, particularmente,

Atenciosamente, etc.

John Wesley

Wesley faria o mesmo em outras cartas, como a Lady Maxwell (5 de julho de 1765), na qual falou inclusive sobre exercícios físicos e outros hábitos

necessários para uma boa saúde:

Você deve de qualquer modo tomar bastante ar e fazer exercícios o quanto puder. E devo aconselhá-la (muito embora o velho hábito torne isso difícil, se for o seu caso) a dormir o mais cedo possível; não mais do que às dez horas para que possa se levantar o mais cedo que a saúde o permitir. Uma assim chamada boa disposição, ou o contrário, depende muito disso. Creio que os remédios serão de pouco benefício; você precisa apenas de uma dieta adequada, regularidade e exercício constante, com a bênção de Deus.

O próprio Wesley, como já disse, caminhava por uma hora todas as manhãs e era muito metódico quanto à sua necessidade de descanso. O resultado foi que, ao completar 88 anos, escreveu: “Durante mais de oitenta e seis anos não experimentei qualquer debilidade da velhice; os olhos nunca escureceram, nem perdi o meu vigor”.

Em um mundo tão agitado como o nosso, somente uma vida disciplinada irá proporcionar-nos vigor espiritual, físico e emocional, evitando o estresse que acomete a sociedade pós-moderna. E assim seremos mais úteis para Deus, para nossa família e para todo o povo do Senhor.

Disciplina com a Tecnologia

Um dos grandes desafios para os líderes desses tempos frenéticos está ligado ao uso dos recursos tecnológicos, que nasceram com a proposta de assegurar à humanidade um aproveitamento do conhecimento científico em todas as áreas da sua vida, inclusive pessoal. Aliás, são para as demandas individuais que tais meios mais são empregados.

Já faz alguns anos que o Brasil tem mais celulares ativos que o seu número de habitantes, numa prova de como esse aparelho popularizou-se sem qualquer outro precedente na história. Nos anos 90, o celular servia somente para a

comunicação auditiva. Era o simples fazer e receber chamadas. Com a popularização da Internet, especialmente a partir do ano 2010, chegamos aos tempos em que o celular tornou-se um aparelho de múltiplo uso.

Com todas essas facilidades de comunicação, dentre tantas outras, vem uma série de desafios, principalmente ligados à racionalização do tempo e o estabelecimento de prioridades. Ter uma rotina diária íntegra, não sacrificada em função dos meios de comunicação, não é tarefa fácil.

Para o líder cristão, o segredo não é ignorar ou recusar a tecnologia, mas fazer uso dela de forma disciplinada. Hoje já não se tem acesso a muitos serviços públicos e privados se não for através da Internet. Além desses usos comuns a todos os cidadãos, o líder cristão pode usar a tecnologia para o seu crescimento espiritual e intelectual e a favor do Reino de Deus.

Dentre os muitos exemplos que poderiam ser citados, o pastor David Yong Cho, em palestra a pastores nos Estados Unidos, disse que dedicava diariamente parte das suas manhãs para comunicar-se com os milhares de membros da sua igreja através da Internet. Por esse meio, ele buscava atender as suas necessidades espirituais de forma individual, principalmente porque não poderia ter um contato direto com tanta gente de outra forma.

O grande risco, contudo, é ser seduzido por esses meios, especialmente a Internet, e descambar para o pecado, seja a pornografia, sejam relacionamentos impuros.

Wayde Goodall cita diversas fontes americanas que dão conta do “aumento do número de casos amorosos extraconjugais no mundo virtual que está destruindo casamentos estáveis”. Citando a psicóloga Kimberly Young, Goodall destaca como fatores “o anonimato e a conveniência da Internet, bem como a fuga das tensões da vida diária propiciada [pela rede]”.

“Os homens tendem a ser visuais; e como resultado, é típico olharem fotos na Internet. As mulheres tendem a ser emocionais, e assim envolvem-se em ‘salas de bate-papo’”, diz Goodall, acrescentando: “As tentações da Internet não irão embora. A única maneira de garantir que não nos envolveremos nesse tipo de pornografia é estabelecer limites em nossa vida”.

Embora isso não seja exclusividade dos Estados Unidos, todos sabemos que, na sociedade americana, muitos líderes têm estado fortemente envolvidos em

escândalos sexuais. O número deles também se multiplica no Brasil.

A Internet, especialmente agora que está em todo e qualquer celular, exerce uma forte influência no crescimento desse número. Ainda citando Yong, Goodall analisa esse fator a partir da constatação de que “casos emocionais desenvolvem-se rapidamente, em poucos dias ou semanas, via Internet, algo que poderia levar um ano para acontecer no escritório”.

De fato, os contatos virtuais têm um forte poder de aproximar as pessoas emocionalmente, insinuando um clima de envolvimento que dificilmente poderia aflorar-se tão rapidamente por meio de um contato pessoal direto.

Uma das coisas que o líder precisa saber é que quem tem muito tempo para dedicar-se à Internet é porque está vivendo, no mínimo, certa ociosidade, ou, talvez, apatia, solidão, dependência emocional. Pessoas ocupadas, que têm foco definido na vida, dificilmente têm horas e mais horas vagas para dedicar às redes sociais todos os dias.

Incauto é o líder que se descuida das suas tarefas, dos seus objetivos diários, das suas prioridades e passa a comportar-se como um adolescente, encantado pelas muitas novidades que os meios modernos de comunicação proporcionam.

Estabelecer uma escala de prioridades na vida diária permitirá que o líder tenha uma disciplina voltada para os seus alvos. Ter objetivos definidos no uso da Internet, por exemplo, é fundamental para o líder não se ver navegando sem rumo, sujeito a encontrar o que não estava procurando.

Planejamento Saudável

Não devemos estabelecer uma rotina diária rígida como uma forma de obrigação, sob pena de ver-nos lutando com as armas da carne. Criar um código de normas pessoais pode produzir um mero legalismo. A vida no Espírito não combina com isso.

Ter um planejamento pessoal saudável é extremamente importante, onde haja tempo para estar a sós com Deus, para uma vida de qualidade em família, para

leituras edificantes e instrutivas, para o serviço cristão específico, para as lides do trabalho secular (para aqueles que, como eu, não servem em tempo integral), para o cultivo de boas amizades e também para o cuidado das necessidades do corpo, inclusive exercícios físicos e um tempo reservado para o sono.

Goodall cita pesquisa feita por Howard Hendricks, professor do Seminário Teológico de Dallas, que estudou 237 casos de homens cristãos que sofreram fracassos morais. Ao perguntar-lhes sobre as ocasiões mais propensas para a tentação, ouviu como principais respostas duas que confirmam a importância da disciplina. Oitenta e um por cento de probabilidade dá-se “Quando você não passa tempo com Deus”, e cinquenta e sete por cento “Quando você não descansou o suficiente”.

A pesquisa ainda apontou que, depois de uma vitória importante, há 37% de probabilidade de deparar-se com a tentação. Davi estava vivendo justamente um tempo de muitas vitórias (2 Sm 8.9,10). Era tempo de os reis saírem para a guerra, mas ele ficou no palácio. Ocioso, tornou-se vulnerável. Foi facilmente atraído pela beleza de Bate-Seba, que era “mulher mui formosa à vista” (2 Sm 11.2).

O rei estava passeando no palácio, quando a disciplina inerente ao seu cargo importava que tivesse no campo de batalha. Já Urias, marido de Bate-Seba, mostrou-se um homem extremamente disciplinado, pois não abriu mão do seu senso de dever, ainda que o rei, que deveria ser o exemplo, insistisse com ele em sentido contrário (2 Sm 11.8-13).

Não tinha jeito. Nada fazia aquele homem abrir mão da sua disciplina, como homem de guerra que era. Era tempo de guerra, e, mesmo longe do front, ele comportou-se como um verdadeiro soldado, recusando terminantemente descer à sua casa e deitar-se com a sua mulher.

A arca, e Israel, e Judá ficam em tendas; e Joabe, meu senhor, e os servos de meu senhor estão acampados ao campo; e hei eu de entrar na minha casa, para comer e beber e para me deitar com minha mulher? Pela tua vida e pela vida da tua alma, não farei tal coisa. (2 Sm 11.11)

É extraordinária, sem dúvida, a postura disciplinada de Urias, o que tornou o pecado de Davi ainda mais horrendo. O seu soldado deu a ele verdadeiro exemplo de disciplina, como que denunciando que o pecado do seu rei deu-se justamente porque preferiu estar na hora errada e no lugar errado. Há o momento do descanso, mas há o momento da atividade, da batalha. São distintos e não podem ser invertidos.

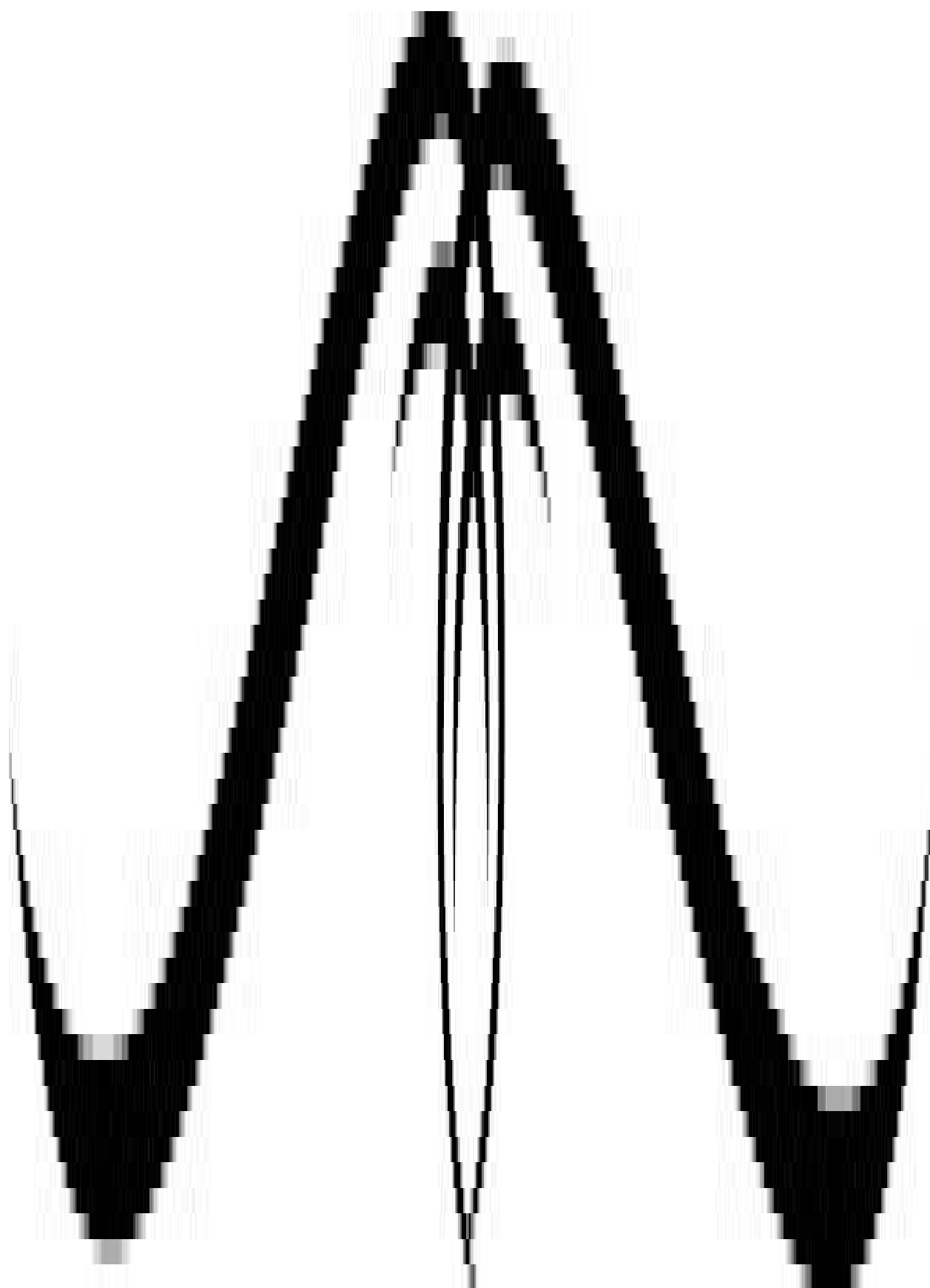
Os tempos de conquistas não devem roubar do líder o seu espírito de vigilância e prontidão. Ele não pode dar-se por satisfeito antes do tempo; precisa continuar ativo enquanto essa for a sua missão como líder; precisa buscar em Deus entusiasmo para continuar crescendo espiritualmente e em outras áreas da sua vida, nas quais o desenvolvimento intelectual também é importante, como parte da sua preparação para o exercício do ministério.

A necessidade de disciplina é aplicada aos líderes de todas as épocas e de todas as idades. Fico pensando como, ainda na primeira metade do século XX, um Samuel Nystron (1891–1960) conhecia oito idiomas! Segundo o seu biógrafo, Samuel Nelson, Nystron, além do sueco, falava inglês, francês, alemão, espanhol e português, e tinha significativo conhecimento do hebraico e do grego. Spurgeon, além de pregar centenas de sermões, escrevia quatro livros por ano.

Líderes disciplinados não param de crescer e produzir; são como a palmeira e o cedro no Líbano, referidos no Salmo 92: “Os que estão plantados na Casa do SENHOR florescerão nos átrios do nosso Deus. Na velhice ainda darão frutos; serão viçosos e florescentes” (vv. 13,14).

xi

Amar sem Ser Amado



O líder não pode ser tão imaturo a ponto de precisar viver sendo bajulado. Todos gostamos de ser bem tratados, mas, quando dependemos de alguém sempre afagando nosso ego, é sinal de que existe uma debilidade emocional; talvez uma doença emocional, às vezes crônica. O líder, aliás, precisa ser exercitado em sentimentos mais nobres. Precisa rogar a Deus que gere dentro dele o verdadeiro amor, a maior de todas as virtudes do cristão. Se é verdade que o líder é alvo de manifestações de carinho e amor em muitos momentos, em outros ele é tratado com indiferença, aspereza e ingratidão. É nessas horas que ele mais precisará estar cheio de amor no coração para poder suportar tudo sem perder o equilíbrio.

É evidente que o papel dos liderados é amar e honrar os seus líderes, mas é justamente a natureza humana hostil que leva muitos de nós a não agir dessa forma. O líder maduro sabe que isso é próprio do homem desde a Queda e não desistirá de amar mesmo assim.

Focos de desamor poderão ser criados pelo adversário para entristecer o líder e tentá-lo a reações duras, impondo o seu poder como autoridade. O líder, porém, deve ter maturidade para controlar tais sentimentos.

O líder não pode ser iracundo, viver reclamando e expressando as suas insatisfações. Deve alegrar-se e agradecer por quem coopera com ele e não murmurar por causa daqueles que não o ajudam. Deve agradecer aos que vieram atender o seu chamado e não gastar o tempo criticando quem não está presente.

A falta de amor é manifesta muitas vezes no púlpito com desabafos desnecessários, reflexo de um sentimento de frustração que perturba o líder. Somente um coração cheio de amor fará com que o líder supere tudo isso.

Paulo e os Coríntios

Chama-nos a atenção o que Paulo disse à Igreja de Corinto: “Eu, de muito boa vontade, gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado” (2 Co 12.15). Sabemos quantos

problemas Paulo teve com a Igreja de Corinto; como os coríntios resistiam a ele e contestavam o seu apostolado. Paulo, todavia, não tinha qualquer ressentimento. Pelo contrário: amava os coríntios cada vez mais, ainda que isso importasse em ser menos amado.

O líder maduro está habilitado para não se frustrar diante do desamor que enfrentar na igreja ou instituição que dirija, evitando entrar em crise e afetar também a sua família. Não é simplesmente o caso de esconder os seus sentimentos, mas de superar eventuais crises de relacionamento com base no amor. É o próprio Paulo que diz: “O amor [...] tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Co 13.4,7).

Paulo chegou a dizer que aos apóstolos era dispensado tratamento como se fossem “lixo deste mundo e como a escória de todos” (1 Co 4.13). Isso, porém, não fez com que o seu coração ficasse endurecido. Ele revela mais ainda o seu amor por aquela igreja em 2 Coríntios: “Porque, em muita tribulação e angústia do coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que conhecêsseis o amor que abundantemente vos tenho” (2 Co 2.4). Ou seja: as hostilidades que Paulo sofreu da parte dos coríntios não diminuiu o seu amor por eles. Ao contrário: só aumentou.

O coração do líder deve estar preparado para não se ferir diante de manifestações de desprezo, de críticas, de menosprezo. Ele precisa estar amadurecido o suficiente para, diante dos quadros mais agudos, orar sinceramente em favor de quem o hostiliza, como fez Jesus: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Ademais, o cumprimento do mandamento dá-se não quando amamos quem nos ama, mas quando amamos quem não nos ama (Mt 5.46; Lc 6.32). Se cumprir esse mandamento é dever de todo cristão, quanto mais do líder, que deve ser exemplo em tudo!

Não há como produzir bons frutos no Reino de Deus sem amor. O exercício do serviço cristão não pode ser baseado nas premissas seculares, que dispensam o envolvimento interior, a compaixão, a misericórdia. O pragmatismo frio pode até gerar resultados, mas não serão eficazes e duradouros. Não resistirão ao fogo de Deus. São como madeira, feno e palha (1 Co 3.12).

Obras duradouras, feitas com ouro, prata e pedras preciosas, demandam o emprego de um verdadeiro amor, nos moldes das lições transmitidas por Paulo à Igreja de Corinto. Trata-se de um amor sofredor, paciente, benigno.

Agradar ou Amar?

A falta de entendimento quanto a essa faceta da vida do líder pode levá-lo a querer conquistar o amor do povo com os seus próprios méritos. Acontece que a preocupação do líder cristão não deve ser que ele seja amado pelo povo, mas que ele ame o povo. Isso o levará a fazer o que é certo, a realizar a vontade de Deus, ainda que isso contrarie o povo.

É evidente que não estou dizendo que o líder deve viver desprezando o amor dos seus liderados. Não deve desprezar, mas também não deve buscá-lo por si mesmo. O caminho para ser amado pelo povo passa indispensavelmente pela estrita obediência à vontade de Deus.

Quando o líder vive em busca de agradar ao povo e por ele ser recompensado, criam-se rebanhos mal acostumados, que não crescem espiritualmente — incham, mas não crescem. Estabelece-se uma espécie de acordo tácito entre líderes e liderados. Um agrada o outro, e nenhum deles cumpre os desígnios de Deus.

Saul era um líder preocupado com o sentimento do povo para consigo. Ele vivia preocupado com a estima do povo por ele, e foi justamente isso que o levou à tragédia. Dois episódios principais demonstram isso na vida de Saul. O primeiro foi quando resolveu por conta própria oferecer holocausto. Samuel demorava a chegar, e o povo começou a abandonar Saul e ir embora. Foi quando ele resolveu fazer o papel de sacerdote e, depois de tudo, tentou justificar-se: “[...] via que o povo se espalhava de mim, e tu não vinhas nos dias aprazados” (1 Sm 13.11). A resposta de Samuel foi enfática:

[...] Agiste nesciamente e não guardaste o mandamento que o SENHOR, teu Deus, te ordenou; porque, agora, o SENHOR teria confirmando o teu reino sobre Israel para sempre. Porém, agora, não subsistirá o teu reino; já tem buscado o SENHOR para si um homem segundo o seu coração [...]. (1 Sm 13.13,14)

Está tudo muito claro aqui: Saul ignorou o mandamento de Deus por causa do povo que se afastava dele. Ou seja: ele só pensou em si mesmo, na sua própria estima, e não em obedecer e honrar a Deus. O resultado foi que ele teve a perda do reino decretada.

O Perigo do Populismo

Os líderes cristãos precisam saber que, no Reino de Deus, não funciona a democracia — o governo do povo —, mas a teocracia — o governo de Deus. Pode parecer dura a primeira expressão, mas é uma verdade inexorável. Não é a vontade do povo que prevalece na Igreja de Jesus, mas também não é a do líder. Não se trata de uma democracia, mas também não se trata de uma ditadura. O governo pleno e soberano é de Deus. De nada adiantará ao líder ter o povo junto de si se Deus decidir tirar-lhe o reino.

Um segundo episódio expôs mais uma vez a dependência que Saul tinha do populismo, do apelo popular. Através de Samuel, Deus mandou Saul destruir totalmente os amalequitas e tudo quanto tinham. Não era para deixar vivo nem mesmo um animal sequer (1 Sm 15.1-3).

Sabemos bem o que Saul fez: mais uma vez, ele poupou parte do rebanho por causa do povo. Quando Samuel perguntou a ele sobre as ovelhas e vacas que trouxera, respondeu: “De Amaleque as trouxeram; porque o povo perdoou ao melhor das ovelhas e das vacas, para as oferecer ao SENHOR, teu Deus; o resto, porém, temos destruído totalmente” (1 Sm 15.15). Novamente, Samuel expõe a reprovação de Deus a Saul:

[...] Eis que obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor é do que a gordura de carneiros. [...] Porquanto tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei. (1 Sm 15.22,23)

É inequívoca a falta de maturidade de Saul e a sua inclinação em agradar ao povo, pois, depois de ouvir a sentença de Deus, ainda tentou justificar-se expondo justamente a sua fragilidade emocional: “Pequei, porquanto tenho traspassado o dito do SENHOR e as tuas palavras; porque temi o povo e dei ouvidos à sua voz” (15.24).

Novamente, a inclinação que Saul tinha pelo apreço popular em detrimento da vontade de Deus fica nítida quando insiste com Samuel para que o honre diante do povo: “Pequei; honra-me, porém, agora diante dos anciãos do meu povo e diante de Israel” (15.30).

É impressionante como a imaturidade de Saul não o permitiu entender que de nada valia estar de bem com o povo se estivesse em confronto com a vontade de Deus. Da mesma sorte, como líderes corremos sérios riscos de pecar contra Deus no afã de agradar ao povo e conservar o seu apreço.

Quando o líder vive para agradar ao povo e pensando em si mesmo, Deus não tardará em reprovar o seu ministério e levantar outro no seu lugar que cumpra os seus propósitos. O líder que dirige o povo para os seus próprios fins usurpa a glória de Deus — e isso não fica impune.

O líder deve viver para servir o povo, e não para agradá-lo. É evidente que isso não importa em dispensar um tratamento duro aos liderados, justamente porque o seu serviço deve ser pautado no amor. Não será um relacionamento doentio, mas sadio, na direção de Deus.

O líder deve ouvir o povo, porém decidir de acordo com a voz de Deus. Quando está preocupado em ser amado, busca atender logo a demanda do povo — como Arão, que construiu o bezerro de ouro —, mas, quando ama realmente o povo, ainda que não seja amado, não ousa construir para o povo nada que contrarie a vontade de Deus. Esse líder não segue tendências; ele ouve a Deus. Não se move por pesquisas de opinião, mas aguarda e segue a orientação de Deus.

Nas lides seculares, as lideranças em geral agem conforme a grita do povo. Os protestos pautam as decisões dos líderes que vivem dependendo da sua popularidade. O homem de Deus não cede às pressões do povo, como fez Arão (Êx 32.1-6). Como diz Donald Stamps:

Arão, um alto dirigente espiritual de Israel, infringiu as normas de conduta estabelecidas por Deus a fim de agradar o povo ao qual servia. Cedeu diante das pressões ímpias dos israelitas e violou o segundo mandamento. (Bíblia de Estudo Pentecostal, p. 169)

Por isso, “Deus se irou muito contra Arão para o destruir”, o que somente não ocorreu pela intercessão de Moisés (Dt 9.20).

Resistindo às Pressões

Diferentemente de Arão, Moisés ficava firme diante das insurgências do povo, esperando orientação de Deus para agir, ainda que sob temor de apedrejamento (Êx 17.4).

É evidente que os líderes precisam trabalhar para dirimir os conflitos, só que atender igrejas que vivem batendo o pé alimenta a rebeldia. Os insurgentes sabem que basta serem levantados para que o líder seja substituído. Eles aprenderam a técnica da pressão. A liderança madura precisa identificar isso e agir com firmeza, esperando que a solução do conflito não seja mais um arranjo humano. Deus tratará com os insurgentes.

Moisés jamais tinha um discurso populista para apaziguar a situação. Ele não corria a pôr panos quentes, a barganhar a verdade para atender os revoltosos. Ele sempre esperava em Deus e aplicava as medidas que recebia dEle para cada situação.

O que mais se via em Moisés era uma profunda disposição de interceder pelo povo (Dt 9.21-29). Na verdade, não há como liderar sem amar, pois como poderá esse líder comparecer diante de Deus por aqueles que não ama? A sua intercessão será ineficaz. O líder precisa ter os liderados no seu coração.

É justamente por isso que o líder precisa ser treinado por Deus em situações que o privem do amor dos seus liderados para saber se, ainda assim, abre mão dos seus próprios recursos e mantém-se firme cumprindo a vontade de Deus. É

terrível quando o líder, por não entender isso, ou cede às paixões e pressões do povo ou se ira contra ele, o que também será reprovado por Deus.

O tempo de prova do líder sendo rejeitado pelo povo — em maior ou menor grau — precisa ser cumprido por ele com firmeza. Ele não pode desviar-se nem para a direita nem para a esquerda. Precisa permanecer firme, aguardando o tempo certo em que ele será honrado por Deus.

O líder não pode liberar tudo em favor do povo (ir para a direita), mas também não pode endurecer-se contra o povo (ir para a esquerda). Precisa continuar amando-o, ainda que sofrendo calado. Somente na presença de Deus ele encontrará o consolo necessário para superar as fases dessa natureza.

Ler hoje o texto de 1 Samuel e entender que Saul deveria ter aguardado a Samuel, mesmo que o povo fosse dispersado, não é difícil. O difícil é concordar que, em muitas situações, a aparente ou concreta diminuição do rebanho terá que ser suportada pelo líder como condição para ser aprovado por Deus. Nossa tendência é logo concluir que o espalhamento do povo é sinal de reprovação de Deus, e nem sempre isso é verdade!

Forjados na Família

O lugar por excelência para forjar líderes que saibam amar é a família. Muitas das grandes crises na liderança, com líderes que amam coisas e usam pessoas, são um reflexo das crises familiares.

O berço do líder influencia-o a vida toda. Não há como dissociá-lo do seu histórico familiar. Existem, é claro, muitas histórias de superação, mas o processo natural de formação de líderes conta com o apoio daqueles que o lançam para o mundo. Somos como “flechas na mão do valente” (Sl 127.4). Alguém nos lançou de alguma forma e para algum alvo.

É claro que não foi sem uma razão de extrema importância que Deus preparou tudo para que Moisés fosse criado justamente pela sua própria mãe, no ambiente da sua família (Êx 2.7-9). A ternura do seu lar e a identificação com os seus fez

com que Moisés crescesse amando o seu povo.

O resultado disso foi manifesto quando, já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó e escolheu ser maltratado com o seu povo, rejeitando os prazeres do Egito (Hb 11.24,25). Como já vimos antes, mais tarde, no deserto, mesmo hostilizado pelos seus próprios irmãos, ele comparecia diante de Deus como um verdadeiro intercessor, de coração terno e amável.

O amor de Moisés pelo povo era tanto que o levou a admitir o seu próprio detrimento em pedido de perdão a Deus pela congregação de Israel: “Agora, pois, perdoa o seu pecado; se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito” (Êx 32.32).

A importância da formação do líder no seu seio familiar também é destacada por Paulo. O apóstolo entendia que o amor aprendido no lar servia de parâmetro para o cuidado dos liderados.

A Timóteo escreve: “Não repreenda asperamente os anciãos, mas admoesta-os como a pais; aos jovens, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, em toda a pureza” (1 Tm 5.1.2). Fica evidente que uma boa experiência familiar prepara o coração do líder para amar. Se o líder teve um berço cheio de amor, saberá como tratar aos anciãos (como a pais), aos jovens (como a irmãos), às mulheres idosas (como a mães) e às moças (como a irmãs). Essa referência era aplicada a Timóteo, por ser ainda jovem, mas aplica-se a todo e qualquer líder, sendo o tratamento correspondente à idade de cada um.

O líder que não teve tal estrutura familiar precisará receber tais parâmetros de relacionamento de alguma outra forma. A falta deles produz sérias crises entre líderes e liderados. Infere-se que Timóteo teve essa base (At 16.1,2; 2 Tm 1.5). É muito provável que isso tenha contribuído muito para que ele fosse um homem de lágrimas (1 Tm 1.4), que tinha profundo amor pela igreja (Fp 2.19-22).

O aspecto terno e gentil de Timóteo foi muito enfatizado por Paulo, que deu testemunho de que ele servia-o “como filho ao pai” (Fp 2.22), numa outra clara demonstração da importância do parâmetro dos relacionamentos familiares.

Não há, portanto, como desprezar o valor da base familiar, até mesmo para que possamos entender a razão de tantos conflitos no âmbito da liderança. Como já disse, nossas experiências do lar — boas ou ruins — afetam nossa vida em todas as demais áreas.

Não adianta “forçar a barra” como líder se ainda estamos envolvidos em tantos conflitos em nossos vínculos familiares. Liderança não representa uma fuga dos problemas que tenhamos gerado dentro de nossas casas.

Jacó viveu 20 anos nas terras de Labão, mas um dia precisou voltar e fazer as pazes com o seu irmão, Esaú (Gn 31.38; 33.1-17). Precisou ficar só no vau de Jaboque e lutar com Deus para adquirir a sua bênção (Gn 32.1-30). Os presentes que havia enviado para Esaú não fizeram efeito algum no irmão (Gn 33.8,9). Foi a bênção de Deus que assegurou que a paz voltasse a reinar entre eles e Jacó fosse liberado para prosseguir a sua vida rumo aos propósitos de Deus. Após o encontro com Esaú, Jacó pôde ir para Sucote, que significa “em paz” em hebraico.

Os 20 anos vivendo em Harã não foram suficientes para pôr fim ao conflito que Jacó tinha com o seu irmão. Deus precisava submetê-lo a um processo específico de restauração.

Ir para a liderança com problemas familiares não resolvidos simplesmente opera uma transferência de problemas. Não adianta sermos superficiais e ignorarmos essa verdade. O líder não precisa ter um ministério para que a família vá bem, mas precisa que a família vá bem para que tenha um ministério.

Tanto assim o é que Paulo chega a estabelecer como parâmetro indispensável para o líder que tenha ele uma vida em família bem resolvida e administrada. Em 1 Timóteo, está escrito que o líder (ali se referindo ao bispo) deve ser “marido de uma mulher” (3.2), “que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia” (3.4). E explica a razão de tal exigência: “Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?” (3.5).

Ao analisar como deve esse marido e pai governar a sua casa, vemos, sem dúvida, que a principal virtude que é preciso ter é o amor (Ef 5.25; 6.4). Somente nessa escola básica e fundamental do amor — o lar — poderá o líder aprender a nobre lição de amar independentemente das circunstâncias.

Não há curso de liderança, por mais eficaz que seja, que assegure ao líder esse excelente aprendizado. Um aprendizado, aliás, que está não somente acima das técnicas, do conhecimento e dos talentos, mas também dos próprios dons espirituais. É o caminho mais excelente de que falou Paulo (1 Co 12.31; 13.1-

10).

Estou convencido de que o pouco valor que hoje se dá ao lar tradicional é um dos maiores motivos para o aprofundamento das crises na liderança. A falta de Anrão e Joquebede pode impor sérios desvios na vida de Moisés, fazendo com que cresça mais amante das coisas desta vida que das coisas de Deus. Quando não, poderá até desejar exercer liderança no Reino de Deus, porém com a motivação incorreta.

Por sua vez, se Moisés conviver somente com Anrão e Joquebede, Arão e Miriã, terá o parâmetro ou modelo de pais e irmãos, mas faltará ainda o parâmetro de esposa e filhos. Assim, ele também precisa de Zípora, Gérson e Eliézer (mulher e filhos de Moisés) (Êx 18.2-4).

Esse líder foi muito bem forjado para amar, pois passou 40 anos aprendendo a ser filho e irmão, e outros 40 aprendendo a ser marido e pai.

O Exemplo de Lutero

A importância do casamento da vida do líder também foi exaltada por Martinho Lutero, a despeito das hostilizações que sofreu da Igreja Católica. Casado com Catarina von Bora, o reformador teria dito em resposta aos críticos: “Um ano de casamento me santificou mais do que dez anos de monastério”. O escritor alemão Helmar Junghans (1931–2010) escreve:

Quem se ocupa com o ensinamento de Lutero quanto ao casamento depara-se rapidamente com sua ênfase no casamento como estado instituído pelo próprio Deus. O casamento é o estado mais distinto e compreende a economia de uma grande família. O próprio Deus o ordenou, enquanto o estado monástico foi ideado pelo ser humano e não tem promessa. Em uma família existem relações de reciprocidade entre seus membros, as quais conferem a cada um suas tarefas descritas na Sagrada Escritura, mas também assistência e amor. Disso resulta para cada cristão a vocação de prestar sua contribuição correspondente à vontade

de Deus, que desta forma conserva sua criação e leva os seres humanos à fé. Catarina e Martinho esforçaram-se para cumprir suas tarefas no estado matrimonial instituído por Deus.

Conforme Junghans, a visão e os ensinamentos de Lutero sobre o matrimônio (inclusive como consta de seus Artigos de Esmalcalde) eram no sentido de que o casamento “faz parte do ministério da pregação”, que seria um estado em que proporciona ao cristão uma vida de milagres, “porque nele convivem pessoas que conseguem libertar-se de si mesmas”.

O que esse teólogo alemão enfatiza a partir da visão de Lutero é justamente o fato de que o casamento proporciona-nos oportunidades de vivermos experiências com Deus a partir de uma vida de maior dependência dEle. Como diz Junghans, o casamento confere-nos alegria decorrente da “confiança de que o próprio Deus instituiu o matrimônio [e que Ele] providenciará seu sustento, no plano material e no plano espiritual”. Segundo Junghans,

Lutero denunciou muitas vezes que o medo de casar é expressão de descrença, falta de confiança na providência de Deus. E não só isso. Deus inclusive apoia com suas forças o matrimônio, de modo que nele acontecem milagres [...].

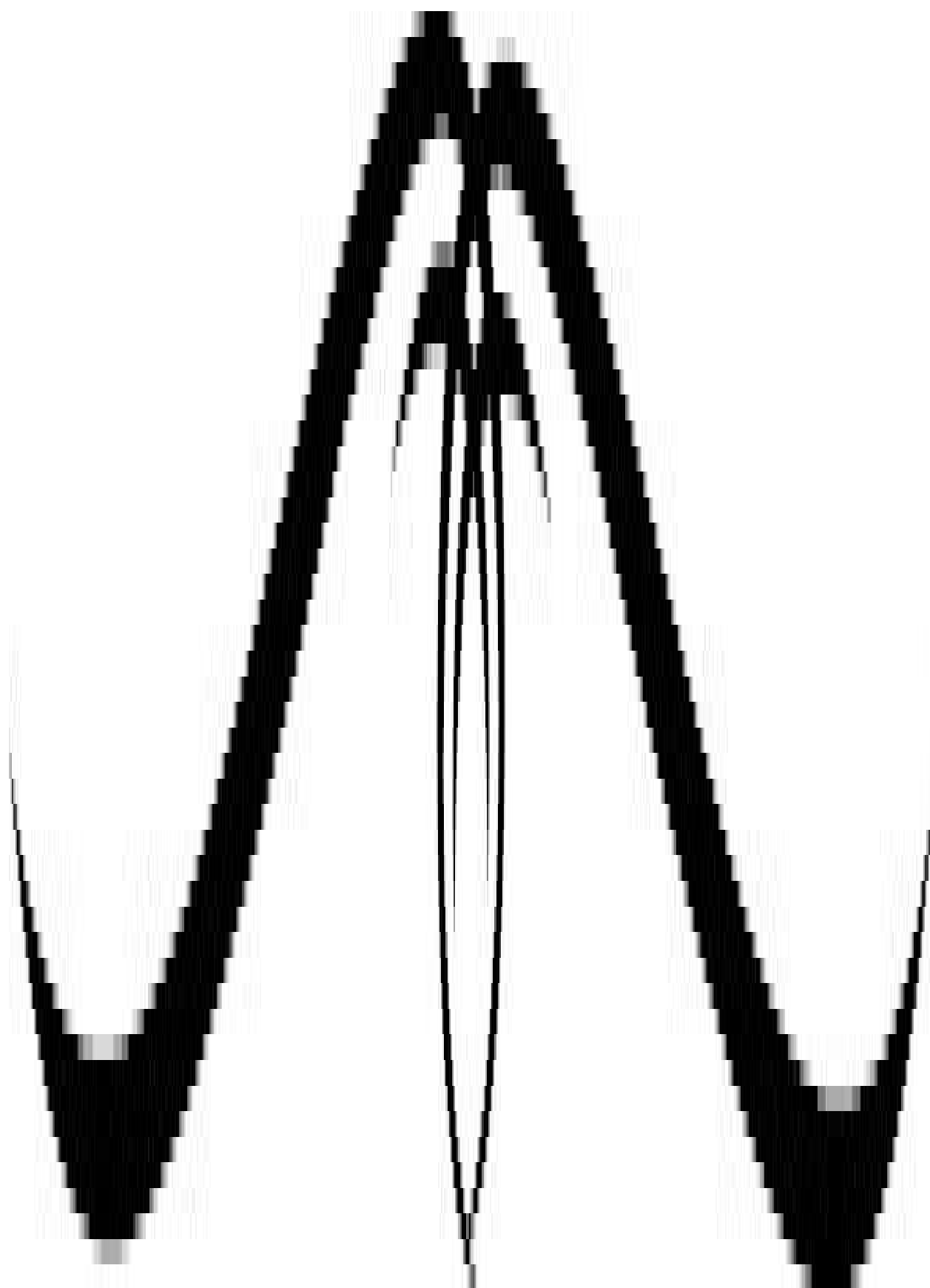
Corroborando o pensamento de que a experiência do casamento e da constituição de uma família é fundamental para a formação de um líder, servindo como verdadeira base de formação para o seu exercício cristão, Junghans ainda diz:

Em todo caso Lutero está convencido de que lá onde cônjuges experimentam seu matrimônio como instituição divina, onde louvam e enaltecem a Deus por isso, ali existe verdadeira Igreja — em última análise, reino de Deus.

De forma que, independentemente do histórico de vida que tenhamos, Deus tem o poder de transformar-nos e infundir em nós o seu amor para que aprendamos não somente a amar aqueles que nos amam, mas, acima de tudo, a amar sem ser amado.

XI

Não se Iludindo com o Intelectualismo



Uma crítica mordaz ao tradicionalismo costuma levar-nos a rejeitar tudo o que está ligado à tradição e considerar anacrônico o “sistema” religioso a que estamos ligados. Isso geralmente se acentua com o conhecimento da cultura geral e com o contato com literaturas modernas que confrontam o status quo da religião institucional.

A leitura de textos “avançados” sempre representou um perigo para qualquer um, especialmente para os crentes que conheceram a Jesus em ambientes muito simples, ouvindo pregadores praticamente iletrados. Ah, como esses irmãos tornam-se presas fáceis do intelectualismo quando seduzidos pelas chamadas teologias modernas!

O missionário Lawrence Olson escreveu certa vez que, quando ainda criança, a sua mãe advertiu-o sobre os perigos da teologia liberal — e isso lá pelas primeiras décadas do século XX! De fato, o liberalismo teológico é um dos produtos enganosos gerados pelo culto à intelectualidade ainda no século XIX, notadamente nos arraiais alemães.

Em tempos de tanto avanço do conhecimento, o perigo é ainda maior, porque somos instigados todos os dias a conhecer mais e mais. Geralmente, usamos o conhecido versículo da epístola de Pedro para dizer que devemos “crescer na graça e no conhecimento” (2 Pe 3.18). Pode partir daí nossa inclinação para o engano, pois a própria citação do texto está incompleta e, portanto, com um sentido não escriturístico. A expressão completa é: “Crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”, ou seja, não vem em abono nenhum a intelectualidade ou a cultura geral.

É evidente que não podemos fazer apologia à ignorância, mas também devemos ter muito cuidado com o canto da sereia feito pelo intelectualismo moderno. Veja que não me refiro à pura intelectualidade, mas ao intelectualismo.

Uma das coisas que precisamos considerar logo de início é que se trata de um tremendo engano pensar que nossos pais eram ignorantes. Se estivermos falando dos pais apostólicos, encontramos um Paulo, por exemplo, inigualável entre todos os seguidores de Cristo. Se formos aos Pais da Igreja, temos uma galeria de céleres homens piedosos e profundos em conhecimento, teólogos e pensadores de primeira grandeza que marcaram os primeiros séculos da era

cristã. São homens como Clemente de Roma, Clemente de Alexandria, Inácio de Antioquia, Policarpo, Justino Mártir, Irineu de Lião, Orígenes, Tertuliano, Eusébio de Cesareia e tantos outros.

Nos tempos da Reforma Protestante, tanto antes quanto depois dela, encontramos verdadeiros eruditos da fé, cujas obras são clássicos até hoje insuperáveis. No alvor da filosofia iluminista, não faltaram homens de Deus de cujas penas saíram obras teológicas que suplantaram todo o pensamento racionalista e ateu daqueles tempos.

A teologia liberal do século XIX encontrou respostas firmes e contundentes de célebres cristãos tanto da Europa quanto da América, o que foi fundamental inclusive para o grande avivamento do início do século XX. Ademais, na seara pentecostal, houve um verdadeiro celeiro de pensadores que produziram sólida teologia, muito bem exposta, por exemplo, por tantos ensinadores que fizeram história no solo brasileiro. O Dicionário do Movimento Pentecostal, editado pela CPAD, é uma excelente fonte de consulta para toda esta plêiade de homens de Deus.

Triste é ver agora, numa clara repetição da mesma cantilena que contaminou a Europa e os Estados Unidos, se falar em uma releitura da Bíblia, da contextualização da teologia à luz da modernidade, numa clara indicação de reprovação do sólido entendimento doutrinário já cristalizado ao longo dos séculos.

Se, de um lado, não podemos abonar o desprezo ao conhecimento geral e, especialmente, ao estudo bíblico e teológico, de outro não podemos ficar iludidos com o intelectualismo, o qual, numa linguagem muito sutil, quer abrir caminho para uma revisão do pensamento teológico conservador, de nossa ortodoxia, o que não tem outro fim senão o secularismo, o cientificismo e o abismo do liberalismo teológico, qualquer que seja a sua vertente.

Nesse sentido, é fundamental que o líder tenha maturidade. Primeiro, como já dito, para não se ufanar da ignorância e continuar sendo um inimigo do conhecimento, trabalhando contra todo e qualquer processo de aprofundamento no pensamento teológico e doutrinário.

Conhecer o que pensavam os estoicos e epicureus servia não para que Paulo debatesse com eles ao nível do seu entendimento filosófico, assim como o

conhecimento que ele tinha dos poetas do seu tempo não o levou a poetizar, mas tudo isso foi importante para que ele, como homem de Deus escolhido especialmente para o ministério aos gentios, entendesse bem o seu tempo e refutasse tudo com o evangelho simples e poderoso de nosso Senhor Jesus Cristo.

Aliás, geralmente, uma das coisas que o intelectualismo faz é logo roubar nossa simplicidade, levando-nos ao rebuscamento em momentos e lugares onde nada mais cabe senão a mais singela simplicidade. Faz parte da corrupção dos sentidos de que disse Paulo e que poderia afastar-nos da simplicidade que há em Cristo Jesus (2 Co 11.3).

O líder maduro não embarca em qualquer canoa somente à luz da novidade, da estética da linguagem, da promessa de erudição. O líder maduro sabe que o conhecimento geral de que precisa e, acima de tudo, o conhecimento bíblico e teológico devem ser buscados na estrita direção de Deus e para a glória dEle.

Qualquer tipo de idolatria torna-nos presa fácil do engano, e isso se aplica ao intelectualismo. Quando já nos sentimos incomodados ao ouvir os simples e ansiamos pelo acadêmico, iniciamos um caminho que pode levar-nos, lá na frente, à incredulidade. A verdadeira fé não depende da intelectualidade, pois é atributo do Espírito.

Eu tinha pouco mais de 20 anos quando recebi um grande desafio de apresentar em um seminário teológico o tema fé e razão. Uma das conclusões que expus foi a de que não é a razão que dirige a fé, mas a fé que dirige a razão — e isso até certo ponto, pois, em muitos caminhos pelos quais trilhamos, a razão não avança, mas somente a fé. Como disse Paulo, é de fé em fé que se descobre no evangelho a justiça de Deus, pois “o justo viverá da fé” (Rm 1.17). Eis o grande brasão da Reforma Protestante. E é justamente essa descoberta que importa ao homem, pois dela vem a compreensão da justificação, tornando-o reconciliado com Deus. Como me disse certa irmã, que conversou comigo sobre determinado assunto jurídico, quando lhe perguntei se estava entendendo o que eu dizia, respondeu-me: “Não sei de nada disso. A única coisa que sei é que Jesus me salvou!”. Que extraordinária revelação!

O intelectualismo pode levar-nos a um caminho muito longo, complexo e confuso, mas que não é suficiente jamais para dar-nos uma convicção tão maravilhosa como essa.

Os Estudos Teológicos

O líder maduro sabe que é preciso conhecer a Bíblia antes de estudar Teologia. Não é pouco comum vermos uma grande preocupação em tornar-se teólogo antes mesmo de estudar as doutrinas bíblicas. Outro problema é exigirmos que o curso seja reconhecido pelo Ministério da Educação, não sabendo que isso tem o ônus de submeter-nos a um currículo contaminado.

Enquanto o curso livre permite que se estude dentro da visão confessional, o reconhecimento oficial impõe a obediência a um currículo que também contemple o que poderíamos chamar, em síntese, de diversidade religiosa e evangelho social. Basta examinarmos a diretriz curricular do MEC para percebermos isso.

É verdade que ainda estudamos nossa matriz doutrinária, porém gastamos boa parte do tempo oferecendo para alunos ainda incautos o estudo de áreas que mais poderão confundi-los do que os firmar no conhecimento da pura fé e da prática própria da denominação.

Não podemos desprezar que também seja necessário ao estudo teológico o acesso ao conhecimento de outros ramos do saber religioso, histórico, filosófico e cultural. Acontece que nem sempre quem incentiva ou mesmo faz o curso tem noção crítica para ouvir tudo e reter o que é bom.

Não é o caso de subestimarmos a capacidade de ninguém, mas, sim, de saber que, no ambiente eclesiástico, a expectativa geralmente não é acadêmica. O perigo é quando não se oferece base bíblica e doutrinária suficiente para uma exposição ao estudo teológico dentro da visão filosófica, sociológica e científica que impõe o Ministério da Educação.

Mas o assunto realmente não é de tão fácil equação, pois a falta de espaços acadêmicos comprometidos com a doutrina pentecostal, por exemplo, tem feito valorosos líderes baterem às portas de instituições de orientação religiosa totalmente distinta, e muitos deles não conseguem esconder a forte influência que carregam quando saem de lá. A questão, então, não é fugir do conhecimento,

mas, sim, buscar, produzir e oferecer o conhecimento bíblico, doutrinário e teológico condizente com as verdades expostas nas Escrituras Sagradas.

O Fim do Confessionalismo

O mesmo se diz quanto ao perigo existente com o fim da ênfase no confessionalismo nos ambientes acadêmicos e na produção literária. Um selo editorial costuma servir como um certificado de garantia doutrinário-confessional da obra, o que nem sempre representa. Assim, isso é altamente nocivo a um líder que não tenha maturidade para selecionar bem o que lê.

Às vezes, vejo em livrarias evangélicas de linha conservadora títulos que jamais estariam ali se os seus donos realmente conhecessem os seus conteúdos e fundamentos! Nitroglicerina pura, como as obras dos autores da teologia da Igreja Emergente, bem analisadas pelo pastor Silas Daniel na sua obra *A Sedução das Novas Teologias* (CPAD).

É por isso que se diz que o líder maduro já superou a fase da ilusão do intelectualismo, buscando, na direção de Deus, conhecer tudo quanto for necessário e útil para o exercício do seu ministério, não como uma obrigação de demonstrar conhecimento, mas de servir ao Senhor com a preparação condizente à altura e dignidade do seu ofício.

A simplicidade dos santos homens de Deus nunca os impediu de ter conhecimento de forma moderada, pois eles sempre entenderam que, em primeiro lugar, vem uma vida de piedade, devoção e contrição.

O intelectualismo pode levar-nos ao engano de ler muito sobre a Bíblia, porém ler pouco a Bíblia; de ler mais os comentários e notas de rodapé do que os próprios versículos; de colecionar bíblias de muitas versões, mas não ler sequer a versão padrão. Com o tempo, isso pode avançar para leituras meramente teológicas, daí para leituras críticas, filosóficas e assim por diante.

Em diversos momentos da sua carreira, Paulo demonstrou que não tinha apego ao intelectualismo. Embora fosse um homem preparado nos ramos do

conhecimento da sua época, teve como propósito dedicar-se à pureza do evangelho. À igreja de Corinto escreveu:

Porque nada propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. (1 Co 2.2-5)

Evangelismo ou Apologética?

Tenho visto nos últimos anos uma sutil tendência que chega ao Brasil de ser dada mais ênfase à apologética do que ao evangelismo; mas não a apologética que cresci vendo, qual seja, aquela que demonstra e combate as heresias das seitas. Trata-se de uma apologética que pretende substituir a pregação do evangelho pelo raciocínio dialético, pela técnica pressuposicional ou pelo evidencialismo. Nesse mesmo tempo, tenho encontrado autores que, a par das experiências passadas nos seus países há muitas décadas, foram arautos no sentido de alertar para o perigo desse movimento. Dentre eles, cito o doutor Martyn Lloyd-Jones (1899–1981), autor galês que pregou na Capela de Westminster, em Londres, por quase 30 anos. No seu livro *Autoridade*, comentando justamente o texto que acima citei (1 Co 2.2-5), ele diz:

Paulo decidiu que não iria perder o seu tempo com eles, discutindo sobre pressupostos. Ele não iria começar com um argumento filosófico preliminar e depois, gradualmente conduzi-los à verdade. Não! Ele começa por proclamar com autoridade o Senhor Jesus Cristo.

O célebre escritor diz mais:

Tenho uma crescente impressão de que devemos voltar a isso. Não sei com certeza se a apologética não foi a maldição do cristianismo evangélico nos últimos 20 ou 30 anos. Não estou dizendo que a apologética não é necessária. Todavia, estou sugerindo que, com uma espécie de sabedoria mundana, temos nos aproximado do mundo na base de apologética em vez de (como o apóstolo Paulo) determinar não saber nada “a não ser [...] Cristo [...] crucificado”.

Lloyd-Jones foi enfático ao dizer que tinha receio de que o tipo de apologética que conheceu talvez tivesse sido “a maldição do cristianismo evangélico”. Jones disse isso em 1957. Ou seja, por volta dos anos de 1930, a Inglaterra já vivia esse triste quadro. Não nos esqueçamos de que os ingleses foram, sem dúvida, os maiores pregadores dos séculos XVII, XVIII e XIX, principalmente pela liderança que exerceram nas missões modernas.

Já no século XX, a liderança americana também não ficou isenta desse tipo de ênfase em uma defesa intelectual da fé cristã. Dentre eles, talvez A. W. Tozer (1897–1963) tenha sido o mais crítico dessa dita estratégia de pregação. Da obra O Melhor de Tozer, extraímos:

Só a revelação cristã possui a resposta às perguntas não respondidas sobre Deus e o destino da humanidade. Permitir que essas respostas cheias de autoridade fiquem negligenciadas enquanto buscamos respostas em toda parte e não encontramos nenhuma, parece-me nada menos que loucura.

Tozer ainda diz:

A negligência atual das Escrituras inspiradas por parte do homem civilizado é uma vergonha e um escândalo; pois essas mesmas Escrituras lhe dizem tudo o que ele quer saber ou deveria saber sobre Deus, sua própria alma e destino humano [...]. Tudo o que me impeça de chegar à Bíblia é meu inimigo por mais

inofensivo que pareça. Tudo o que prenda minha atenção quando deveria estar meditando sobre Deus e as coisas eternas prejudica minha alma.

Lembro-me de um debate sobre a existência de Deus realizado em 2009 entre o apologista Lane Craig e o ateu Christopher Hitchens (1949–2011), ambos americanos. Craig, depois de uma defesa inicial feita com base na filosofia, com argumentos racionais e científicos, ouviu de Hitchens:

[...] se tivéssemos tido este debate em meados do século XIX, o professor Craig ou o seu equivalente saberia pouco ou provavelmente nada sobre as leis da física e da biologia, talvez até menos do que eu sei agora, o que, digamos, muito em si. E eles teriam se fundamentado na fé, na Sagrada Escritura, na revelação, na perspectiva de salvação, sobre os meios da graça, e na esperança da glória e talvez sobre a teologia natural de Paley.

Tirando a referência a William Paley e à sua teologia natural, parece-me que Hitchens havia visto o que temos dificuldade de ver: os apologistas costumavam valer-se da fé e das Escrituras como esteio da sua pregação.

A declaração de Hitchens expõe justamente o abismo de engano em que se meteu a apologética: ao contrário de Paulo, que se propôs a não saber qualquer outra coisa senão a Cristo, os apologistas modernos procuram saber de tudo, da ciência e da filosofia, para tentar provar a existência de Deus.

Se olharmos bem as Escrituras, veremos que Deus nunca nos mandou pregar a sua existência, pois a existência das coisas que estão criadas é suficiente para dar ao homem o conhecimento de que Deus existe e, portanto, torná-lo inescusável diante dEle. Paulo escreveu aos Romanos 1.20:

Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis.

Em outras palavras: não precisamos dedicar tempo algum buscando provar para alguém pela filosofia ou pela ciência que Deus existe. Ele existe e pronto. A criação prega isso a todo instante.

No dia do debate com o teólogo americano William Lane Craig, Hitchens agradeceu-o por estar dando a ele a oportunidade — o palco — para propagar o seu ateísmo. Ou seja: Hitchens, como Richard Dawkins e tantos outros, “adoram” quando encontram um cristão que se presta a discutir sobre Deus no campo da filosofia e da razão. Paulo não lhes daria essa oportunidade.

É verdade que, no Areópago, em Atenas, Paulo tenha feito referência aos atos de criação de Deus, mas trata-se de uma situação específica diante da existência de um altar ao Deus desconhecido, a quem ele identifica como o Criador dos céus e da terra, porém deixa claro que esse Deus não poderia ser encontrado senão pela fé, pois diz: “[...] para que buscassem ao Senhor, se, porventura, tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de nós” (At 17.27), mas logo passa para o objetivo maior da sua pregação: o arrependimento e a fé em Jesus Cristo (At 17.30-32).

É livre para o homem a busca do conhecimento, e será uma grandiosa bênção sempre que o fizer visando à glória de Deus. A ciência não assusta a fé. O que preocupa é o crescimento do consumo de livros cheios da apologética evidencialista e pressuposicionalista, enquanto se enfraquece a pregação do evangelho nos moldes paulinos! Não tenho dúvida de que isso é fruto do intelectualismo que nos cerca. O problema maior é que o consumo não se dá no meio acadêmico, mas no público em geral. Como disse há pouco, são muitos os autores consagrados que viram esse mal nos seus países há mais de 50 anos! A Europa e os Estados Unidos já foram profundamente afetados por essa tendência.

Afagando o Ego

Há uma forte sedução ao intelectualismo porque ele oferece a todos a

oportunidade de demonstrar nossa inteligência. A demonstração de intelectualidade agrada nosso ego, põe-nos em evidência e admiração, especialmente por aqueles que também se encantam com o conhecimento humano.

A exposição simples do evangelho parece não nos atrair, porque não comporta a formulação de pressuposições, de raciocínio dialético, de teses acadêmicas e de tantos recursos de retórica e oratória. Ao ego humano, agrada o exercitar em assuntos elevados. Não que — como já disse — tenhamos que cultivar a ignorância. Precisamos buscar conhecimentos gerais, além do bíblico, mas ter a simplicidade escriturística no momento da exposição, como bem vemos em mestres de nosso tempo, como o pastor Antonio Gilberto. Aliás, são do pastor Antonio Gilberto as seguintes recomendações acerca do preparo do líder:

1) O obreiro deve ler muito – Todo obreiro deve ler muito. Ler sempre, e acima de tudo, a Bíblia. Mas também ler livros comuns, dicionários, comentários, manuais, atlas, gramáticas, devocionais, jornais, revistas, etc. Paulo disse a Timóteo: “Persiste em ler” (1Tm 4.13).

O primeiro livro do Novo Testamento inicia com a palavra “livro” (Mt 1.1). E em 2 Timóteo 4.13, Paulo no final de seu ministério, no seu último livro, nos momentos finais de sua vida, falou sobre a importância da leitura para ele: “Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos”.

2) O obreiro deve cursar formalmente, e continuar como um bom autodidata – Fazer cursos bíblicos e também cursos seculares. Em Êxodo 5.1, observamos Moisés comparecendo perante Faraó, rei do Egito, o país mais desenvolvido daquela época, e ele era um homem preparado (At 7.22).

Em Atos 17.15ss, vemos Paulo em Atenas, o maior centro cultural daquela época. Paulo era um homem preparado.

Apolo, em Atos 18.24,25, é descrito como “eloqüente, poderoso nas Escrituras, e ensinava”.

3) O obreiro deve fazer sempre sua autocrítica – O obreiro pode fazer isso de várias maneiras.

4) O obreiro deve contactar e conviver com pessoas espirituais e cultas – Pessoas espirituais e cultas em cultura bíblica, e também secular; cultura polivalente. Geralmente, tais pessoas são simples na sua maneira de ser. Também o obreiro deve frequentar ambientes culturalmente seletos.

[...]

6) O obreiro deve ser um bom observador e também um observador bom.

O obreiro deve estar sempre atento para não perder as boas lições da escola da vida.

[...]

7) O obreiro deve sempre estudar a Palavra de Deus.

Estudar a Bíblia, e não apenas lê-la. A igreja está enchendo-se de obreiros de todas as categorias (e também de não obreiros) que estudam e conhecem a Teologia, sem contudo estudarem a Bíblia.

[...]

8) O obreiro deve aceitar a crítica construtiva.

Devemos aceitar tal crítica de quem sabe e pode fazê-la.

[...]

9) O obreiro deve frequentar conferências, convenções, seminários, escolas bíblicas, estudos bíblicos e outros eventos para obreiros.

[...]

10) O obreiro deve buscar sempre a glória de Deus.

[...]

11) O obreiro deve ser humilde de espírito.

Em Provérbios 11.2, lemos: “Com os humildes está a sabedoria”.

[...]

12) O obreiro deve orar, orar mais, e orar muito mais.

[...]

13) O obreiro deve ter continuamente o “óleo” da unção divina sobre si.

(Trechos do artigo Ministério Dinâmico – disponível no site www.cpadnews.com.br)

Fica nítido que o líder deve ser equilibrado para não ceder aos encantos do intelectualismo, mas também não rejeitar ignorantemente o conhecimento, que é indispensável para o seu preparo. É fruto da graça a atuação de um líder que busca conhecimento bíblico e cultura geral sem desprezar a unção do Espírito Santo. Flui desse líder a verdadeira sabedoria, que vem de Deus e é poderosa para instruir a muitos no caminho da verdade.

O problema é quando se acredita no conhecimento humano e despreza-se a busca incessante do poder de Deus. Isso é muito trágico especialmente no ministério da pregação e do ensino. Leonard Ravenhil (1907–1994), no seu livro *Por que Tarda o Pleno Avivamento?*, escreveu:

Ninguém precisa ser espiritual para pregar, isto é, a preparação e pregação de um sermão perfeito segundo as regras da homilética e com exatidão exegética não requerem espiritualidade. [...] uma pregação dessas pode sensibilizar as pessoas; mas a oração move o coração de Deus [...]. Com tudo o que possuis, adquira a unção, senão os altares vazios de nossas igrejas serão exemplos vivos de nosso intelectualismo ressequido.

Ravenhil estava descrevendo o que hoje vemos em muitos países, especialmente os do Velho Continente, onde os templos não somente estão se tornando exemplos vivos de intelectualismo ressequido, como também estão dando lugar a casas de shows e espetáculos.

A Holanda, por exemplo, teve um papel fundamental para o protestantismo — especialmente para o pensamento arminiano. Jacó Armínio (1560–1609) nasceu na Holanda e foi pastor em Amsterdã. Também nos tempos áureos do pentecostalismo europeu, a igreja holandesa era forte e bem atuante, como se extrai do Dicionário do Movimento Pentecostal (CPAD).

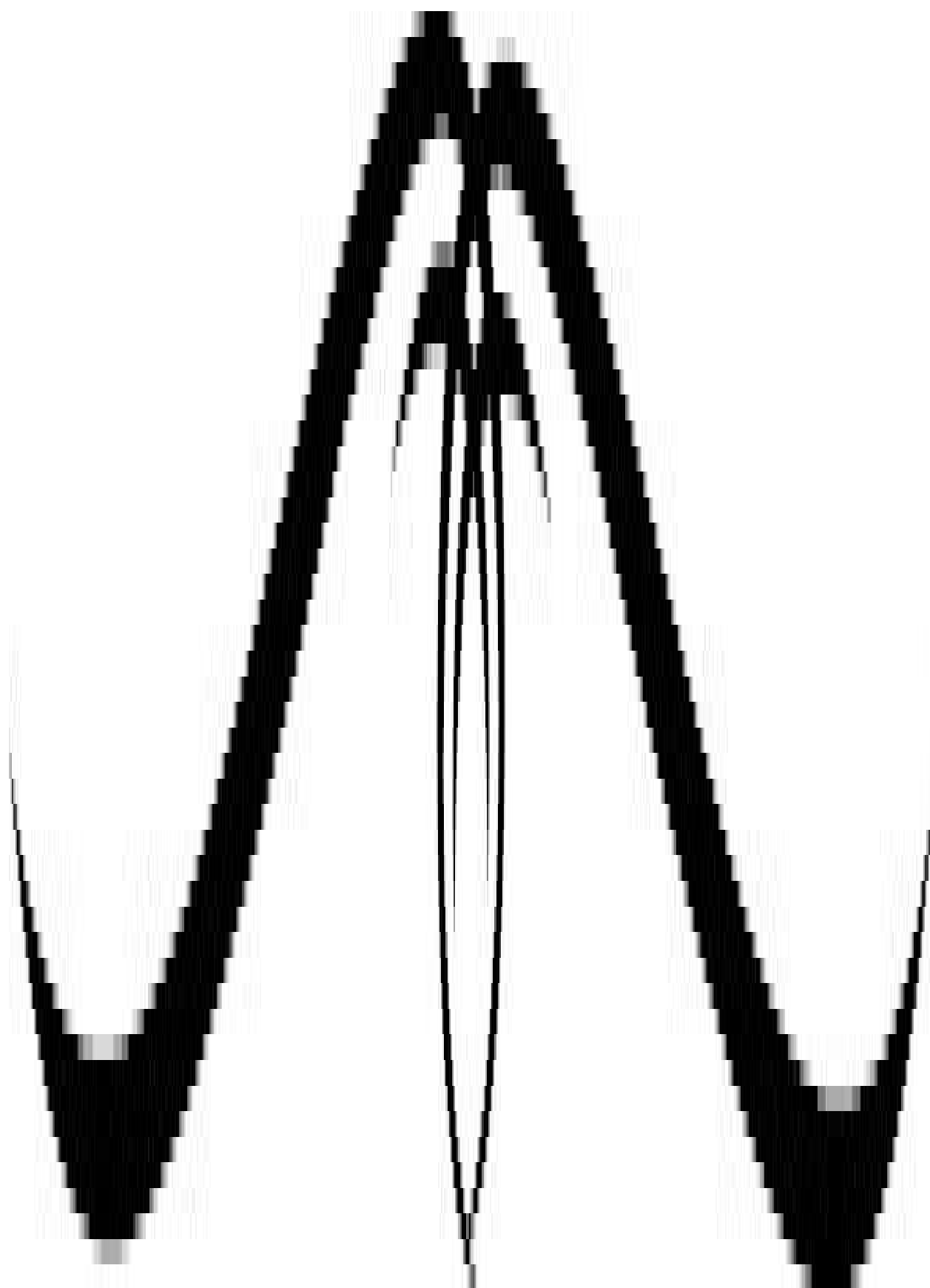
Naturalmente que a Igreja ainda resiste lá, mas muitos templos hoje são utilizados para outras finalidades. É triste ver como a orgia tomou conta de Amsterdã e como o verdadeiro culto a Deus foi abandonado! O seu Red Light District (Bairro da Luz Vermelha) — que não é o único no mundo (existem pelo menos duas centenas de outros), mas é o mais famoso de todos — é uma amostra da perversidade holandesa.

Certamente, não é o intelectualismo que pode deter o avanço do pecado. Assim, não podemos incorrer no mesmo erro de milhares de igrejas europeias e de outros continentes. Precisamos viver em constante vigilância e oração, não dando honra ao intelectualismo, mas servindo a Deus com sabedoria e equilíbrio. Como ensinou Paulo:

Que fareis, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. [...] Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia e adultos no entendimento. [...] Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação. (1 Co 14.15,20,26)

XIII

Entendendo o Tratamento de Deus



Uma fase extremamente difícil na vida do líder é quando ele é confrontado por Deus por causa dos seus pecados. Talvez o exemplo mais dramático das Escrituras seja o de Davi, o homem segundo o coração de Deus, mas que estava na hora errada e no lugar errado e acabou cometendo o terrível pecado de adultério com Bate-Seba, seguido do homicídio de Urias.

Em que pese em princípio Davi tenha-se mantido insensível quanto ao seu pecado, quando confrontado pelo profeta Natã, passou a ter o comportamento de alguém resignado, que admite a sua culpa e luta para suportar todas as suas consequências.

Tentar nos esquivar de nossas culpas e responsabilidades nunca funciona. É triste quando líderes relutam em admitir os seus pecados e culpas, tentando empurrar o lixo para debaixo do tapete. É também triste quando se admite o pecado, mas não se aceita as consequências.

Precisamos entender desde logo a diferença entre o perdão de nossos pecados e as consequências advindas deles, as quais somente podem ser aplacadas pela infinita misericórdia de Deus quando nos entregamos totalmente a Ele em sincera humildade. As consequências de nossos pecados fazem parte não somente da justiça de Deus, como também do seu amor, atributos que, como os demais, têm perfeita e absoluta sintonia.

As consequências são inevitáveis, porque “Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6.7). O castigo é fruto do seu amor, “porque o Senhor corrige o que ama” (Hb 12.6). Sem essa maravilhosa pedagogia de Deus, ficaríamos soberbos, sem temor e fatalmente retornaríamos sempre ao mesmo abismo do erro. Diz o salmista:

Antes de ser afligido, andava errado; mas agora guardo a tua palavra. [...] Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos. [...] Bem sei eu, ó SENHOR, que os teus juízos são justos e que em tua fidelidade me afligiste. (Sl 119.67,71,75)

Que compreensão maravilhosa teve o salmista! Deus tem todo o poder de tratar-nos em meio a nossos fracassos para que sejamos restaurados e amadurecidos. Não adianta insistir em permanecer no palácio. É melhor fazer como Davi: aceitar o vitupério a fim de que Deus, na sua infinita bondade e segundo as suas misericórdias, possa, ao seu tempo e segundo a sua vontade, devolver-nos ao lugar que nos tem reservado.

Não é pouco comum deparar-se com líderes que, sem essa maturidade, insistem em permanecer nas suas posições e com as suas honras e privilégios mesmo diante dos seus manifestos fracassos. Armam-se motins, insiste-se em quizilas legais e até judiciais, em vez de lançar-se nos braços do Todo-Poderoso, suportando o seu tratamento e não lançando culpa nos homens.

O exemplo de Davi, como já disse, fala-nos bem audivelmente sobre isso. O rei de Israel soube aceitar as consequências dos seus pecados. Não insistiu em permanecer no palácio, mas deixou-o debaixo de xingamentos, em um quadro triste, que a Bíblia bem descreve.

Deixando Jerusalém

Uma das consequências do pecado de Davi foi a rebelião do seu filho Absalão. Quando o rei soube que vinha Absalão e com ele um grande exército, deixou o palácio a pé, chorando e com a cabeça coberta. Todo o povo chorava com ele “a grandes vozes” (2 Sm 15.16,23,30). Davi, além de abrir mão da sua posição, teve preocupações muito nobres.

Em primeiro lugar, apressou-se em sair de Jerusalém, cuidando para que a cidade não fosse ferida a fio de espada (2 Sm 15.14). Quantos líderes insistem em permanecer em “Jerusalém” e terminam por permitir que sejam provocadas tantas feridas na cidade. Esses, além de sofrer as consequências dos seus próprios pecados, responderão diante de Deus pelas feridas causadas ao povo!

Davi entendeu que não poderia ficar em Jerusalém:

Disse, pois, Davi a todos os seus servos que estavam com ele em Jerusalém: Levantai-vos, e fujamos, porque não poderíamos escapar diante de Absalão. Dai-vos pressa a caminhar, para que porventura não se apresse ele, e nos alcance, e lance sobre nós algum mal, e fira a cidade a fio de espada. (2 Sm 15.14)

Davi não convocou os seus servos a entrincheirarem-se, a resistirem na cidade a qualquer custo. Ele mediu bem as consequências e soube compreender que precisava deixar a cidade com urgência para protegê-la da destruição. Insistir nos seus postos quando deveriam deixá-los com humildade tem sido a reação de muitos líderes mesmo diante de gravíssimos quadros de fracasso. Armam as suas trincheiras e resistem até quando podem. Costumam sair destroçados em situação de difícil retorno.

O líder precisa saber a hora de entrar e a hora de sair. Se, de fato, pensar primeiramente no povo, abrirá mão do conforto da cidade, evitando que terceiros sofram por causa dos seus próprios pecados. Sofrimento já haverá pela queda do líder, mas são desnecessárias tantas outras feridas, que podem ser evitadas com a sua saída rápida de Jerusalém. É triste, certamente, porém é necessário!

Se o líder reconhecer o seu erro e tiver uma reação nobre em defesa da herança de Deus, poderá alcançar uma recuperação mais rápida e menos dolorosa. Certas atitudes terminam por revelar que o líder não tinha a mínima maturidade para estar onde estava, porque, mesmo em flagrante pecado, faz de tudo para escondê-lo e, mesmo descoberto, minimiza as suas consequências e luta para negociar a sua permanência e a manutenção do seu status quo. A restauração de Davi deveu-se muito ao fato de que ele não agiu assim.

Outra nobre preocupação de Davi foi com a Arca de Deus: “Então disse o rei a Zadoque: Torna a levar a arca de Deus à cidade; se achar graça aos olhos do SENHOR, ele me tornará a trazer para lá e me deixará ver a ela e a sua habitação” (2 Sm 15.25). Não há como deixar de sentir e entender profundamente a importância dessa atitude de Davi e lamentar com tristeza as atitudes de líderes, que, diante de flagrantes pecados, insistem em assegurar as suas prerrogativas sem nenhuma preocupação com a Arca de Deus.

Davi não exigiu nada para si. Muito pelo contrário! Abriu mão de todas as suas prerrogativas e saiu a pé, com os pés descalços e chorando, em estado de

profunda humilhação. A sua preocupação — como já dito — foi com a Arca de Deus.

Atitudes distintas dessa de Davi demonstram a falta de maturidade e de um coração preparado para servir a Deus com um amor profundo e sincero, tendo não a si mesmo, mas a Casa do Senhor e o seu povo como valores principais, mais elevados, e reconhecendo a sua própria indignidade. O entendimento de Davi foi muito claro: não adiantaria nada insistir em manter-se na sua posição de rei, pois somente poderia voltar ao palácio “se [achasse] graça aos olhos do SENHOR” (2 Sm 15.25).

Mais que isso, Davi estava disposto a receber de Deus todo o tratamento, qualquer que fosse ele, pois diz: “Se, porém, disser assim: Não tenho prazer em ti; eis-me aqui, faça de mim como parecer bem aos seus olhos” (2 Sm 15.26). Essa é uma visão clara da glória e da soberania de Deus que tanto precisamos em nossa vida se realmente queremos ser líderes maduros, preparados para tão nobre função e missão, que é servir nas fileiras do serviço cristão.

A Igreja nos Tribunais

O processo de judicialização das lides eclesiais é uma das maiores tragédias que se pode ver no ministério, e isso só pode ser evitado quando deixamos ser preparados por Deus ao tempo e modo dEle para que não cheguemos a qualquer posição na sua casa sem um coração amadurecido pelas experiências de sofrimento, rejeição, angústias e tantas dores, como ocorreu com Davi. Precisamos aprender a perder.

Líderes que têm a capacidade de expor a igreja nas barras dos tribunais talvez não imaginem o nível de perda de poder espiritual que isso lhes causa. Trata-se de uma nítida desconfiança de que Deus está no controle. É um lançar mão de recursos próprios, como se Deus precisasse de recursos de terceiros para pô-los nas posições de liderança espiritual.

O secularismo não admite que a igreja seja regida por leis próprias, de natureza espiritual, sob o juízo direto de Deus. Advoga-se a tese de que, se toda

autoridade é constituída por Deus, podem também as autoridades civis serem buscadas para dirimir conflitos na igreja. Mistura-se governo espiritual com governo secular, humano. Traz-se para o Corpo de Cristo, do qual Ele é a cabeça, o poder da autoridade civil.

Paulo censurou os coríntios por muito menos que isso. Para o apóstolo, os cristãos não poderiam ir aos tribunais contra os seus irmãos por coisas desta vida (negócios particulares). O que diria, então, da escolha do arbítrio secular para as questões internas da igreja? Eis o que questionou Paulo:

Ousa algum de vós, tendo algum negócio contra outro, ir a juízo perante os injustos e não perante os santos? Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois, porventura, indignos de julgar as coisas mínimas? (1 Co 6.1,1)

Paulo deixa claro que já era vergonhoso os coríntios terem demandas uns contra os outros. Mesmo nas questões seculares, a recomendação é para que sofressem a injustiça e o dano (1 Co 6.7). O que se pode dizer, então, das questões relativas ao governo da igreja?

Davi não se aproveitou em nenhum momento do caráter injusto das atitudes do seu filho Absalão. Ele confiou em Deus, deixando ao seu arbítrio toda a sua causa.

Se Deus não tivesse, pela sua graça, trabalhado tão fortemente no coração de Davi desde a sua juventude, não teria ele a mínima chance de ter uma reação tão sábia diante de um quadro tão crítico como aquele que viveu. Nossa tendência, se dominados por nossa própria natureza, é resistir a todo e qualquer processo de confronto de nossos pecados e culpas, apegando-nos em “garantias” que nada garantem e esquecendo-nos de que só teremos ou seremos alguém na casa de Deus se acharmos graça aos seus olhos. Somente se tem autoridade espiritual legítima quando a posição assumida ocorre por delegação de Deus.

Suportando a Disciplina

Triste também é quando outros líderes — que circundam o que está sob confronto — armam-se para a defesa deste, não aceitando o tratamento que Deus precisa fazer. Em algumas situações, saem como líder, mas em atitude de rebelião, incitando-o ou simplesmente seguindo para imediata formação do seu próprio reino — geralmente, outra igreja ou comunidade — ignorando o tempo da disciplina.

Davi agiu bem diferente. Além de enviar de volta a Arca de Deus, disse aos sacerdotes que voltassem para Jerusalém (2 Sm 15.24-29). Davi não levou a “igreja” consigo, nem fundou outra estando debaixo de disciplina. Ele entendia que era o responsável pelos seus atos e que a Arca do Concerto devia ficar em Jerusalém, ou seja, a igreja deve permanecer no seu lugar, com os cultos a Deus funcionando normalmente. Por isso, Davi disse aos sacerdotes que voltassem para Jerusalém.

Não são poucos os casos de líderes que pecam e, quando precisam deixar Jerusalém, querem levar consigo a Arca e os sacerdotes para formar a sua própria igreja. Como já dito, Davi tinha consciência de que somente poderia realmente se levantar quando Deus tornasse a trazê-lo de volta a Jerusalém: “se achar graça aos olhos do SENHOR, ele me tornará a trazer para lá e me deixará ver a ela [a arca de Deus] e a sua habitação” (2 Sm 15.25b).

Tempo de Apedrejamento

Durante esse processo de tratamento de Deus, o líder está sujeito até mesmo a apedrejamentos, como ocorreu com Davi. Simei amaldiçoou e lançou pedras contra o rei e todos os seus servos, chamando a Davi de “homem de sangue” (2 Sm 16.5-8). É nesta hora que aparecerá alguém, ainda que bem intencionado, para tentar impedir o apedrejamento, como ocorreu com Abisai, filho de Zeruia (16.9).

A boa intenção de Abisai não deixava de ser fruto também da sua imaturidade, pois é preciso entender que, quando o líder está sob disciplina por causa dos seus

próprios pecados, inevitavelmente aparecerá algum Simei. Que Deus nos livre de fazer tal papel, mas é próprio que “Simeis” participem desse tipo de história, e não adianta reagir tentando tirar-lhes a cabeça, como quis Abisai (16.9).

Aqui vemos a imaturidade de um líder auxiliar, que não entendeu que, mesmo todo o seu apego e consideração ao seu líder, não podia justificar a sua atitude violenta para impedir as consequências do pecado do seu superior.

Extraordinária foi, mais uma vez, a reação de Davi, que soube frear o ímpeto de Abisai, pois via não somente o ato de Simei, como também o tratamento de Deus na sua vida.

Essa compreensão de Davi extrai-se claramente das suas palavras firmes ao seu impetuoso liderado: “Que tenho eu convosco, filhos de Zeruia? Ora, deixai-o amaldiçoar, pois, se o SENHOR lhe disse: Amaldiçoa a Davi, quem, pois, diria: Por que assim fizeste?” (16.10).

Davi não cometeu o erro que se comete muitas vezes, de permitir ou sutilmente promover verdadeiros conflitos entre o povo, instigando os liderados a “cortarem a cabeça” daqueles que não se contém e expõem os fracassos do líder. O líder auxiliar maduro não age como Simei, amaldiçoando, mas também não age como Abisai, que repeliu com violência os que se insurgiram contra o pecado do rei.

O resultado de tudo isso, sabemos, foi que Deus restaurou a Davi e honrou-o, trazendo-o de volta para o palácio em Jerusalém.

Retorno sem Revanche

Outro segredo vital para uma completa restauração do líder é viver o seu tempo de exílio sem alimentar o desejo de voltar com uma atitude de revanche. Nesse ponto, a liderança de Davi novamente nos inspira, pois ele era realmente um homem segundo o coração de Deus (1 Sm 13.14). Apesar de tudo o que sofreu, quando soube da morte de Absalão, não teve qualquer sentimento de vingança, porém chorou com profunda tristeza, gritando em alta voz (2 Sm 18.33; 19.1-4). Diante de Simei, que o havia apedrejado, novamente repele os filhos de Zeruia e poupa a sua vida (19.22,23).

Um líder assim, que entende o tratamento do Senhor, obtém a graça de receber novamente profunda alegria da presença de Deus, a alegria da salvação, podendo, como Davi, cantar com o mais profundo da sua alma:

Deus é o meu rochedo, e nele confiarei; o meu escudo, e a força de minha salvação; e o meu alto retiro, e o meu refúgio. Ó meu Salvador, de violência me salvaste. [...] Cordas do inferno me cingiram, e encontraram-me laços de morte. Estando em angústia, invoquei ao SENHOR e a meu Deus clamei; do seu templo ouviu ele a minha voz, e o meu clamor chegou aos seus ouvidos. (2 Sm 22.3,6,7)

As lições que extraímos do exemplo de Davi é que não adianta insistir em permanecer no palácio se o tratamento de Deus exige que o deixemos. Insistir em manter a posição não querendo abrir mão de prerrogativas e vantagens não resolve o problema.

Exemplos da História

A história mostra as tragédias daqueles que decidiram aquartelar-se, produzindo mais e mais revolta, com resultados sangrentos. Desses movimentos costumam nascer fissuras históricas, feridas de difícil cura, de proporções inimagináveis.

O exemplo de nações que viveram episódios sanguinários também se aplica, infelizmente, a muitas igrejas, bem como a falta de maturidade de líderes, que reagem mal em tempos de crise, tirando os olhos de Deus, que a tudo controla, e buscando preservar a si mesmos e aos seus próprios interesses.

Se a monarquia e o clero francês tivessem discernido os tempos que viviam na segunda metade do século XVIII, teriam evitado a sangrenta Revolução Francesa (1789). O recrudescimento construiu um clima propício para a revolta, desencadeando um processo irracional de derramamento de sangue.

Líderes que constroem as suas próprias bastilhas terminam por promover o uso

das guilhotinas, que poderão ceifar a sua própria cabeça e das suas famílias, assim como ocorreu com a monarquia francesa. Lembremos que Davi deixou a cidade e não permitiu que Abisai “guilhotinasse” a Simei, porque não queria ver nenhum derramamento de sangue. Ele também não quis ver sangue derramado quando voltou ao palácio.

Diferentemente dos franceses, que terminaram divididos depois da Revolução, líderes prudentes, como Davi, agem de forma a manter o povo unido. Também evitam, diferentemente da França, que surjam ditadores como Napoleão, que não proporcionaria um bom futuro para o país.

Basta acompanhar a história da França para saber que, até hoje, os franceses colhem frutos amargos daqueles tempos de revolução. Os desdobramentos históricos levaram o país a decisões que terminaram por enfraquecê-lo, comprometendo a sua soberania diante da tomada interna ocorrida pela força migratória. Nos ataques ocorridos em Paris em janeiro e novembro de 2015, os terroristas destilaram o seu ódio aos franceses e fizeram referências aos precedentes da história. Os próprios historiadores, com a sua visão de mundo, relacionam o ódio islâmico ao simbolismo da França advindo da Revolução de 1789.

Em julho de 2016, a história repetiu-se nas ruas de Nice, no sul da França. O Estado Islâmico reivindicou a autoria do massacre que deixou 84 mortos e 200 feridos, atropelados por um caminhão justamente no feriado em comemoração à Queda da Bastilha. Essas constatações ficam ainda mais evidentes quando fazemos uma leitura espiritual da história, vendo não somente os episódios de 1789 e 1799, como também voltando aos fatos sangrentos de repressão ao protestantismo, como o massacre dos huguenotes, ocorrido em Paris e outras cidades da França a partir da noite de 24 de agosto de 1572, considerado dia de São Bartolomeu!

Não é somente o caso da França. Outros países da Europa têm histórias semelhantes.

Não há dúvida de que os erros dos líderes trazem consequências para o povo. No caso da igreja, as rebeliões costumam marcar a história, com episódios sucessivos de difícil contenção. Não há como negar essa triste realidade, ignorando as consequências espirituais de não entender o agir de Deus em nossas vidas.

O Pecado do Líder: Mais Duro Juízo

Se, por um lado, a liderança na casa de Deus é uma elevada honra (Hb 5.4), por outro lado é um tremendo peso de responsabilidade, submetendo-nos a um juízo mais duro (Tg 3.1).

No caso do pecado de adultério, por exemplo, não há como considerar igualmente um líder com um cristão que não exerce função de liderança. A repercussão do pecado e as suas abrangências são distintas. Assim, é preciso discernir entre o perdão do pecado e as consequências advindas dele.

O pastor Douglas Roberto de Almeida Baptista escreveu sobre isso em um artigo publicado no site de notícias da CPAD (www.cpadnews.com.br) a partir de um enfoque relacionado à questão do divórcio.

Da visão exposta por Baptista, extraímos em síntese:

[...] o candidato divorciado por motivo incompatível com as exceções bíblicas (Mt 19.9; 1Co 7.15) e aquele que, enquanto casado, tenha praticado adultério [...] não preenche o requisito bíblico de “homem de uma única mulher” e portanto [está] inabilitado para o exercício do ministério pastoral [...] Certamente que os envolvidos em quaisquer destas situações, ao confessarem o pecado, receberão o perdão de Deus. Contudo há de se fazer uma diferença entre ser perdoado e ser qualificado para o ministério. Se os fatos tenham ocorrido antes da conversão “Deus não levará em conta o tempo da ignorância” (At 17.30). Porém, se tais erros forem cometidos após a conversão, como pecador arrependido recebe perdão, mas como candidato ao ministério torna-se incapacitado.

E diz mais:

Confesso que como cristão gostaria que fosse possível a restauração ao ministério pastoral do obreiro em falta neste quesito (pecado de adultério). Porém como intérprete comprometido com as Escrituras discordo que homens adúlteros permaneçam no exercício pastoral. Sou convicto que a interpretação bíblica exclui do ministério pastoral aqueles que se envolvem com o divórcio trivial e o adultério. Ainda não fui persuadido do contrário. Os que não concordam com esta posição aqui defendida, apresentam diversas conjecturas, opiniões pessoais e ainda a “práxis” da igreja contemporânea. Porém, tais conjecturas são biblicamente refutadas: “o Ministro deve ser irrepreensível e com bom testemunho dos que estão do lado de fora da Igreja” (1Tm 3.2,7).

Embora posições como essa possam parecer duras, certamente não foi fácil para Moisés ver a Terra Prometida e não poder entrar nela, justamente por causa do episódio em que falou duramente com o povo e feriu a rocha, contrariando o que Deus havia mandado (Nm 20.7-12). Moisés estava irritado e “falou imprudentemente com seus lábios” (Sl 106.33). Como ressalta o pastor Donald Stamps:

Moisés era o líder espiritual do povo de Deus, por meio de quem Deus outorgara a lei. Sua responsabilidade de obedecer à palavra do Senhor era maior, por causa da sua posição elevada e influência (cf. Tg 3.1) [...] Através desses versículos, Deus faz ver a todos os ministros do evangelho que a responsabilidade de obedecer à Palavra de Deus é maior devido a sua posição e influência. Assim como Moisés desqualificou-se para introduzir o povo em Canaã, assim também os ministros de hoje podem ser reprovados em caráter permanente para certas áreas de liderança, por sua infidelidade aos mandamentos de Deus.

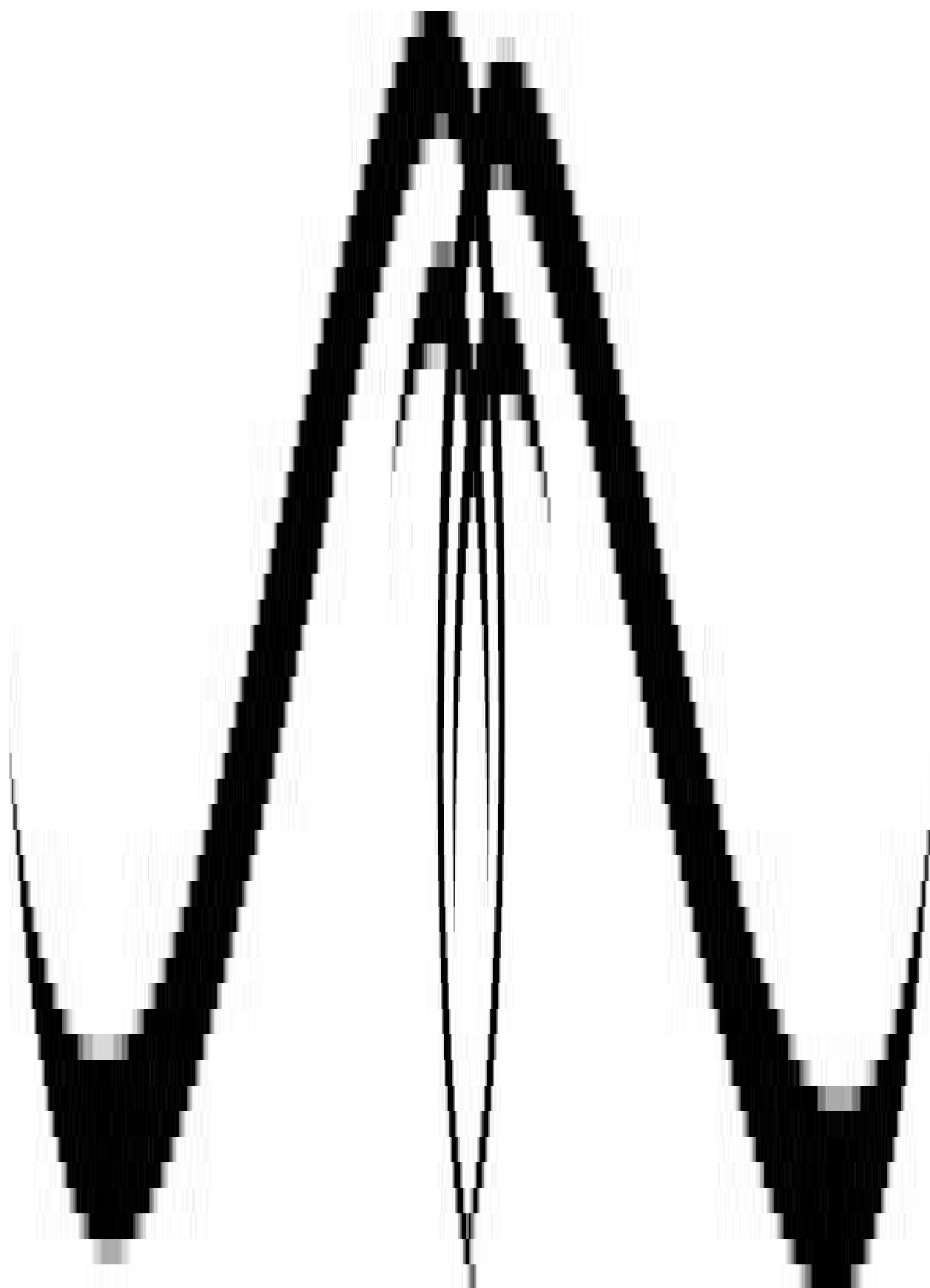
Não há dúvida de que Deus confere ao líder o alto privilégio de servi-lo junto ao povo, mas também não há dúvida de que, quando esse líder peca, o tratamento do pecado é proporcional à sua posição, dentro da mais perfeita justiça de Deus.

Que o Senhor guarde os seus servos de todo pecado. Que os líderes fiquem livres de toda mancha. Todavia, diante de um triste quadro de transgressão, convém atentar para o exemplo de Davi, entender o tratamento de Deus e submeter-se

humildemente a Ele, o Único que tem o poder de perdoar e restaurar. Ele quer a todos nós em Jerusalém!

XIV

Aprendendo Sempre



A vida é um grande aprendizado. Viver a vida sem aprender não combina jamais com o propósito de Deus para o ser humano. Para o líder, o chamado ao aprendizado é ainda mais intenso. Uma das evidências mais claras vistas na vida dos líderes é o tempo que foi necessário para que aprendessem lições fundamentais para o desempenho dos seus chamados.

Deus não chama líderes prontos. Ele prepara-os ao longo do tempo, ensinando-lhes as suas verdades usando pessoas, circunstâncias e tudo o que os cerca.

Deixar de aprender é uma das maiores tragédias que alguém pode viver. A vida precisa ser uma sucessão de aprendizados. Moisés rogou a Deus que o ensinasse diariamente: “Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos coração sábio” (Sl 90.12).

O líder aprende quando aceita ser ensinado primeiramente por Deus, depois por todos aqueles que são postos no seu caminho com essa tarefa. Crescer em maturidade é exatamente isto: aprender sempre.

O aprendizado não vem para os que apenas querem, mas também para os que se dedicam a aprender. Por mais que não gostemos da expressão “preço a pagar”, há, sim, um custo, um esforço. Isso está de acordo com a justiça de Deus: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e, ao que bate, se abre” (Mt 7.7,8).

Na escola da maturidade, o aprendizado não é teórico; é essencialmente prático. Lições extraídas das experiências de outros nos são muito valiosas, desde que sejam internalizadas e passem a fazer parte de nossa vida.

O bom líder é ensinável. O bom líder tira lições das suas próprias experiências e é atento ao que o cerca, sempre procurando aprender para a vida. A maturidade é a assimilação e a prática de verdades profundas, princípios e valores fundamentais que devem nortear nosso viver.

Jesus sempre ensinou os seus discípulos e as multidões sobre a indispensável necessidade de praticar as lições que transmitia. Ao final do Sermão da Montanha, Ele deixou bem claro que ouvir os seus ensinamentos não livraria os seus ouvintes de fracassos na vida. Era preciso pô-los em prática.

O Mestre ensinava a construir a vida com o alicerce correto para que fosse possível suportar as intempéries que são comuns a todos os viventes.

Jesus falou sobre dois grupos dentre os que ouviam os seus ensinamentos. O primeiro são aqueles que ouvem e praticam, ou seja, levam a sério e obedecem de coração, esforçando-se para viver as verdades aprendidas:

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopravam ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. (Mt 7.24,25)

O segundo grupo é formado pelos que ouvem, mas não obedecem, não põem em prática o que ouviram:

E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda. (Mt 7.26,27)

A imaturidade leva o líder a construir sobre a areia. A empolgação da sua posição, as oportunidades que ele passa a ter, os espaços que se lhe abrem, os elogios, as bajulações, os sonhos de grandeza, enfim, um corolário de situações e coisas seduzem o seu coração e deixam-lhe a falsa impressão de que está fazendo tudo certo. Quanto mais quando resultados aparecem!

Edificar na areia é muito mais fácil que edificar na rocha porque é construído rapidamente. Não dá trabalho; o esforço é mínimo; não precisa dedicar-se a aprender na prática. E, mais que isso: impressiona logo!

O problema é que esse líder não sabe que chega o tempo da chuva, dos rios e dos ventos. Às vezes, vem a chuva; em outro tempo, correm os rios, e em outro,

sopram os ventos. Todavia, às vezes vem tudo junto: chuva, rios e ventos. Verdadeiras tempestades devastadoras.

A casa construída sobre a rocha resiste, permanece firme; já aquela construída sobre a areia cai — e com grande queda. Todos os cristãos precisam saber dessa verdade, e os líderes mais ainda, para que sejam sábios para ensinar a outros.

As lições da vida devem ser praticadas com esforço. A maturidade é ampliada à medida que deixamos a pressa e abraçamos a prudência.

Atribui-se ao escritor francês Marcel Proust (1871–1922) a frase “o tempo é o senhor da razão”. A expressão tem variedade de sentidos. Para o próprio Proust, parece ter indicado o conflito do tempo com as lascivas aspirações do homem. Mas há também, para a mesma frase, um sentido de que somente com o tempo é possível ao homem alcançar a compreensão de muitas verdades que são fundamentais para a sua vida. O tempo estaria encarregado de trazer luz a cantos nebulosos e incompreendidos da experiência humana.

A Palavra de Deus estabelece a adequação do tempo ao dizer que “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Ec 3.1). O que restaria ao homem é justamente alcançar essa compreensão entre o seu tempo (o *chronos*) e o tempo de Deus (o *kairós*). A falta desse ajuste é que produz muitos conflitos.

O pecado do homem levou-o à Queda e afastou-o do tempo de Deus. A necessária saída do Éden e o fechamento do caminho à árvore da vida foram uma clara indicação de que o homem teria agora, como consequência da sua culpa, viver em um tempo distante da perfeição do tempo de Deus (Gn 3.22-24). Neste exato momento, estamos presos nesse tempo, até que alcancemos inteira redenção e voltemos para o tempo de Deus, quando “não haverá noite” (Ap 21.25).

Até que isso ocorra, viveremos as consequências da Queda com uma vida de duras lições, indispensáveis para que o homem aprenda a viver temendo a Deus, sabendo que o final da sua existência será justamente a volta ao pó da terra (Gn 3.16-19). Isso também criaria no homem a necessidade e o desejo de retorno a Ele, o que apontaria para Cristo.

Assim como Deus tratou com Israel, forjando-o como nação no Egito, depurando-o no deserto e lidando com os seus erros e acertos ao longo de toda a

sua história (tudo com o fim de trazê-lo para si), assim Ele também age conosco nesses tempos. É essa vida de construção na rocha, que leva mais tempo que a obra feita na areia, que nos leva a aprender o que realmente precisamos saber. É um tempo de discernimento, de encontro com as revelações que não se acham na superfície, que dependem de escavação.

Nas cidades antigas, o que se vê hoje sobre o solo pouco ou nada diz a respeito da história do lugar e do seu povo, salvo onde já foram feitas diversas escavações. E, quanto mais se busca, mais se depara com registros antigos, trazendo à luz informações que se encaixam e fazem cada vez mais sentido.

O líder precisa ser alguém assim. Compenetrado, dedicado a escavar, a buscar conhecer o que realmente existe nos fundamentos. Já se diz também que muitos veem o que acontece, mas não sabem o que está acontecendo. Outros sabem o que está acontecendo, mas não sabem o porquê. Há outros, porém, que não somente veem o que acontece, como também sabem o que acontece e por que acontece. Outros há, todavia, que participam do processo que faz acontecer.

O líder cristão precisa ser assim: um agente de transformação. Como servo de Deus, ele precisa estar habilitado para ser um instrumento dEle para promover mudanças duradouras neste mundo que tenham como fim a eternidade.

Para serem realmente eficazes, tais mudanças não podem ser superficiais, mas, sim, mudanças que promovam aperfeiçoamento, edificação, preparação de novos agentes transformadores, crescimento do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

O líder precisa estar habilitado a trabalhar não em madeira, feno ou palha, mas em ouro, prata e pedras preciosas, como diz Paulo:

E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade, o Dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo. (1 Co 3.12-15)

É evidente que uma obra feita em madeira, feno ou palha impressiona mais e mais rápido. Mas de que valerá se será destruída pelo fogo?

O líder precisa aprender que a sua obra passará pelo crivo de Deus e que, portanto, ele precisa submetê-la aos padrões divinos, e não aos padrões das pressões e exigências humanas — muito menos mundanas.

Esses líderes sérios e comprometidos são ministros de Deus, trabalhadores selecionados para o propósito da obra que Ele que os chamou. E esse propósito é amplo, conforme declara Efésios 4.12-16.

Em primeiro lugar, visa ao “aperfeiçoamento dos santos” a ponto de também os capacitar “para a obra do ministério”. Essa obra tem como missão cíclica e contínua a “edificação do corpo de Cristo” e com um alvo elevado e extraordinário: “até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo [...]”.

O trabalho desse líder maduro e capacitado ao longo do tempo terá, pela graça de Deus, o poder de libertar a muitos da sua própria imaturidade, “para que não sejamos mais meninos inconstantes”. Esses novos cristãos maduros terão firmeza suficiente para não serem “levados em roda por todo vento de doutrina” e estarão também com uma mente espiritual instruída na verdade para que possam identificar e rechaçar o “engano de homens que, com astúcia, enganam fraudulentamente”.

Tudo isso promoverá um crescimento integral, com base na verdade e no amor: “Antes, seguindo a verdade em caridade, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”, dentro de um ajuste e uma operação completa (v. 16).

O Discipulado Responsável

O líder cristão maduro e que realmente aprendeu a aprender sabe perfeitamente que ser discípulo de Jesus requer uma permanente obediência.

Após falar aos judeus e muitos crerem nele, Jesus dizia-lhes: “[...] Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos, e

conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.31,22).

A manifestação de crença em Jesus deveria necessariamente ser seguida de uma permanência nos seus ensinamentos, ou seja, de uma vida de obediência, não devendo ser apenas uma obediência formal, aparente; por isso, Jesus diz para permanecer “verdadeiramente”, que, no texto, está ligado à permanência na palavra, isto é, a uma obediência sincera e constante. Somente isso faria com que aqueles professores crentes tornassem-se discípulos de Jesus, não apenas seguidores da sua pessoa ou do seu nome, mas também dos seus ensinamentos.

Essa vida prática de absorção dos ensinamentos de Jesus possibilitaria aos então discípulos o conhecimento da verdade e a libertação de toda a vida de engano, de velhos conceitos, valores e práticas. Está claro nos Evangelhos que Jesus ensinava com mais profundidade somente aos seus discípulos mais próximos, os doze, justamente porque estes eram os que permaneciam com Ele (Mt 13.10-17). Os discípulos de Jesus, assim como Maria, irmã de Lázaro, “acervavam-se dele” (Mt 13.10), ou seja, haviam decidido segui-lo constantemente.

No exemplo de Marta e Maria, vemos justamente o efeito desse discipulado responsável e intenso. Marta, que andava ansiosa atrás dos seus afazeres, demonstrou conhecimento acerca da ressurreição do último dia, mas não tinha sentimentos mais profundos no seu interior, capazes de permitir a ela uma comunicação de alma com Jesus (Jo 11.24-28).

Maria veio e disse as mesmas palavras que Marta havia dito para Jesus, mas com uma diferença: as atitudes dela expressavam sentimentos muito mais nobres, enraizados nela ao longo do tempo em que se dedicou a aprender de Jesus. Diz o texto: “Tendo, pois, Maria chegado aonde Jesus estava e vendo-o, lançou-se aos seus pés, dizendo-lhe: Mestre, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11.32). O resultado foi bem distinto quando do seu diálogo com Marta:

Jesus, pois, quando a viu chorar e também chorando os judeus que com ela vinham, moveu-se muito em espírito e perturbou-se. E disse: Onde o pudeste? Disseram-lhe: Senhor, vem e vê. Jesus chorou. (Jo 11.33-35)

A comunicação feita por Maria era fruto da sua dedicação, do valor que deu a Jesus, dos seus ensinamentos e da sua presença. Era outra estrutura espiritual. Um coração quebrantado e contrito. Uma líder espiritualmente madura, que reconhecia o seu Mestre a ponto de tratá-lo com profunda humildade, lançando-se aos seus pés.

Mais tarde, em um jantar em Betânia, Marta novamente aparece servindo, enquanto Maria “tomando uma libra de unguento de nardo puro, de muito preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe os pés com seus cabelos [...]” (Jo 11.2; 12.2,3).

Quando nos dedicamos realmente a aprender, esse discipulado responsável tira-nos do formalismo e direciona-nos ao caminho da adoração.

O Líder Conhece os Caminhos de Deus

Davi registra no Salmo 103 a forma como Deus trata os seus líderes no que diz respeito à revelação dos seus caminhos e das suas obras: “Fez notórios os seus caminhos a Moisés e os seus feitos, aos filhos de Israel” (v. 7).

Como já dito, o líder não somente vê o que está acontecendo, como também precisa saber por que está acontecendo. Mais do que isso, Deus é quem lhe dá a oportunidade de compartilhar previamente desses acontecimentos (Am 3.7). Isso está muito claro na liderança de Moisés. Os filhos de Israel viam o que Deus fazia, mas Moisés sabia de antemão o que Deus faria, pois se comunicava com Ele face a face (Êx 33.11). Essa visão ampla que o líder precisa ter somente se obtém com o entendimento da necessidade de viver mais próximo de Deus, dedicando tempo na presença dEle. Era isso que Moisés fazia.

A visão do líder está voltada para o caminho, vê ao longe, conforme a medida da revelação dada por Deus. Os liderados veem quando acontece. Para que tenha sempre uma visão própria da liderança, o líder precisa manter contínua disposição de aprender, e aprender em todas as circunstâncias, com grandes e pequenos. Em situações que se reputa importantes, mas também nos momentos mais simples da vida.

A riqueza de detalhes dada por Deus a Moisés para a construção do Tabernáculo, a instituição do serviço sacerdotal e os sacrifícios demonstra o quanto o líder precisa ouvir a Deus pacientemente, aprendendo a obedecer-lhe em tudo. Quanto mais recebemos orientação de Deus para nosso viver diário, menos agimos por nós mesmos e comprometemos a eficácia de nosso trabalho.

A dependência do líder em relação à direção de Deus deve ser total. Ele deve andar quando a nuvem andar e parar quando a nuvem parar.

Deus não é movido pela nossa pressa. Caso fosse, não seria Deus. O segredo não é a hiperatividade espiritual, mas uma dependência constante, que nos faça ter o dinamismo e a mobilidade do Espírito, aprendendo sempre. Moisés ouvia a Deus, mas também teve a sensibilidade de aprender com o seu sogro Jetro.

Paulo teve a experiência de ser impedido pelo Espírito Santo de pregar em certos lugares e aprendeu a viver cada dia do seu ministério sem a inquietação do amanhã. Ele recebia revelações “de cidade em cidade” (At 20.23). O resultado é que obteve êxito na sua jornada a ponto de não deixar a obra inacabada. Ele foi até ao fim proposto por Deus para a sua carreira.

Correr muito não é sinal de prosperidade. Prosperidade é melhorar a cada dia, aprendendo a ser mais efetivo e eficaz. O segredo é chegar ao lugar certo na hora certa. Se a jornada de liderança precisa durar 40 anos, não adianta tentar cumpri-la em três.

Moisés não questionou a Deus pelos caminhos em que o povo percorreu pelo deserto, embora soubesse que a distância que os separava de Canaã não demandava tanto tempo de viagem. Embora pessoalmente estivesse apto a fazer aquele percurso em um tempo menor, para ser líder do povo, precisava estar com ele nos longos 40 anos de peregrinação.

Aprender o que mais Importa na Vida

O muito fazer e uma corrida desenfreada atrás do vento não são sinal de maturidade. A observação do que acontece na vida e como ela funciona habilita-

nos a valorizar o que é mais importante.

O líder que aprende a aprender é um observador constante, mas não um crítico contumaz. Observar não significa criticar. Salomão dedicou-se a observar e aprender:

E apliquei o meu coração a esquadrinhar e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu; essa enfadonha ocupação deu Deus aos filhos dos homens, para nela os exercitar. Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito. (Ec 1.13,14)

O resultado foi constatar a fugacidade da vida e que o mais importante de tudo é temer a Deus e guardar os seus mandamentos (Ec 12.13). Ou seja: o conhecimento retira do homem as muitas ilusões da sua existência, levando-o a firmar-se em Deus para que seja apto a vencer em todas as fases da vida.

Um dos pontos práticos desse aprendizado é aprender que o homem falha, mas Deus é fiel sempre.

O líder precisa aprender que os homens falham, mas a fidelidade de Deus permanece. Aprender isso não somente na teoria, mas também na prática, é fundamental. O líder precisará ser exercitado em decepções para que possa evitar muitas frustrações ao longo da caminhada.

O líder também precisa aprender que a Igreja é importante, mas a família vem antes dela. Também esse aprendizado precisa ser prático, e não meramente teórico. Isso também evita frustrações, principalmente no final da carreira.

A exposição excessiva da família pode produzir desgastes e sequelas para as quais o líder terá muitas dificuldades em alcançar recuperação. Talvez não se alcance a cura.

Líderes de Gerações

Na área da liderança, crescem diariamente as fontes de ensino de técnicas e estilos de liderar. Também são muitos os exemplos de líderes notáveis, que fornecem experiências inspiradoras para todos os que têm a missão de liderar. Mas, acima de tudo isso, precisa vir o aprendizado pessoal, cuidadoso e específico a que cada líder precisa submeter-se, pois não existe fábrica de líderes em série.

No serviço cristão, cada um tem uma história, mas os princípios e valores estabelecidos por Deus são aplicáveis a todos. O sucesso de uma geração depende muito dos seus líderes e da capacidade que eles têm de influenciar as novas gerações. Um dos textos bíblicos mais contundentes sobre isso é o de Juízes 2.7-11:

E serviu o povo ao Senhor todos os dias de Josué e todos os dias dos anciãos que prolongaram os seus dias depois de Josué e viram toda aquela grande obra do Senhor, a qual ele fizera a Israel. Faleceu, porém, Josué, filho de Num, servo do Senhor, da idade de cento e dez anos. E sepultaram-no no termo da sua herdade, em Timnate-Heres, no monte de Efraim, para o norte do monte Gaás. E foi também congregada toda aquela geração a seus pais, e outra geração após eles se levantou, que não conhecia o Senhor, nem tampouco a obra que fizera a Israel. Então, fizeram os filhos de Israel o que parecia mal aos olhos do Senhor; e serviram aos baalins.

Vai começar uma das piores fases da vida de Israel, com uma sucessão de tragédias e fracassos, num constante opróbrio, sob o jugo dos povos a quem Deus tinha-lhes dado como presa.

Nesse tempo, vê-se uma flagrante falta de líderes e o que isso provoca a uma geração. A falta de bons referenciais deixava cada vez mais longe o conhecimento de Deus. As gerações que conquistaram a Terra Prometida já se foram. Levantou-se uma geração que não conhecia a Deus e nem aos seus feitos.

Primeiro, distancia-se do conhecimento de Deus. Depois, perde-se a noção da sua obra.

Como dito ao princípio, é urgente a necessidade de líderes que busquem um amadurecimento sadio a partir de um genuíno relacionamento com Deus nos moldes das Escrituras; líderes que tenham disposição de submeterem-se a todos os processos que Deus reserva a eles e que não se iludam com uma liderança fácil e glamorosa e nem com técnicas; que não confundam a natureza do seu ofício; que não negociem os seus valores; que resistam aos desafios da sua chamada. Somente esses são líderes de gerações.

É preciso paciência para que, “depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa” (Hb 10.36). As dificuldades da caminhada devem ser superadas com a esperança de que “ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá e não tardará” (Hb 10.37):

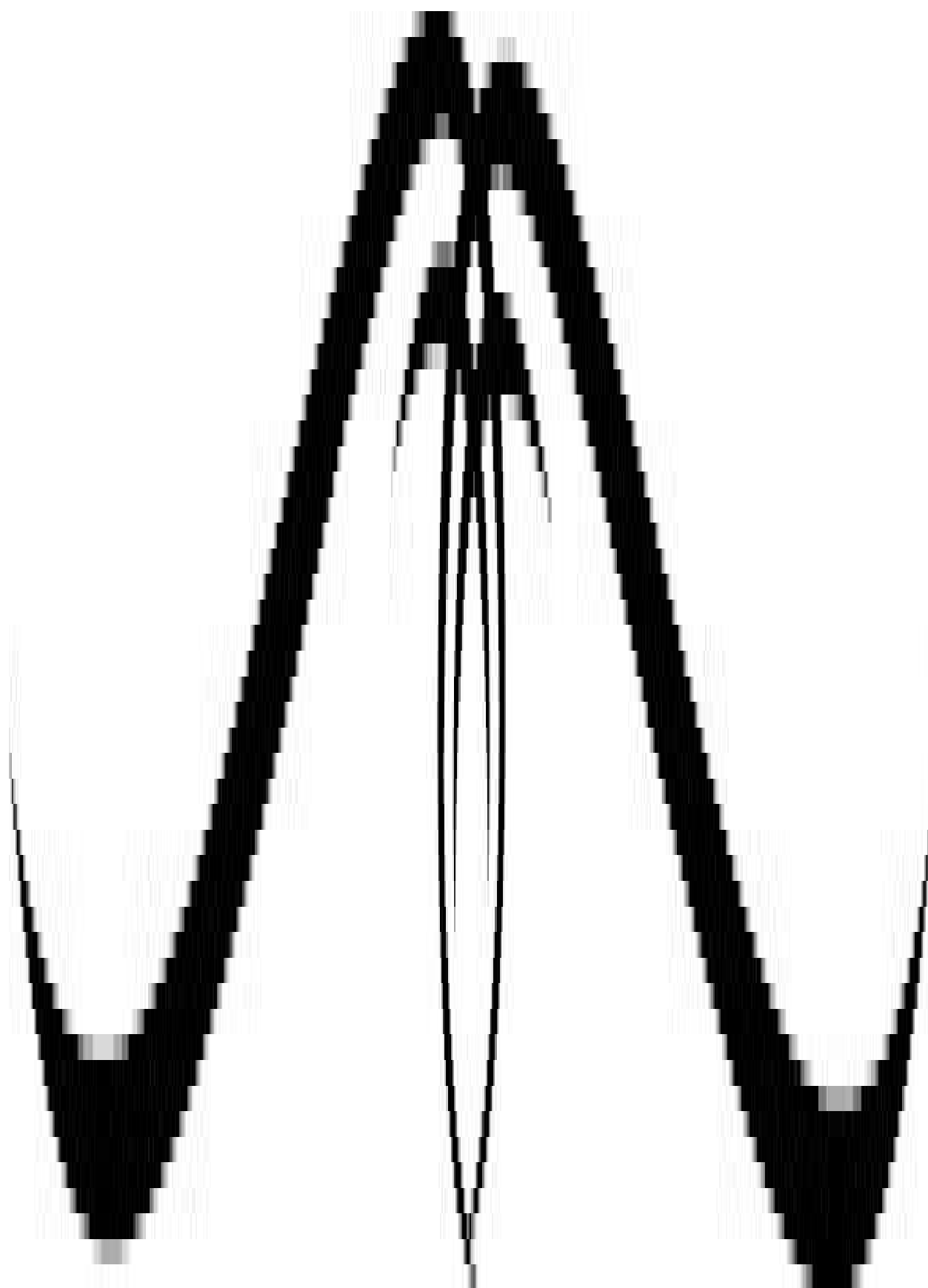
Mas o justo viverá da fé; e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele. Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a perdição, mas daquele que creem para a conservação da alma. (Hb 10.38,39)

Recordemos que os heróis da fé do Antigo Testamento “não alcançaram a promessa, provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito; para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados” (Hb 11.39,40). Dediquemo-nos a aprender enquanto temos tempo. Aprendamos não apenas instruções humanas, que também têm o seu valor, mas, acima de tudo, os segredos da sabedoria de Deus para uma liderança efetiva e eficaz. Influenciemos nossa geração não para nossa própria glória, mas para a glória de Deus.

Não é incomum que o fim de uma carreira aqui seja simples e singelo. O que importa é que se guarde a fé e haja a esperança da coroa da justiça (2 Tm 4.8).

xv

Referências



ARAÚJO, Isael de. Dicionário do Movimento Pentecostal. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

_____. Frida Vingren. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

_____. José Wellington — Biografia. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BAPTISTA, Douglas Roberto de Almeida. “O pecado de adultério e o ministério pastoral” [artigo]. www.cpadnews.com.br

Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD.

CABRAL, Elienai. A Síndrome do Canto do Galo. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

DANIEL, Silas. A Sedução das Novas Teologias. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

FERREIRA, Israel Alves. As Emoções de um Líder. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

GILBERTO, Antonio. “Ministério Dinâmico” [artigo]. www.cpadnews.com.br

GONÇALVES, José. Maravilhosa Graça. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

_____. Por que Caem os Valentes? 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006 (8. impr., 2012).

GOODALL, Wayde. Por que os Líderes Fracassam. 2. impr. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

HAVENHIL, Leonard. Por que Tarda o Pleno Avivamento. 1.ed. Venda Nova: Editora Betânia, 1989.

JONES, Martin Lloyd. Autoridade. 1.ed. São Paulo: PES, 2015.

JUNGHANS, Helmar. Temas da Teologia de Lutero. 1.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

MONTE, Marcel Paiva. “Os essênios nas obras de Flávio Josefo”, Revista Sapiens.

MURRAY, Andrew. Humildade: A Beleza da Santidade. 3.ed. São Paulo: Editora dos Clássicos, 2005.

NEE, Watchman. Autoridade Espiritual. 4.ed. São Paulo: Vida, 2009.

NELSON, Samuel. Samuel Nystrom [biografia]. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ORWELL, George. A Revolução dos Bichos. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PETHRUS, Lewi. Eu Sei em quem Tenho Crido. 5.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

Seleções das Cartas de John Wesley. Imprensa Metodista.

STOTT, John. O Discípulo Radical. 1.ed. Viçosa: Ultimato, 2011.

TOZER, A. W. Cinco Votos para Obter Poder Espiritual. 1.ed. São Paulo: Editora dos Clássicos, 2004.

_____. O Melhor de Tozer. 1.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

VINGREN, Ivar. Diário do Pioneiro Gunnar Vingren. 5.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.